

OLÍMPIO DE SOUZA ANDRADE

JOAQUIM NABUCO

eo Pan-Americanismo



Série 5.^a ★ BRASILIANA ★ Vol. 270
Biblioteca Pedagógica Brasileira

JOAQUIM NABUCO
E O
PAN-AMERICANISMO

603

1950

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
PRINTED IN THE UNITED STATES OF BRAZIL

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série V ★ BRASILIANA ★ *Vol. 270*

OLÍMPIO DE SOUZA ANDRADE

JOAQUIM NABUCO
E O
PAN-AMERICANISMO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

QUANDO MACHADO DE ASSIS, crítico respeitado aos vinte e cinco anos, julgara com certa benevolência um trabalho poético de Joaquim Nabuco, menino de quinze anos apenas, achando que ele podia "contar com o futuro", estava, sem o saber, não só lançando a base de uma das mais lindas e mais extensas amizades entre dois nomes que seriam pinaculares na vida literária e política brasileira, mas também insuflando entusiasmo no ânimo ainda indeciso de outro gigante que aparecia. O adolescente, entretanto, honestamente não aceitou o título de poeta, que poderia enchê-lo de "um orgulho sem fundamento", razão pela qual tentou definir-se em carta ao crítico, traçando o rumo que satisfazia aos seus impulsos mais íntimos: "...quando as minhas faculdades, concentradas pelo estudo e pela meditação, se poderem aplicar ao positivo e ao exato, deixarei de queimar incenso às Musas". (1)

Então, é claro, estaria onde realmente veio a estar: desligado do mundo ideal, da poesia e do sonho, no torvelinho da ação, da vida pública, vivendo os acontecimentos dos quais seria também um dos arquitetos, quando não o arquiteto principal. Vindo de uma estirpe brasileira de três séculos, de um círculo que nadava na riqueza e no fausto, usando "tudo de prata, até as fechaduras das portas" (2), trazendo no mais fundo de si mesmo um irresistível impulso religioso, mas sendo também dotado de raro equilíbrio, animado de espírito público em alto grão, pode realizar aquela

marcha referida no paralelo famoso de Graça Aranha (3), separando-se da aristocracia para fazer a abolição, ao mesmo tempo em que aquele seu crítico e animador fazia o inverso, vindo da plebe à aristocracia pela ascensão espiritual.

Efetivamente, já não havia o poeta de quinze anos no bacharel de 1865, empolgado com pensadores políticos de estatura mental de Bagehot, nem no jovem advogado que afrontara normas e princípios conservadores de sua época e de sua gente, apresentando-se perante o juri para defender um escravo assassino.

Porque a sede do seu oráculo íntimo estava em Massangana onde o leite preto o amamentara (4) e recebera dele o compromisso de uma luta sem tréguas pela redenção dos escravos, ele viu-se, em 1879, estreando na tribuna parlamentar, quando confessava, ao deixar a função de adido de legação nos Estados Unidos: "o meu desejo íntimo era continuar na diplomacia" (5). De fato, na diplomacia, que tanto o entusiasmara nos primeiros tempos, viria realizar a grande paixão de sua idade madura, quando já era nome feito na política e na literatura, uma reputação cujo apôio soava como prenúncio de vitória para qualquer movimento de caráter coletivo.

Assim, em princípios do século, ao receber com entusiasmo o convite de Rio Branco para conduzir o barco em lúcida, oportuna e larga manobra diplomática, Joaquim Nabuco trazia consigo um passado de popularidade natural e inevitável, conquistado a golpes de tenacidade, de amor, e de inteligência na campanha abolicionista de que, praticamente, foi a origem e o impulso, e que Rebouças disse ter

sido a primeira grande emoção que o Brasil proporcionara ao mundo. E trazia também um nome de escritor seguro e penetrante, de estilista poderoso, através sobretudo de duas obras que permanecem como pontos altos no panorama da inteligência brasileira: "Minha Formação" e "Um Estadista do Imperio" que, com "Os Sertões", de Euclides da Cunha, filiam-se mesmo à classe dos melhores documentos americanos.

Para bem situar este grande artífice da idéia pan-americana é absolutamente indispensável observar tais obras, assim como outras importantes no conjunto de seus escritos, todas elaboradas no decorrer de um decênio de exílio voluntário, destinado a curar feridas da luta gloriosa, porém, áspera e deprimente, em defesa dos escravos contra a fôrça organizada da aristocracia fazendeira. Durante os dez anos que correram entre 1889 e 1899, entre o sacrifício político de se afastar, deixando que a bandeira federalista passasse para as mãos de Rui, e a idéia clarividente de se reconciliar com o República, para continuar trabalhando pelo seu país, Nabuco viveu para os seus livros, para o núcleo famoso da Academia, debruçado sôbre os documentos, meditando e escrevendo, chegando, enfim, àquela "temperatura em que a imparcialidade apareceu" (6), fazendo-o receber com o silêncio da compreensão os diz-que-diz inflamados de seus detratores. Vendo que, "o que muda não é o barômetro, é o tempo", aceitando, ainda uma vez, uma idéia de Renan ("a fé que se teve nunca deve ser uma cadeia"), ele depois de longa resistência, enrolou a velha fé monarquista na sua "mortalha de púrpura" (7) e apertou a mão que

o presidente Campos Sales lhe estendia, aceitando o elevado encargo de preparar e defender a causa do Brasil na questão de limites com a Guiana Inglesa.

Era o início de nova vida de ação. Era Nabuco transferindo a sua extraordinária capacidade de argumentador, de aglutinador, de líder pela inteligência, para o campo mais vasto das relações internacionais; era o futuro embaixador voltando-se principalmente para a América, com cuja história se familiarisara durante os anos em que permanecera arredio das agitações políticas, da luta, da ação criadora. Daí o não podermos afirmar que aquele exílio voluntário traduz um "sepultamento aos quarenta anos".

Muito ao contrário. Destes anos de meditação e estudo é que provém o material mais importante, relativo ao estupendo fenômeno da americanização em Joaquim Nabuco, fenômeno lento, cujas origens, apesar do seu amor pela Europa, vinham de muito longe, como observaremos, e que não se fez presente nas páginas de "Minha Formação" porque este belíssimo livro incompleto foi escrito justamente quando seu autor apenas iniciava a fase americanista de sua vida de lutas e realizações.

Foi precisamente a constatação desta verdade, cada vez mais saliente, à medida que líamos ou relíamos seus escritos esparsos e seus livros, que nos fez abandonar a velha idéia que aponta o seu americanismo — de que o pan-americanismo foi uma evolução lógica — diretamente prêso às suas atividades nos Estados Unidos, como se ele fosse homem capaz de adquirir convicções de um momento para outro. Nada menos exato. Indo à fonte, às

suas obras, seguindo-o ano a ano em suas campanhas, o pesquisador, antes pouco animado com o material acessível, relativo às atividades panamericanistas do grande pernambucano, pode ver nas idéias matrizes, nas idéias propulsoras daquela ação, outro exemplo frisante do princípio que orientou a atividade pública de Joaquim Nabuco: "convicções consciadas do desinteresse e da pureza das suas origens não se mudam num dia" (8).

As idéias pan-americanistas do Embaixador nos Estados Unidos, que viriam a ser levemente retificadas pelo futuro, como veremos no final deste trabalho, procediam portanto, de sólidas convicções formadas lentamente, desde a sua viagem ao Prata. Não foi atôa que ele próprio confessou logo nas primeiras páginas de "Minha Formação": "Quando, entre a pátria, que é o sentimento, e o mundo, que é o pensamento, vi que a imaginação podia quebrar a estreita fôrma em que estavam a cozer ao sol tropical meus pequenos debuxos d'almas, *Ustedes me entiendem*, deixei de ir à Europa, a história, a arte, guardando do que é universal só a religião e as letras" (9). E também, não foi pelo simples desejo de uma declaração que, mais ou menos na mesma época, escreveu no "post-scripto" de "Balmaceda": "O interêsse que antes já me inspiravam as coisas sul-americanas aumentou naturalmente depois da Revolução de 15 de Novembro", "quando começamos a fazer parte de um sistema político mais vasto" (10).

Assim sendo, parece-nos claro que de suas convicções americanistas é que lógicamente deveremos partir num ensaio sôbre "Joaquim Nabuco e o Pan-americanismo". O próprio Nabuco mostrará,

através de suas obras, necessariamente citadas nos melhores estudos sobre a América, que não andou errado quem o apontou como "um clássico em assuntos americanos" (11), que a verdade se baseia nas suas longas e persistentes cogitações sobre o Novo Mundo, até o dia em que, passando da meditação e da pesquisa para a ação, "divisou no pan-americanismo, e particularmente na estreita inteligência do Brasil com os Estados Unidos — como bem observou em penetrante estudo o Ministro Raul Fernandes — um programa tão necessário nos seus pressupostos quanto largo em seus desdobramentos" (12).

(1) Joaquim Nabuco — "Cartas a Amigos" — Instituto Progresso Editorial — S. Paulo, 1949 — I vol., pag. 6.

(2) Carolina Nabuco — "A Vida de Joaquim Nabuco" — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1929 — pag. 3.

(3) Graça Aranha — "Machado de Assis e Joaquim Nabuco" — Monteiro Lobato & Cia. — Editores S. Paulo, 1923. — pag. 12.

(4) Joaquim Nabuco — "Minha Formação" — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1934 — pag. 185.

(5) Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 46.

(6 e 7) Joaquim Nabuco — Cit. de Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 331 e 333 respectivamente.

(8) Joaquim Nabuco — "Resposta às Mensagens" — Incl. em "Escritos e Discursos Literarios" — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1939 — pag. 64.

(9) Joaquim Nabuco — "Minha Formação" — pag. 36.

(10) Joaquim Nabuco — "Balmaceda" — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1937 — pag. 182.

(11) Luiz Guimarães Chaves — "A posição dos Estados Unidos no equilíbrio econômico e político do século XX". — Editora Guaíra — S. Paulo — 1942 — pag. 30.

(12) Raul Fernandes — "Joaquim Nabuco Diplomata" — Transcr. em "Autores e Livros" — supl. de "A Manhã" Vol. II, pag. 76.

O "EUROPEU" E OS ASSUNTOS AMERICANOS

FILIALMENTE PRÊSO AO CHÃO da América através da paisagem amorável de Mas-sangana, Joaquim Nabuco volta-se, desde a mocidade, para a vida americana, observando homens e acontecimentos, dando à sua obra a densidade americanista pouco referida devido, talvez, à impressão inexata que o mostra como homem invariavelmente prêso, por índole e educação, no círculo de ferro da vida européia. Si é verdade, entretanto, que a Europa exerceu sôbre ele uma ação prepotente, não menos verdade é a sua libertação daquela prepotência. É que só depois de 40 anos, no seu exílio voluntário, quando escrevera "Um Estadista do Império", "Minha Formação", "Balmaceda", aprofundara-se no estudo da história nacional e continental, cheias de revelações apenas entrevistas na mocidade quando só tivera, através de leituras e de viagens, contactos rápidos e espaçados com o continente.

Em 1871, aos vinte e dois anos, tendo lido e relido "A Cabana do Pai Tomaz", em que Harriet Beecher Stowe lançara o seu libelo contra a escravidão, ele, em carta ao pai, citava um trecho de Lincoln e desenvolvia argumentação tendente a induzir o velho senador a aceitar o Ministério "pelo menos por dois dias", afim de extinguir a escravidão, dizendo: "Eu não sonho para Vm. sinão a

gloria de Abraham Lincoln!" (1). Então, o exemplo dos Estados Unidos, ele o lembrava sempre, chegando a endereçá-lo ao imperador, com aquela petulância que provara existir de fato nele "um minimum de monarquismo e um maximum de republicanismo":

"Ao ver os Estados Unidos à frente do progresso industrial e moral, o Imperador compreenderia que os reis bem podem ser uma hipótese, um luxo, uma superfetação. Ao ver uma sociedade amplamente liberal e livre, governando-se sem rei, ele compreenderia que em certas épocas os povos podem dispensar qualquer tutela" (2).

Mais tarde, em 1876, entregou-se aos anos de aprendizagem diplomática nos Estados Unidos, tendo anotado, no seu diário, impressões de muita simpatia e compreensão, algumas das quais seriam passadas para as páginas do seu livro famoso de memórias. Expressava-se, então, da maneira equilibrada, que já o caracterisava, sôbre a viagem do Imperador à América do Norte, nesse mesmo ano, salientando que a visita provava que a monarquia brasileira era qualquer coisa de mais sólido e estável no panorama político convulso da América Latina (3). Nessa época conheceu também o Canadá.

Após a remoção para Londres, para a terra de Bagehot, que, politicamente, tanto influira na sua formação, e onde continuaria a sua carreira diplomática, sobreveem, em 1878, dois acontecimentos de enorme repercussão em sua vida; um, por-

tador de enorme satisfação, a subida do Partido Liberal, e outro envôlto em tristeza que o atingiu profundamente, a morte do pai, fato que o obrigou a retornar ao Brasil em abril do mesmo ano, quando já estava assentada a sua candidatura para a nova Câmara que se ia eleger. Eleito entre apreensões naturais às soluções de natureza política, iniciou Nabuco a sua caminhada de lutas e sacrifícios, peripécias inúmeras, como a do incidente que, pela primeira vez o ligou a um acontecimento que repercutiu fora de nossas fronteiras, e em que, em torno da campanha abolicionista, estiveram envolvidos o seu nome e o do embaixador Hilliard, dos Estados Unidos.

Na Câmara dos Deputados, entre Fevereiro e Junho de 1889, apesar de ser ainda em essência, o argumentador à maneira inglêsa, ele, não raro, voltou-se longamente para a América, sobretudo quando tratou da questão imigratória e do projeto da monarquia federativa (4). E na imprensa, através do "Jornal do Comércio" e d'O Paiz", entre 1884 e 1888, nem sempre se esquecia de referir-se ao Novo Mundo, de que o Brasil era parte, de que não poderia destoar, procurando também, aqui ou em Londres, ser correspondente de jornais argentinos e uruguaiois. Tais colaborações eram recebidas com indisfarçável júbilo pelos grandes órgãos do Prata, como se depreende de uma nota da redação sôbre uma correspondência sua de agosto de 1884 e na qual "La Razón" de Montevidéu se rejubilava proporcionando aos seus leitores um quadro da situação brasileira "traçado por mão de mestre e por um dos primeiros escritores do Brasil". Essa correspondência — um balanço da luta pela

abolição — Nabuco a terminava certo de que deveria causar satisfação “aos amigos da humanidade e a quantos no Rio da Prata, esquecidos de rivalidades e ressentimentos que a nova geração brasileira nem conhece, fazem votos pelo progresso e desenvolvimento desta vastíssima porção do continente americano” (5).

Por ocasião da espetacular vitória de 13 de maio de 1888 já era portador de singular e incontestada popularidade, no auge em 85, com a sua fotografia vulgarizada em todo o país, através de marcas industriais de charutos, cervejas, lenços, peças de fazendas e com seu nome titulando anúncios, inspirando poetas, passando a ser o nome dos que nasciam e até de novas flores (6).

Realizado o grande sonho da abolição, Nabuco resolve casar, empreendendo viagem de nupcias ao Prata, em meados de 1889.

A preferência de uma viagem pela América e não por outras partes do mundo, neste homem acusado de “europeu”, e que, na verdade, tinha formação européia e muitas vêzes cruzara o Atlântico é, sem dúvida, muito significativa, mostrando sua decisão de tomar contacto com a América, com o que realisava uma espécie de preâmbulo às atividades dos anos de reclusão voluntária em que escreveria seus grandes livros, voltando-se ora mais ora menos, para os aspectos diferentes da história do Novo Mundo. Era uma volta pela América, eram uns dias de descanso para o lidador infatigável, mas era também o desejo de, sem nenhuma preocupação política, sem o encargo de nenhuma missão oficial, auscultar a “pulsção continental”, observar socegradamente homens e acontecimentos na parte

sul do continente. Tanto que recusara um convite do Visconde de Ouro Preto, chefe do Ministério, para o desempenho de missão diplomática na Argentina, no Uruguai e no Paraguai. "Falamo-lhe — diz Afonso Celso, encarregado de sondá-lo sôbre o assunto — e ele mostrou-se grato ao convite do Visconde, mas declarou que não podia aceitar a nomeação por vários motivos, entre os quais o de que sua excursão seria apenas um passeio nupcial, acrescentando que o objetivo principal da missão, conforme lhe informamos, consistiria em tratar de matérias comerciais, repressão do contrabando nas fronteiras, etc., coisas para as quais não se achava preparado" (7).

Que a viagem ao Prata não traduzia um simples "passeio nupcial" ficou claro, desde logo, em certos fatos que atestam ser desejo de Nabuco conhecer tão despreocupadamente quanto possível a região do Prata. Primeiro o curioso e incômodo roteiro que percorrera, indo pelo rio Paraná até Assunção, no Paraguai, e, em seguida mais para o sul, visitando muitas províncias argentinas. Depois a inesperada e grata transmutação do caráter particular da viagem, que ganhou cunho oficial através de inúmeras manifestações, tais como a do banquete que lhe ofereceu a Associação Argentina de Imprensa e em que foi saudado pelo General Mitre, a dos estudantes argentinos, aos quais respondeu situando a monarquia na América, (9) e a da tomada de assento no Senado paraguaio, onde a sua voz não deixou de ser ouvida:

"Ofereceram-me para levar de Humaitá, como lembrança um dos projectis da guerra:

quisera que pudessem ser levados do solo paraguaio todas as balas que nele caíram, mas já que isso não pode ser, desejo que sobre esse chão no qual elas penetraram, cresça uma tal seára material e moral que seja impossível encontrar o menor vestígio dos dissentimentos passados" (10).

Tudo indica que era o unionista que falava, era o americanista que, logo em seguida, se mostraria num artigo em "O Paiz", encantado com a idéia do Congresso-Pan-Americano proposto para esse mesmo ano. E era sobretudo o estudioso animado do desejo de conhecer o ambiente, a paisagem, a gente do Rio da Prata, o cenário de boa parte da história de nossa política exterior, onde, ele mesmo o diria, "só tínhamos um interêsse, o de termos uma fronteira socegada e segura" (11). Joaquim Nabuco não se entusiasmara com a guerra terrível, acerca da qual os nossos grandes homens públicos não se referiram mesmo com demasiada simpatia, como observou Vicente Licínio Cardoso (12).

Da viagem ao Prata à qual voltaria a se referir com satisfação em carta de abril de 1899 ao Almirante Jaceguai, viera otimista, trouxera ótimas impressões, salvo uma de ordem muito particular, amarga, pois que, aproveitando a alta do câmbio brasileiro o casal transferira seus bens para títulos da dívida pública argentina, tendo o desprazer de observar que, meses depois, o governo argentino declarava-se insolvente, pagando apenas 10% do valôr de suas apólices... (13)

Pouco mais de dois meses de viagem pelo Prata e Nabuco regressava para a vivenda de Paquetá, vindo a observar com a perspicácia que o caracterisava que o país estava, no plano político, seriamente abalado por um terremoto que levaria a marcação repentina do sismógrafo ao ponto mais alto no dia 15 de novembro, com a proclamação da República. Vinha firme no desejo expresso na Câmara antes de sua partida para o sul: não seria candidato nas eleições de 31 de agosto, deliberação que lhe trouxera alguns inimigos gratuitos nos jornais da província, que glosavam o fato como o "baque do jequitibá frondoso que parecia cobrir de sombra a geração moderna" (14).

O fato é que a República, desfêcho feliz de uma revolta, na expressão de Euclides, veio tão repentinamente como a liberdade para os negros que plantaram os esteios de aroeira dos solares coloniais. E Nabuco, antes dos quarenta anos, deu por encerrada a sua brilhante carreira política, vendo apagarem-se as tradições e surgir o "homem novo", o rebento da mestiçagem da observação atilada de Graça Aranha.

Iria, então, através de um documento que é, a um tempo, a mais bela definição de atitude de um homem público no Brasil, e a primeira incursão séria que indiretamente fazia no terreno dos assuntos americanos, deixar claro que estava inabalável na resolução de não mais voltar às atividades partidárias. Nesse belíssimo documento de 1890 — a "Resposta às Mensagens", incluída em "Escritos e Discursos Literários" — observamos que em vinte e cinco páginas ele, traindo, talvez, o desejo de buscar outro campo de ação, voltara-se por mais

de trinta vêzes à palavra "América" e seus derivados...

· Não fica aí, porém, a importância desse documento para o estudo das atividades pan-americanistas de Joaquim Nabuco, pois, considerando que a composição "pan-americanismo" apareceu pela primeira vez na edição do "Post" dos Estados Unidos, em 27 de junho de 1889 (15), pode-se ter como certo que Nabuco foi quem, pela primeira vez a usou no Brasil.

Naquelas páginas de definição traça as razões e as fases das suas atividades monarquistas, resalta pontos de vistas que o obrigavam a não aceitar outra vez o mandato que seus eleitores queriam lhe conferir, e entra na apreciação de sua última bandeira de luta política — Abolição, Federação, Arbitramento — para afirmar:

"Não há dúvida de que as três reformas eram tôdas passos para o ideal republicano, mas também eu nunca sustentei que a monarquia tivesse outro papel senão o de conduzir a nação àquele ideal. Na geração presente, porém, esse conjunto de idéias só podia consolidar a monarquia. A abolição devia fortalecê-la, com o tempo, no coração do povo, mas enquanto o povo não pudesse protegê-la com a sua gratidão contra o ódio levantado, a federação a fortaleceria no ânimo das províncias livres e o *arbitramento na consciência da América*" (16).

Com aquela fórmula desejava dar caráter mais amplo à sua campanha, fazendo com que, após a

abolição, a monarquia não só ficasse fortalecida junto às províncias, mas ainda elevada na consciência da América. Então, em marcha vagarosa e segura, ela conduziria a Nação ao porto seguro das suas aspirações. Havia também o desejo de que "um dia completássemos a unidade exterior da forma americana de govêrno", explícito neste outro trecho:

"Eu desejava que um dia completássemos a unidade exterior da forma americana de govêrno, mas quando essa forma, correspondendo ao nosso desenvolvimento, o garantisse e ampliasse, para que não se desse comnosco a disparidade que se nota em tão grande parte da América Latina entre a democracia efetiva e a nominal" (17).

Sabia que no continente a grande questão, a questão séria que o Brasil teria que resolver, era a de sua forma de govêrno, simples questão nominalista para ele que nunca fôra nominalista em política, mas que soava como pretexto de desconfiança contra sua pátria. E sabendo isso, ia lançando sementes de idéias capazes de criar e fortalecer a harmonia continental.

Tais idéias tendentes a amaciar incompreensões a respeito do Brasil na América, ele as exteriorizou em 1890, precisamente quando se preparava para iniciar nova vida à margem da política. Em dezembro de 91 partiu para a Europa, onde esperava advogar, dando consultas sôbre Direito Brasileiro, com o que procurava refazer-se dos revezes da fortuna que o obrigavam a exercer a

profissão. Retornando, porém, em agosto de 92, estabeleceu-se como advogado aqui mesmo, passando, além de escrever para os jornais, a escrever quase todos os seus livros.

Continuaria, do ponto de vista das atividades públicas, durante cerca de dez anos, "desenraizado do presente, não enraizado no futuro", a pensar: "Não sei se não terei um dia na República a fé de Tomé; sinto-me, porém, incapaz de ter a fé de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado" (18). Mas estava, incontestavelmente, mudando de rota, em busca de outro campo de atividade. Revelava-se no "europeu" uma queda irresistível pelos assuntos americanos.

(1) Joaquim Nabuco — Cit. por Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 21-22.

(2) Joaquim Nabuco — Cit. James Darcy — "Joaquim Nabuco e a República" — "Autores e Livros" — Vol. II — pag. 58.

(3) Joaquim Nabuco — "Minha Formação" — Vol. cit. pag. 152.

(b) Joaquim Nabuco — "Discursos Parlamentares" — Instituto Progresso Editorial — S. Paulo 1949 — pags. 59-61-280.

(5) Joaquim Nabuco — "Campanhas de Imprensa" — Instituto Progresso Editorial — S. Paulo 1949 — pags. 92 — 102.

(6) Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 183.

(7) Afonso Celso — "Joaquim Nabuco" — "Autores e Livros" — Vol. II — pag. 54.

(8) Joaquim Nabuco — "Cartas a Amigos" — I vol. cit. — pag. 189.

(9) Joaquim Nabuco — "Escritos e Discursos Literários" — Vol. cit. pag. 53.

(10) Joaquim Nabuco — Cit. Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 251 — 252.

(11) Joaquim Nabuco — “Um Estadista do Imperio” — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1936 Vol. I — pag 400.

(12) Vicente Licinio Cardoso — “A Margem da História” — S. Paulo, 1933 — pag. 198.

(13) Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 252.

(14) Helio Lobo — “O Pan-Americanismo e o Brasil” Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1939 pag. 1.

(15 16 17) Joaquim Nabuco — “Resposta às Mensagens” — Incl. no vol. cit. pags. 63 61 e 70, respectiv.

DO PRATA À RECLUSÃO VOLUNTARIA

DURANTE AQUELES DEZ ANOS

Joaquim Nabuco viveu em novo clima que retrata tão bem nas cartas aos amigos, falando insistentemente no livro sôbre o Senador Nabuco e na situação de instabilidade política reinante no país. Em dezembro de 1896 terminou o primeiro volume de "Um Estadista do Império", abandonado em pequenos intervalos com artigos para os jornais, inclusive os que formaram o volume "Balmaceda", lançado em abril de 1895, e os que originaram "A Intervenção Estrangeira Durante a Revolta", lançado em dezembro do mesmo ano, quando, num quarto de hotel em Nova York, Rio Branco — que com ele daria o sentido nítidamente americanista à política exterior do Brasil — estava debruçado sôbre livros, mapas e documentos, entregue à questão de limites com a Argentina, submetida à decisão arbitral do Presidente dos Estados Unidos. Entre 1893 e 99 escreveu os capítulos de "Minha Formação", alguns dos quais foram publicados na "Revista Brasileira", antes de virem em livro, em abril de 1900.

No decorrer de todo esse tempo o "europeu" não perdeu de vista os assuntos americanos, que entravam em larga dose nas suas cogitações.

Si é verdade que em "Balmaceda" é que vamos encontrar em termos explícitos o seu pensamento

sôbre a América Latina, como em "Minha Formação" suas idéias sôbre os Estados Unidos e em "Camões e Assuntos Americanos" seus conceitos mais extensos e mais interessados sôbre o conjunto do continente, isto não quer dizer que só nestes livros ele tenha focalizado o assunto que conquistava a sua simpatia.

Desde o afastamento da política militante, a vida dos países do Novo Mundo passou a ser para o exilado voluntário muito mais do que uma simples fonte de argumentos e referências favoráveis à abolição e ao regime federativo. O acento tônico das suas cogitações passava a recair sôbre a América, para a qual voltava-se em todas as oportunidades.

A verdade não escapa ao mais desavisado leitor de suas obras. Discursando em 1893 numa quermesse em benefício da Cruz Vermelha, fala na América (1); respondendo a uma carta do Almirante Jaceguai, traça as páginas de "A Idéia Republicana no Brasil", observando, dentre outras coisas, que, apesar do republicanismo das instituições americanas, a idéia monárquica não esteve ausente, pois — diz, apontando os exemplos de Hamilton, Belgrano, San Martin, Bolivar, — "é preciso não esquecer que tanto a América Inglêsa como a Espanha só adotaram a fórmula republicana por lhes faltar a matéria prima da monarquia, o elemento dinástico" (2); até no discurso de inauguração da Academia, em 97, Nabuco não ficou nas observações gerais da literatura francêsa, mas voltou-se para uma opinião do General Mitre, esperando que na Academia o *livro* que ele reclamara para a literatura latino americana aparecesse; e,

ainda nesse mesmo ano, atendendo a um convite de Eduardo Prado, escreveu a conferência sôbre o III Centenário de Anchieta, estendendo as vistas pelo panorama do continente porque "essa luta do Jesuita no Brasil, pela liberdade e pela vida dos indígenas, não é senão um episódio da sua campanha na América" (3).

Tais trechos de exteriorizações em oportunidades diferentes, desde os discursos do Senado paraguaio e à mocidade argentina, desde o artigo n"O Paiz", de entusiasmo pela realização da conferência Pan-Americana, deixam claro que este de agora já não era mais o Nabuco inteiramente absorvido por outros temas, o Nabuco que, da tribuna da Câmara encontrava base para seus argumentos à inglesa sobretudo nas citações de Pitt, de Gladstone, de Disraeli, de lord Derby...

Neste começo de interesse pela América, Nabuco já era senhor de visão segura sôbre a vida continental, em suas virtudes e em seus defeitos, como revela este trecho da referida mensagem de 1890:

"A América Latina teve um grande momento. Desde os primeiros clarões de Buenos Aires, em 1806 e 1807, até o sol de Ayacucho, que iluminou a liberdade do Perú, assistiu ao desenvolvimento de um magnífico drama de liberdade cuja impressão aumenta pela grandeza do seu abrupto cenário. Nesse período dominado pelas figuras de Bolívar, San Martín, Miranda, O'Higgins, a América era uma tenda de combate, que ora se armava no Pampa, ora na Cordilheira, sempre

com a mesma bandeira. Parecem da história das Cruzadas as grandes marchas de Bolívar, e faz lembrar titães escalando os céus a subida dos Andes pelo exército de San Martín. Cidadãos de todas essas pátrias, que eles iam semeando com o seu sangue pela vastidão do domínio espanhol, os libertadores não calcularam que a época da Independência se converteria por tanto tempo numa dessas intermináveis peças do teatro japonês, exclusivamente composta de matanças e de vinditas" (4).

Afirmando em seguida que "a ordem está ganhando terreno nos países americanos", apesar de que ainda pesava sobre os homens públicos a alternativa de serem cúmplices do despotismo ou suspeitos políticos, Nabuco mostrava não ter sobre a América nem ilusões douradas nem descrenças infundadas, como ficaria muito claro no decorrer da análise que fez do livro de Bañados.

Evidentemente, o salto dado, da atenção devotada à vida européia para a história sul americana, envôlta no vae-vem dos "entreveros", era coisa de sabor inteiramente novo, mas não imprevisto. Sabia ele por certo que o anti-europeísmo, síntese do anti-lusismo, do anti-hispanismo, fôra a atitude natural do continente que se debatia na luta pela independência; que o contraste da estabilidade das instituições inglesas estava, sem dúvida, saliente, por exemplo, no fato de o Chile ter nove constituições entre 1821 e 1874, de a Argentina, entre 1811 e 1860 haver promulgado sete reformas, de a Bolívia haver feito também sete no curto espaço

de 45 anos, de o Perú haver realizado oito entre 1823 e 1860, de o México haver procedido onze modificações na sua lei básica de 1824 a 1877 (5). Também a história o puzera ao par de que o pêso da sombra e da tragédia caíra em cheio sôbre os emancipadores da América Latina, como mais tarde nos mostraria a síntese estupenda de Oliveira Lima, numa das conferências da Universidade de Stanford (6).

No fundo, Joaquim Nabuco não ignorando que para entender é sempre conveniente partir das origens, procurava esclarecer as imagens do presente pelos fatos do passado, sôbre os quais pairava a conclusão amarga de Bolívar: "he arado en el mar".

Assim, entre janeiro e março de 1895, publicando no "Jornal do Comércio" uma série de artigos sôbre o livro "Balmaceda, su Gobierno y la Revolución de 1891", de don Julio Bañados, fez muito mais do que prometera — um resumo, concluindo pela tese contrária — porque foi ao fundo dos problemas, fazendo rápido estudo crítico pontilhado de observações lúcidas, indispensáveis ao estudioso não só da história chilena, mas também da complexa vida sul americana, ainda hoje vítima frequente dos juízos sumários.

Observador arguto, com largos traços de interesse pelas raízes sociais, políticas e econômicas dos problemas, Joaquim Nabuco, em "Balmaceda", livro originado daquela série de artigos, começa desprezando a existência de uns arremêdos de história, para lamentar que ninguém houvesse extraído ainda um relato possante do vasto material enterrado nas capitais sul-americanas. Em virtude, talvez desta pobreza de informações, talvez em virtude da ine-

xistência de grandes obras sôbre o assunto, é que, no final da obra, afirmou não serem definitivas as idéias que expendera em torno do que denominava "a questão da América Latina".

Na sua admiração pelo Chile, nas suas convicções políticas monarquistas e liberais, que não admitiam a defesa injustificada de um ditador como Balmaceda, ou do republicanismo que julgava prematuro para nós, na sua indisfarçável queda para os assuntos americanos, foi inspirado o livro sôbre a Revolução chilena de 1891, repositório precioso das suas idéias americanistas. Observando, por exemplo, o caso específico de Balmaceda, vê que é possível generalisar: "Empreender a ditadura para eleger o seu sucessor e vincular a presidência da República no seu partido, é da história toda sul americana" (7).

A leitura de "Balmaceda" interessa substancialmente ao investigador das atividades de Joaquim Nabuco nessa época. Parece-nos mesmo que a seleção de alguns trechos significativos é o melhor meio de chegar ao centro do seu pensamento neste particular. Já no fim do capítulo relativo à ação da esquadra contra a ditadura instaurada no Chile, observa que os dois maiores esforços de energia que a América do Sul desenvolveu nesse meio século foram a resistência paraguaia e a revolução chilena, ambas indicadoras do gráo absoluto a que o sentimento da pátria possa chegar, para em seguida lançar uma observação sôbre a América Latina, extraíndo dela uma lição:

"O valor dos chefes de Estado sul americanos tem que ser julgado pelo resultado

de sua administração; não deve ser medido pela sua tenacidade — em tenacidade quem se compara com Lopes? — nem pelo seu orgulho patriótico — em patriotismo agressivo quem se parece com Rosas? — nem mesmo pela sua honestidade — em honestidade quem excede a Francia? Para julgá-los é preciso comparar o estado em que receberam o país e o estado em que o deixaram, o inventário nacional quando entram e quando saem. O presidente que recebe um país próspero, unido, pronto a auxiliá-lo, e o deixa, por sua culpa, dividido, dilacerado, enfraquecido, não tem direito à gratidão. Eles podem dizer, quando vencem, que salvaram a república, mas salvaram-na de uma crise que eles mesmos provocaram, ou pelo menos, não quiseram evitar, e salvam-na quase sempre de modo a não poder ser salva pela segunda vez” (8).

Mas não parou aí nas digressões a que se entregou na análise do livro de Bañados. Fechando-a, encerrando a “extensa sessão do juri” em que condenou a ditadura, para depois entrar no “post-scripto” sobre “A Questão da América Latina”, ele assim se expressava naquela época:

“De muitas doenças graves costuma-se dizer que foram no princípio um resfriamento mal curado; a história da América do Sul parece não ter sido outra coisa senão uma revolução mal curada. O meio, entretanto, de curar as revoluções, que nascem

dos erros e abusos de todos os partidos, não é a perseguição. É a reforma de cada um, o abandono das pretensões exageradas, anti-sociais que, mesmo do ponto de vista do mais estreito e calculado egoísmo, são um êrro porquanto elas não destroem sòmente a paz, o prestígio, o crédito, a grandeza da nação; ferem individualmente o filho do país, sobretudo se é chefe de família, com a ruína de sua existência, senão para todos a ruína material, sempre a ruína moral” (9).

Aquele que se batia contra a conclusão simplista de que, como no Chile, a República provaria bem no Brasil, e que expondo o seu ponto de vista, entrava em digressões como estas que enchem o seu livro, não era mais evidentemente, na totalidade das suas inclinações, o “europeu”, o analista quase sentimental de “La Constitution Anglaise”, o discípulo intransigente de Renan... Era incontestavelmente o Nabuco debruçado sôbre a política do seu país no Prata, era o Nabuco preocupado com a inquietante possibilidade de vir sua pátria, através das lutas armadas, a se incorporar ao perigoso “remoinho sul americano” das brigas e dos “entreveros”, era Nabuco estudando para doutrinar, o Nabuco desejoso de encontrar uma fórmula que constituísse solução para os intrincados problemas do seu continente, um meio de animar uma sadia política de interpenetração de sentimentos e idéias, muito mais tarde reafirmada como indispensável, como inadiável, por outros estudiosos brasileiros dos assuntos americanos, como Renato de

Almeida nesta síntese expressiva: "Temos que entender os nossos irmãos americanos, sentir o que eles sentem, e procurar em seus pensamentos, e em suas sensibilidades tudo o que neles há de semelhante e de diferente com o nosso espírito, contatos e divergências, para que possamos extrair esse "quid" americano, que sabemos bem que existe, por indefinível que seja" (10).

O autor de "Balmaceda" continuava com segurança a palmilhar o território desconhecido na sua mocidade, quando sua grande preocupação fôra cruzar o Atlântico, em busca do Velho Mundo, antítese do Novo, que não constituía terra firme, do ponto de vista político e social, que, sob esse aspecto, parecia estar sendo formado às avessas, dando ainda a impressão de ser uma terra onde "los caminos indicaban las rutas por donde no se debía andar", conforme acentua o argentino Martínez Estrada, dono de uma tese inaceitável, porém, defendida com perícia e ardor: nos pampas nasceu uma civilização frágil sob a base movediça das brigas e dos "entreveros" (11).

Mas ainda que se tratasse de um assunto assim tão nebuloso, tão difícil, tão esquivo, com a marca indecifrável de todos os princípios, Nabuco continuava a entrar no seu emaranhado, o que prenunciava o general de outra batalha destinada a substituir aquela que culminara na vitória da abolição. E não titubeava em responder a uma difícil pergunta que ele proprio formulara ao escrever o "post-scripto" de "Balmaceda": como se fará a redenção dos países centro e sul americanos?

Respondendo-a, ele observa que um problema de tal complexidade não poderá ser resolvido pela

própria geração que o formular, destroi a falada possibilidade de nova absorção pela Europa, entra na observação do Monroismo, na época quasi triturado pelas críticas que surgiam de quasi todos os lados, e vai reto à sua advertencia:

“A solução do problema tem que ser procurada dentro mesmo de cada um dos nossos paizes, mas depende da formação em torno deles de uma opiniao interessada em seu resgate, que auxilie os esforços, ou, quando mais nao seja, registre os sacrificios dos que em qualquer parte lutarem pela causa comum. Em todos os países há homens cuja cultura rivaliza com a mais brilhante cultura européia e que podem formar a Liga Liberal do Continente. A causa é, de fato, comum. A liberdade argentina tornou-se um interesse direto para o Brasil como era para os argentinos a liberdade chilena no tempo de Rosas. É do interesse do boliviano e do peruano que o Estado mais vizinho lhe ofereça um asilo seguro, e sirva ao seu país de estímulo, senao mesmo de vexame. Não é, porém, somente na fronteira que a irradiação se exerce; ela alcança o continente todo. O efeito de um governo moralisado é ilimitado, e, de modo indireto, universal”. (12)

Como se impõe à conclusão, Joaquim Nabuco, a exemplo do que fazia com mais vagar e em outro tom em “Um Estadista do Império”, que escrevia na mesma época, aproveitou o tema da revolução

chilena para uma visão-geral da política sul americana, indo ao fundo dos graves problemas que geravam o drástico remédio das revoluções, apelando para o melhor conhecimento dos mesmos, com o que se antecipava a lord Bryce que também chamara a atenção para aquelas revoluções frequentes porque elas "esplícariam uma etapa do desenvolvimento da consciencia política mundial". (13)

Mas a estas observações gerais de Nabuco sôbre o continente poderiam ser juntadas outras de ordem particular, sôbre os paizes americanos que conheceu nas raras oportunidades que se lhe ofereceram. As impressões que nos deixou de tais observações ao vivo estão também definitivamente incorporados à sua obra americanista, à qual, certamente, não deixaria de se referir de maneira explícita se tivesse podido escrever um segundo volume de suas encantadoras memórias. Conheceu varios paizes americanos como os Estados Unidos, a Argentina, o Paraguai, e Uruguai, e, mais tarde, Cuba, e ao longo desta experiencia, do estudo de toda a América, é que se desenvolveu a sua compreensão da realidade americana.

Aos Estados Unidos que, como adido de legação, conhecera mais profundamente desde 1876, dedicara quatro capítulos de "Minha Formação" analisando instituições, homens e acontecimentos, vendo virtudes e defeitos com igual naturalidade e acentuando que, lá, apesar da forte impressão de nitidês que o acompanharia por toda a vida, nenhuma de suas idéias políticas se alterou. Pelo Chile, paiz onde nunca estivera, mas cuja historia conhecia e na qual vira Balmaceda "irrompendo como uma aparição imprevista", Nabuco nutria forte

admiração, a ponto de escrever sôbre sua historia um livro em que, verberando o caudilho, glorifica o paiz, traçando ainda, com indisfarçavel satisfação, paralelos assim: "O Chile tinha um governo como nós nunca tivemos. Durante cincoenta anos a liberdade brasileira é uma teia de uma tenuidade invisível possuindo apenas a resistênciã e a elasticidade da seda, que a monarquia, como uma epeira doirada, tirou de si mesma e suspendeu entre a selva amazonense e os campos do Rio Grande. O govêrno do Chile era obra mais sôlida do que essa construção aérea delicada. A diferença das duas formas de governo é que, uma, a república chilena, supõe o homem forte e justo, e a outra, a monarquia brasileira, o homem fraco e bom". (14)

Uruguai, Paraguai, em cujo Senado recebera uma homenagem, Argentina, onde fôra igualmente festejado e onde iniciara a amisade baseada na velha admiração por Mitre, todos esses paizes Nabuco conheceu, e para os feitos de suas historias voltou-se com a nobreza, a penetração e a honestidade das páginas de "Um Estadista do Império".

Um fato imprevisto, entretanto, fizera-o acentuar ainda uma vez os fortes laços de simpatia pela Argentina, assim como pelo Chile, realçando outra vez a sua queda para tudo o que pudesse constituir motivo de aproximação americana. Escrevera então, páginas, ainda hoje pouco conhecidas, mas que representam um ponto alto em suas atividades americanistas. Trata-se de uma carta que em 1898 escreveu a "El Diario", de Buenos Aires, recusando a autoria de uns artigos sôbre possível conflito entre o Chile e a Argentina, artigos que lhe foram erroneamente atribuidos, e que, na verdade,

pertenciam a Graça Aranha, cujos conceitos simpáticos à Argentina endossou, mas cujas idéias sobre o Chile, em desacôrdo com as suas, não aceitou, dizendo, em seguida:

"Agora mesmo acabei a "Vida" de meu Pai, a qual em parte é a historia diplomática, sob nova luz, da tríplice aliança, e a defesa da posição que ele assumiu, sendo até chamado de "argentino", de sustentador até o fim, da política do 1.º de Maio de 1865. Tenho, assim, em meu espírito, a vibração, histórica desses tempos, em que o Chile ainda não estava conosco e em que a lealdade, a intuição, o gênio político de Mitre nos preservou de sua coligação americana contra o império. Tenho, como vê, além do deslumbramento trazido do Prata, do reconhecimento pelo cavalherismo que encontrei em toda parte, da poesia que entesourei atravessando o pampa até Mendonza e subindo o Paraná até Corrientes, uma afinidade argentina, mais forte do que essas, espécie de herança paterna, recordação da mocidade: a aliança entre os nossos dois paises, chamada com razão por um dos nossos ministros de Estrangeiros, de aliança sem exemplo na história, pela lealdade reciproca com que foi mantida em tão extenso prazo, através de tantas contingências e azares que a experimentavam.

Por outro lado, não devo encobri-lo, o Chile, que eu não tenho a fortuna de conhecer, como conheço o Prata, e do qual me falta assim a equação pessoal, captou o

nosso reconhecimento pela amizade que nos tem mostrado nos últimos vinte anos, amizade que ele cultivava com a varonilidade e a firmeza de uma política nacional aceita e praticada por todos os partidos. Em tais condições eu não teria nunca escrito os artigos que me foram imputados, porque do Brasil, tratando-se de uma guerra possível entre o seu antigo aliado e o seu novo amigo não deve partir a expressão senão de um sentimento: de positivo horror por tal guerra de irmãos, guerra triste e fatal a ambos, qualquer que fosse o seu resultado momentâneo; guerra sem legenda nacional nem glória possível, para destruição e devastação do que a civilização tem conquistado ao deserto; guerra, em uma palavra, perversa e malfazeja, e que, vista de fora, parece feita somente ao progresso, ao crescimento, ao crédito, à reabilitação da América do Sul.

Se eu tivesse que me pronunciar entre o Chile e a Argentina pronunciar-me-ia contra o agressor, qualquer que fosse o pretexto ou o motivo, contra o que preferisse a guerra ao arbitramento." (15)

Neste, como em todos os trechos significativos no conjunto das atividades de Joaquim Nabuco em suas relações com os assuntos americanos, está patente que ele queria conhecer, compreender, unir os países do Novo Mundo, vendo muito bem no fundo das desavenças, nas incompreensões, nas intrigas, uma luta subterrânea contra o progresso, o crédito, a reabilitação do continente.

E, na verdade, só deste americanista consciente, em dia com o seu assunto, é que poderia ter vindo o pan-americanista esclarecido, o pan-americanista sinceramente animado do desejo de lutar pela idéia de aproximação continental, o pan-americanista convicto, capaz, talvez, de duvidar que a sua luta estivesse sendo bem compreendida, mas incapaz de supor por um momento sequer que ela não representasse o melhor, o único possível para o progresso efetivo e para a efetiva reabilitação dos paizes americanos. Consciente ou inconscientemente, na certeza ou apenas na suposição de que, com tais preocupações, estava encaminhando-se para uma nova política, para outro campo de ação, Nabuco realizava a primeira parte da verdade por ele mesmo entrevista numa página de diário de 1877: "Há duas especies de movimento em política: um, de que fazemos parte supondo estar parados, como o movimento da terra, que não sentimos; outro, o movimento que parte de nós mesmos. Na política são poucos os que têm consciencia do primeiro; no entanto esse é, talvez, o único que não é uma pura agitação". (16)

(1) Joaquim Nabuco — "Escritos e Discursos Literários" — Vol. cit. — pag. 97.

(2) Joaquim Nabuco — "A Idéia Republicana no Brasil" — "Autores e Livros" — Vol. II — pag. 68.

(3) Joaquim Nabuco — "Escritos e Discursos Literários" — Vol. cit. pag. 125.

(4) Joaquim Nabuco — "Resposta às Mensagens" Incl. no vol. cit. — pag. 61.

(5) Alcindo Sodrê — "A Gênese da Desordem" — Schmidt Editor — s/d. pag 175.

(6) Oliveira Lima — “La Evolución Histórica de la América Latina” — Editorial América — Madrid, s/d — pag. 182.

(7, 8, 9) Joaquim Nabuco — “Balmaceda” — Vol. cit. pag. 66, 174, 176, respectiv.

(10) Renato de Almeida — “Minha viagem ao Chile” — “Pensamento da América”, supl. pan-americano de “A Manhã” — Ano III nc. 11 — pag. 161.

(11) Ezequiel Martínez Estrada — “Radiografía de la Pampa” — Babel, Buenos Aires, 1933 — pag. 55.

(12) Joaquim Nabuco — “Balmaceda” — Vol. cit. pag. 186.

(13) Lord Bryce — Cit. Orlando M. Carvalho — “As Revoluções Sul Americanas” — “Correio da Manhã”, Rio — 17/7/49.

(14) Joaquim Nabuco — “Balmaceda” — Vol. cit. pag. 174.

(15) Joaquim Nabuco — Carta a “El Diário” de Buenos Aires — Transcr. “Pensamento da América” — Ano I, pag. 17.

(16) Joaquim Nabuco — “Minha Formação” — Vol. cit. — pag. 125.

UM FORTE MONROISTA ENTRE LONDRES E WASHINGTON

AO CABO DE NOVE ANOS DE RIO DE Janeiro, nove anos mais ou menos sedentarios, vividos na poeira dos arquivos, nas leituras, na meditação dos assuntos de seus livros, na Academia, Joaquim Nabuco, que sempre tivera porosidade para a infiltração das idéias renovadoras, era o homem outra vez cheio de esperanças e de projetos, capaz de enxergar que qualquer nova tentativa monarquista desfecharia em malôgro. E, numa página de diário de Janeiro de 1898, escrevia: “Estão me achando muito mudado — quando o que muda não é o barômetro, é o tempo”, expressão que seria esclarecida numa outra, mais adiante: “Eu quero viver até o fim monarquista, mas quero morrer reconciliado com os novos destinos do meu país” (1)

Tal reconciliação, entretanto, em hipótese alguma se faria atravez de méro expediente burocrático, atravez da política interna, atravez da vida dos partidos, hipóteses das quais terminantemente se afastara, repelindo simples sondagens ou solicitações ostensivas em varias oportunidades, voltando -se direta ou indiretamente para os problemas de política externa, para os assuntos americanos.

A esta altura quasi que se poderia afirmar que a vida pública de Joaquim Nabuco compreendia já duas fases principais distintas, a do abolicionismo,

cuja origem estavam na recordação do menino recebendo o preto foragido na porta da casa-grande em Massangana, e a do americanismo que seria pan-americanismo, com sua origem provavelmente prês a grande experiênciã da viagem ao Prata, ou, talvez, mais longe, àquela "especie de herança paterna" a que ele se referira na carta a "El Diario" de Buenos Aires, e que analisara no grande painel do segundo Império, que é a biografia de seu pai.

Após tantos anos debruçados sôbre livros e documentos, após a conclusão de que os tempos eram outros, vendo a República realizar com a calma que as convulsões impunham o velho ideal da federação, sem levar o país para o abismo que os espíritos hostís a ela previam (que ele próprio apaixonadamente previra) Joaquim Nabuco era outra vez o homem animado de bôa vontade, sentindo-se capaz de "ter a fé de Pedro e seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado". Ante o inevitável — a queda da monarquia — fizera durante dez longos anos o que prometera e aconselhara na mensagem aos eleitores de Recife e Nazareth, mantendo-se numa recusa formal de colaboração com o novo regime, recusa que, dentro das novas circunstancias, e de acôrdo com o seu temperamento de batalhador, não mais se justificava.

Então, já era oportuno o convite de Campos Sales, desejoso de contar, no govêrno, com a credencial formada pela retidão tenás do seu passado de lutas e realizações.

Ainda assim, o convite fôra endereçado com as cautelas destinadas a não ferir suscetibilidades, atravez de um amigo íntimo, Tobias Monteiro. O govêrno o convidava para ser advogado do Brasil

na velha pendencia com a Inglaterra, a propósito da questão de limites com a Guiana Inglesa. A missão estava à sua altura, era a de batalhar no campo do Direito, reivindicando junto a um país europeu, para um país americano, um pedaço de chão que era da América. Nabuco concordou, mas ainda sem deixar de colocar uma ressalva: que se convidasse primeiro o Barão do Rio Branco, já laureado nessas questões, muito embora ele estivesse, naquele momento, ocupado com caso indêntico, relativo à Guiana Francesa.

Tudo feito, o futuro advogado do Brasil, em carta de março de 1899 a Olinto Magalhães, Ministro das Relações Exteriores, aceitava a missão, sem deixar de ressaltar suas "conhecidas idéias monarquistas", dizendo também em respostas a cartas de amigos, como Oliveira Borges, que para aquele gesto contribuíra o fato de "reivindicar território brasileiro contra pretensões estrangeiras" (2).

Não obstante tal retidão, o vozeiro sebastianista ressurgiu, provocando o gesto de Eduardo Prado, monarquista que se levantou publicamente em sua defesa (3), assim como expressões de agradecimento e satisfação como a que endereçou a Rui Barbosa, autor também de desvanecedora defesa de sua atitude em artigo do jornal que reconciliara os dois, após a separação provocada pelas lutas políticas: "É para mim, com efeito, — dizia — um penoso sacrificio e um grande compromisso, esse de embrenhar-me intelectualmente durante anos pelo Tucutú e Rupununi, sobretudo tendo que me separar de minha mãe que breve completa a idade perfeita dos antigos, os 81 anos, e cuja velhice

feliz é hoje o meu maior empenho. Não escuto, porém, tratando-se de minhas crenças políticas, o *obtivici populum tuum et domum patris tui*, que retinha nos ouvidos de Newman ao deixar Oxford e a religião anglicana. A monarquia só poderia voltar com vantagem para o país se os monarquistas se mostrassem mais patrióticos do que os republicanos” (4).

Em março de 1899 Nabuco partia para Londres, afim de iniciar as demarches e os estudos para defesa do direito do Brasil na questão da Guiana Inglesa, e batalhar durante cerca de cinco anos que refletem um periodo fertil de passagens muito significativas para as atividades pan-americanistas do advogado que reivindicava a posse de territorio americano sob domínio de uma potencia europeia. Da capital britânica, ou de outros pontos do continente onde o levavam seus afazeres, mantivera correspondencia constante com os amigos, falando dentre outras cousas, nos acontecimentos do Brasil e da América, expandindo-se em expressões do coração, como naquela carta em que, agradecendo ao general Mitre a remessa de suas “horacianas”, reafirmava “a admiração profunda que desde jovem lhe voto e a veneração que tenho, como americano, e como brasileiro tambem, pelo seu nome” (5).

O Nabuco de agora já não éra mesmo o Nabuco que costumava “voltar” à Europa, o que ele se encarregaria de dizer de maneira direta em carta a Tobias Monteiro quando, por ocasião do falecimento do ministro Artur de Souza Corrêa, o governo pretendeu fazer do advogado na questão de limites, tambem o ministro do Brasil em Londres. Na referida carta, depois de chamar o Brasil “santa

terrinha” e de se confessar devoto de “Notre Dame du Bon Retour”, disse: “A vida de Londres, a sociedade inglesa atraiu-me muito quando moço, e tenho nela muitas amizades, até de Nova York, que datam daquela época; hoje, porém, a sensação do estrangeiro, e da sociedade, está exgotada para mim, e só com grande sacrifício íntimo suponho poder voltar, mesmo de passagem, durante a atual administração, à vida diplomática” (16).

A Legação de Londres, que desfrutava de grande prestígio e interessava de modo particular à opinião pública brasileira, ele só a aceitou em definitivo no mez de dezembro, quando já estava todo entregue aos trabalhos relativos à Guiana, que proseguiram no mesmo ritmo, uma vez que a representação não tinha misterios para um bom diplomata e contava com o apôio de secretario esclarecido.

A simples luta pelo arbitramento foi longo e inteligente trabalho pessoal de Nabuco. Uma vez passada essa fase, uma vez conseguida a aquiescencia da Inglaterra e eleito juiz entre as partes o rei da Italia, em 1901, o advogado entregou-se com redobrada energia aos trabalhos da missão, apesar dos rudes golpes sofridos, nesse mesmo ano com o falecimento de Eduardo Prado, e em 1902 com o falecimento de sua mãe, assim como com o aparecimento repentino de uma surdês que o deixava por vezes desalentado, mas sem perder o ar de dominio à frente do inevitável, até gracejando de não poder tomar parte em conspirações, quando um grupo em tôrno baixava o tom da voz...

Em agosto de 1902, justamente com o ponto final na primeira memória, chegava-lhe um pedido de opinião de Rio Branco sôbre o convite de Rodri-

gues Alves, para que viesse dirigir a pasta do Exterior no seu govêrno. Constantemente animado por Nabuco, cuja "opinião sincera de amigo" solicitava, o Barão comunica-lhe depois que aceitara em carater temporario até que ele, Nabuco, retornasse ao Rio e assumisse o Ministerio, de onde chegaria à Presidencia. . . "Não sou um Voluntario, escrevia-lhe Rio Branco, sou um Recrutado. Espero conseguir minha baixa quando você, que nasceu para a política, acabar sua tarefa em Roma" (7). Animando sempre o amigo, Nabuco observava, em uma de suas respostas, que o sacrificio seria em benefício do Brasil, "muito precisado de homens, para não mergulhar no remoinho sul americano" (8), e, em outra, jogava mais argumentos decisivos, inclusive aquele menos agradável para a pátria comum: "Ainda ontem eu lia no "Spectator": "O Brasil é o mais esplêndido trecho de terra ainda não desenvolvido, mas com os seus negros, os seus índios, os seus mestiços, é essa uma parte da "tarefa do branco" (The White Man's Burden, a idéia de Kipling) pesada demais para nós; ela deve pertencer ao joven Hércules que estira os braços do Atlântico até o Pacífico e não só à sua velha mãe, menos ambiciosa e menos ativa". É essa idéia de que não somos, e não podemos ser uma nação branca — conclue Nabuco ante o trecho por ele citado — tomar a nós também parte do *White Man's Burden*, que os europeus e americanos do norte todos têm, que nos deve indignar e mover a fazer todos os sacrificios pessoais, cada um de nós, enquanto é tempo, para garantir a sorte do nosso país" (8)

O homem absorvido pelo trabalho gigantesco de se opor aos múltiplos recursos da Inglaterra

numa defesa de enorme responsabilidade, em constantes viagens de Londres, onde tinha a Legação, para Paris, onde imprimia suas memórias, para Roma, onde as apresentava, não se esquecia dos complicados assuntos da Sul América, e particularmente do Brasil, cuja defesa já não titubeava fazer de maneira candente, embora em expressões reservadas como as dessa carta ao Barão do Rio Branco. E não os esquecia também do ponto de vista oficial, como ficou claro através de dois fatos passados em Londres, para onde se dirigia, fugindo das "campanhas culinárias e mundanas" em Roma, nas quais, premido pelos afazeres, atuava feito "ator sem fé" (9). Um deles refere-se à feliz solução que encontrou para a justificada revolta dos diplomatas sul americanos em Londres contra a atitude do rei que, em dois sucessivos jantares oficiais, os excluiu, colocando o continente em visível desprestígio. Outro foi o jantar oferecido aos colegas, em comemoração da assinatura do tratado de arbitramento entre o Chile e a Argentina em 1902, acontecimento que "teve as honras de uma referência em editorial do *Times*" (10).

As preocupações do ministro em Londres e advogado na pendência em torno de território do continente, acerca do qual escrevia também a Oliveira Lima, animando-o a levar avante o livro projetado sobre "O Pacífico e a América", davam inteira razão a Graça Aranha que vira tudo como Nabuco, satisfeito, contava em outra carta a Tobias Monteiro: "O Graça diz que eu sou aqui o líder da *South América*, mas realmente é um prazer para mim servir-me da minha posição para aproximá-la" (11).

Cessados estes momentos tão agradáveis ao "líder da Sul América", ele caía outra vez no mundo imenso dos afazeres capitais daqueles momentos, indo de Londres a Paris, de Paris a Roma, de Roma a Saboia, a Nice, pensando, estudando, escrevendo, acompanhando os trabalhos de impressão de sua volumosa e exaustiva defesa, acerca de cujos pormenores históricos mais insignificantes escrevia para o Brasil, solicitando documentos, mapas, descrições, tudo que pudesse servir de título de posse, ocupação, domínio por Portugal e Brasil, do território contestado.

E o trabalho estava saindo a contento do advogado exigente que fazia, a um tempo, obra de história, geografia e jurisprudência, notando na introdução da primeira memória, após compulsar copiosa documentação, que o domínio inglês "obedeceu a uma política da qual por enquanto não conhecemos todas as razões" (12). A afirmação elegante viera, contudo, quando ele já não deveria ter mais receio de poder vir a encontrar aquelas razões; quando, praticamente, já era senhor do seu assunto, esplanado e documentado em nada menos de dezoito volumes de estudos percucientes da história e da geografia do extremo norte, conjugadas com a do Brasil desde Cabral, e até com a da América, através da chegada de Colombo, das incursões de Yânes, Orelana e outros nomes em evidência no madrugar da vida americana. Tal obra gigantesca, Joaquim Nabuco a elaborou quase que sozinho, sem deixar sair uma só palavra que não houvesse passado pelo seu crivo, enquanto, do lado inglês, o trabalho de defesa foi obra de uma equipe de peritos do "Colonial Office". E, apesar desse rebuscar sem conta, desse "olhar clínico"

sôbre aquela pendência, o advogado perspicás não viu as "razões inglêsas" senão em "provas de posse atual, de soberania exercida, de influência comercial, apoiadas no testemunho dos índios que habitavam a região"... (13), enquanto que as do Brasil tinham desenvolvimento gradual, eram anteriores a 1842, quando se dera a invasão inglêsa e o território passou a ser neutro, até que os invasores se retirassem daqueles trinta mil quilômetros quadrados que abriam à loura Albion a bacia do Amazonas.

Sintetizando a sua estupenda defesa do Direito do Brasil naquela zona de que lord Salisbury dizia com certo desprêso ser "uma região onde não existe nem uma vaca", Nabuco mostrou dentre outras coisas, que "em 1842, quando se dera a invasão inglêsa, o território não era mais suscetível de posse por descobrimento e primeira ocupação" e que nem podia ser por *derelictio*, que se não dera, e que não é invocada entre as nações americanas" (14).

Os anos decorridos no trabalho de defesa foram também anos de produção e projetos em outros setores, para todos os que trabalhavam naquele verdadeiro "laboratório espiritual" de onde saiu, por exemplo, o *Channan*, de Graça Aranha. À medida que ia conhecendo, nas suas pesquisas, as obras dos viajantes do Brasil antigo, crescia também em Nabuco o desejo de escrever um livro sôbre observações deles a respeito do país. "Dessa idéia que ia amadurecendo em seu espírito — informa João Ribeiro — encontro a documentação na sua biblioteca: as viagens de Wallace, o êmulo de Darwin, o pitoresco itinerário de Gardner pelo ser-

tão de norte a sul, as narrativas de Saint-Hilaire, as de Pohl, de Wells, Koster e tantos outros que por aqui passaram e conviveram, no interior ou na orla marítima, com a nossa gente" (15).

O grande batalhador, o escritor fino que já não era "mais um expectador do seu século que do seu país" iria, entretanto, apesar da sua defesa unânime vista "como uma fortaleza blindada ao abrigo de todos os golpes do inimigo", ter uma profunda desilusão, capaz de abalar ainda mais as suas já estremecidas relações com a Europa.

A sentença arbitral de 14 de junho de 1904 estourou como uma bomba, como um desapontamento que a posição e o tato do advogado souberam calar. O árbitro confessava-se incapaz de enxergar com segurança com qual das partes estava o direito, resolvendo dividir a região disputada em duas partes, de acôrdo com as linhas naturais, fato que Graça Aranha observa: "A Inglaterra alegrou-se com a justiça de Salomão. Era a falsa mãe".

Para o Brasil esse empate representava mais do que meia derrota, escreveu Carolina Nabuco. Mas foi realmente enorme a corrente de opinião que compreendeu o esforço do advogado, de maneira alguma culpado do melancólico desfêcho que Pandiá Calógeras, anos depois, deitaria "à doutrina que o árbitro declarou seguir", isto é, a de que nos arbitramentos, além das considerações jurídicas, há também um lado político (16), opinião que, embora muito acatada, não receberia o apôio de Nabuco, cujo modo de pensar, sôbre o assunto ficou claro numa carta a Rio Branco:

"Aí tem-se atacado a escolha da Itália por a suporem desejosa de agradar à Inglaterra, mas isto em nenhum sentido é justo. O Rei é, pelo

contrário, muito ativo, e a parcialidade que teve foi a parcialidade própria dos árbitros, a de contentar as duas partes que os escolheram. Infelizmente ele compreendeu mal o seu papel, supôs que era ele, pessoalmente, e não a Itália, que tínhamos encarregado de estudar a questão e constituiu-se ele próprio o Juíz" (17). Foi também muito grande a correspondência de solidariedade recebida por Nabuco a propósito do triste desfêcho, salientando-se as cartas do Presidente Rodrigues Alves, de Campos Sales, do Barão do Rio Branco, a opinião de Rui Barbosa, que viu na defesa "um trabalho maravilhoso e colossal de paciência, de crítica, de argumentação e de talento", e até a do velho Machado de Assis que, ainda o animava: "o trabalho não perde uma linha do que lhe custou e nos enobrececerá a todos" (20).

Só Nabuco, intimamente, não se conformou com o inesperado e parcialíssimo desfêcho, muito embora estivesse tranquilo: "Eu fiz o que me era possível, empenhando no meu trabalho toda a minha vida, dando-lhe todo o meu amor; estou certo de que se a nossa causa naufragou não foi por insuficiência do seu advogado".

Mas, informa Graça Aranha, um de seus colaboradores mais íntimos, o batalhador teria abandonado inteiramente a vida de ação, se uma nova atividade não o chamasse às contingências da realidade política.

Essa "nova atividade" para quem politicamente já não se regulava pela Europa, traria Joaquim Nabuco em definitivo para o seio jovem da América, possibilitando-lhe realizar velha aspiração crescida ao longo dos anos de reclusão voluntária,

só interrompidos com a partida para a Europa, como advogado do Brasil na pendência com a Inglaterra.

(1) Joaquim Nabuco Cit. por Carolina Nabuco Vol. cit. — pag. 319.

(2) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — Instituto Progresso Editorial — S. Paulo, 1949 — II vol. pag. 19.

(3) Carolina Nabuco — Nota em “Cartas a Amigos” vol. II cit. pag. 20.

(4, 5, 6) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” vol. II, cit. pags. 9, 52 e 73 respectiv.

(7) Barão do Rio Branco — Cit. de Carolina Nabuco vol. cit. — pag. 346.

(8) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — Vol. II cit. — pags. 121 e 127.

(9) Joaquim Nabuco — Cit. por Carolina Nabuco, Vol. cit. — pag. 355.

(10, 11) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — Vol. II — cit. — pags. 125 e 127 respectiv.

(12, 13, 14) Joaquim Nabuco — “O Direito do Brasil” Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1941. — pags. 1.383 e 294 respectiv.

(15) João Ribeiro — “Joaquim Nabuco” — em “Autores e Livros” — Supl. cit. — Vol. II, pag. 59.

(16) Pandiá Catógeras — “Formação Histórica do Brasil” — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1935 — pag. 299.

(17) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — Vol. II cit. — pag. 170.

“PARABENS, SENHOR EMBAIXADOR”

O INTERESSE CRESCENTE PELOS assuntos americanos, teve um momento muito expressivo na ocasião em que era frequente a correspondência entre Nabuco e Rio Branco, a propósito da provável vinda do Barão para o Ministério. Numa daquelas cartas, a segunda de setembro de 1902, Nabuco, que não se cansava de animar o futuro Ministro, avançou o sinal, entrando pelo futuro a dentro, depois de externar sua opinião sôbre a partida do amigo que aceitara o alto posto:

“Estou mais satisfeito agora com a linguagem sôbre o Acre, sobretudo com a linguagem oficiosa, em relação aos Estados Unidos. Eu sou um forte Monroista, como lhe disse, e por isso grande partidário da aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos. Se eu fosse Ministro do Exterior e o Presidente consentisse, caminharia firme nesse sentido, e em vez de pensar em mim para suceder-lhe daqui a dois anos, deveria, talvez, você pensar em fazer-me colaborador seu naquela política (unindo as duas legações de Londres e Washington é o que deverá ser, porque é uma só política, sendo hoje a Inglaterra a mais norte-americana das nações...)” (1).

Este, foi naturalmente, um dos assuntos que não escaparam à perspicácia de Rio Branco que, embora habitante da Europa por um quarto de século e a ela ligado pelo sentimento e pela cultura, não ficou impermeável à realidade quando, em 1893, passara dois anos nos Estados Unidos, podendo observar a importância crescente do país não só para a América como para o mundo inteiro.

Daí a “nova atividade”, daí a missão que o então Ministro do Exterior atribuía a Joaquim Nabuco, missão que consistia em dar vida e expressão ao desejo do governo brasileiro de deslocar para a América a base da sua política exterior, o que Rio Branco comunicou ao amigo em forma de consulta telegráfica, dois dias depois da decisão arbitral em Roma: “Continue tranquilamente ultimando trabalhos missão, para o que pode dispor alguns meses. Como sabe, posto mais importante para nós é Washington. Precisamos alí homem valor. Se o puder aceitar diga-me urgência para que regule por aí movimento projetado”

Desde o primeiro instante o advogado entristecido readquiriu a confiança antiga, não escondendo o seu entusiasmo ante a perspectiva de vir a se dedicar a uma atividade verdadeiramente creadora na América, o que ele assim transmite num bilhete à espôsa, como que desejando convencer de que era preciso ir. . . :

“Esta manhã um terremoto; o telegrama de Rio Branco oferecendo-me Washington. Vou pensar muito antes de responder; pensa e reza, certa de que nenhum dever pode ser recusado. Lá está talvez o futuro dos nossos filhos. Eu sempre desejei educá-los lá”.

Na resposta também telegráfica ao Barão, logo no dia 21 do mesmo mês de junho de 1904, Nabuco dizia-se "perplexo quanto assunto por tal modo vital", e, embora afirmando ignorar "condições e propósito mudança" fazia do signatário do convite seu procurador, adiantando-lhe que não levasse em conta as preferências ordinárias que pudesse ter por Londres (2). Evidentemente esta, a não ser na sua "perplexidade" diante do fato concreto e na alusão aos pormenores, que efetivamente desconhecia, era uma resposta sem expressão especial para ele, o entusiasmado estudioso dos assuntos americanos, o descrente das nossas relações políticas com a Europa, o missivista que em setembro de 1902, como observamos, confessara-se em forma de sugestão "um forte monroísta e um grande partidário da aproximação cada vez maior entre o Brasil e os Estados Unidos". Convenhamos que quando Rio Branco o convidara, sabia-se antecipadamente de posse do seu "sim" veemente, caloroso...

O gesto que trazia em si a marca evidente de uma verdadeira revolução, o gesto que tentava a transplantação delicada, de Londres para Washington, da árvore secular a cuja sombra se fizera boa parte do desenvolvimento material do país, era filho do antigo e amadurecido desejo de ambos, de um que o inspirara e de outro, que o tornara realidade.

A idéia de retirar de Londres a viga-mestra da nossa política exterior, transportando-a para Washington, com todo o cortejo de riscos envôltos nas incógnitas do futuro, era de Rio Branco, sempre senhor do tato seguro da realidade, e era de Nabuco, que já em 1902 a sugerira, como que decidido a não ser nunca o "poeta de Gleyre, vendo partir

a barca das ilusões perdidas, abismando-se no próprio isolamento” (3).

Autor, sem dúvida, de algumas raras expressões em que o cansaço procura transtornar o ânimo sempre decidido, tentando inibir-lhe o desejo de colocar novos cenários em sua vida, o pensamento de Nabuco nessa importante fase está, todavia, expresso de maneira positiva na quase totalidade de suas cartas, expedidas em respostas a outras que chegavam, quando a notícia da ida para Washington começou a transbordar do segredo em que se fechava. E todas, as expressões eram de fundo idêntico: “Pode-se dizer que estamos no começo de uma nova era, e que para nós, em tal conjuntura, o observatório de Washington é o mais importante de todos”; “Terei que ir estudar a doutrina de Monroe, mas é um belo assunto, e a aurora dos novos destinos do mundo é uma observação mais interessante que a do espetáculo de ruínas sem grandeza”; “Irei cheio de confiança nesse último capítulo de minha vida pública” (4). Os trechos poderiam se suceder uns aos outros, numa grande soma de entusiasmo e decisão, até este mais extenso e mais explícito, através do qual apontava, no gesto do Brasil, a abertura de “novos e largos horizontes” para toda a América Latina:

A criação em Washington... o futuro é que lhe imprimirá o seu verdadeiro character... Reconheço que o titulo de Embaixador por si só é um manifesto, e um manifesto que tem a grande vantagem de dizer tudo sem nada precisar. Reconheço que é uma iniciativa. Estamos visivelmente no começo de uma nova Era... Para os nossos calculos, o observatorio de Washington é o

mais importante. Por ora quem vae para lá é o observador... Demos tempo ao tempo. Ninguem pôde saber o que resultará deste primeiro passo...

Ninguem é mais do que eu partidario de uma política exterior baseada na amizade com os Estados Unidos. A doutrina de Monroe impõe aos Estados Unidos uma política externa que se começa a desenhar, e, portanto, a nós todos tambem a nossa. Em taes condições a nossa diplomacia deve ser principalmente feita em Washington. Uma política assim valeria o maior dos exércitos e a maior das marinhas...

Para mim a doutrina de Monroe... significa que politicamente nós nos desprendemos da Europa tão completamente e definitivamente como a lua da terra. Nesse sentido é que sou Monroista (5).

A 5 de janeiro de 1905, escrevia novamente a Graça Aranha: "Esta manhã recebi do Gomes Ferreira este telegrama: *Parabens, Senhor Embaixador*. Suponho, portanto, que está tudo feito" (6).

Realmente estava tudo feito. O govêrno brasileiro premiava de maneira singular o gigantesco trabalho de Nabuco em Roma, entregando à sua inteligência, ao seu prestígio, à sua larga experiência, o alto encargo de iniciar nova, delicada e importantíssima fase na límpida história da política exterior do Brasil, conferindo-lhe o título potente de Embaixador, muito raro naquele começo de século. Já então o fato era do conhecimento de todos, através de uma nota da "Gazeta de Noticias" a 28 de dezembro, e, depois, de todos os jornais, aqui como nos Estados Unidos.

Mas o ato do govêrno, dando tão decisivo passo, não poderia deixar de cair no torvelinho das críticas e dos aplausos, uma vez que traduzia a intenção manifesta de fazer política americana, transferindo para Washington o ponto de apôio da nossa política externa que, desde há quase um século, encontrava-se em Londres.

A esta altura, desejando apontar a base sólida dos precedentes, que também justificavam a decisão do govêrno, o próprio Rio Branco intervém, publicando, no "Jornal do Comércio", sob o pseudônimo de J. Penn, o conhecido e documentadíssimo trabalho "O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo" que deslisou como verdadeiro rôlo compressor sôbre as censuras apaixonadas de "alguns raros publicistas brasileiros que se supõem genuínos intérpretes e propagadores do pensamento político dos estadistas do Império" (7). O trabalho de Rio Branco é, de fato de pêsso fora do comum, feito em sua quase totalidade de documentos até então desconhecidos, ou apenas conhecidos de reduzido grupo de pesquisadores. Partindo do "Manifesto do Príncipe Regente", de 6 de agôsto de 1822 e da consequente nomeação do nosso representante nos Estados Unidos, ele observa que, muito ao contrário do que informara "o ilustre autor do conhecido livro "A Ilusão Americana", o govêrno dos Estados Unidos foi o primeiro a reconhecer a Independência do Brasil, enquanto a Inglaterra oscilava entre o sim e o não; que o Govêrno Imperial foi o primeiro a aceitar a doutrina de Monroe, propondo mesmo uma aliança defensiva com os Estados Unidos naquela época; que Tavares Bastos dissera que, para chegarmos à Europa devíamos nos aproximar dos Estados Unidos, cultivando e desenvolvendo a sua amizade, porque "é o caminho mais curto essa linha

curva"... , terminando por mostrar que, apesar de haver sido Washington o principal centro de intrigas contra o Brasil, o govêrno norte americano nunca as levara a sério, havendo, portanto "uma barreira invencível na velha amizade que une o Brasil e os Estados Unidos, e sendo dever da geração atual cultivá-la com o mesmo empenho e ardor com que a cultivaram os nossos maiores".

Assim, era, do ponto de vista da nossa história, das mais seguras a rota que deveria seguir o Embaixador, "já com a prôa virada para Washington", conforme dissera numa das últimas cartas escritas de Londres a Tobias Monteiro.

Todavia, trabalhos recentes, como, por exemplo, o de Aluizio Napoleão, assim como observações curiosas de Afrânio Peixoto, poderiam nos levar mais longe na conclusão de que, não só os fatos contemporâneos do início daquela política de aproximação com os Estados Unidos, mas também inúmeros outros, autorisavam sobejamente o lúcido e oportuno aprumo diplomático.

Aquela aproximação, aquele grande passo rumo ao ideal da união das Américas vinha de mais longe, tinha a primeira camada de sua base no apôio do estudante Maia, embaixador da Inconfidência, que estudava em Montpellier e fizera suas as idéias de Tiradentes, de Claudio Manoel, de Gonzaga e Alvarenga Peixoto, pondo Jeferson, então embaixador norte-americano na França, ao par do que ocorria em sua pátria, sob o domínio de um país europeu. Apontando a simpatia americana pela sua causa, Maia dera, em 1786, a Tomáz Jeferson, uma síntese clara da situação do Brasil em todos os seus aspectos, sem deixar de salientar que "la nature nous a fait habitants du même continent, e par conséquence, en quelque façon compatriotes" (8). A este

gesto-base em que é visto o início das nossas relações com a América do Norte, outros foram acrescentados com Hipólito José da Costa, em 1798; com Jeferson, então presidente dos Estados Unidos, reatando as relações com Portugal através do Brasil, onde se encontrava D. João VI; com a atividade de Gonçalves Cruz, para conseguir o apóio norte-americano à Revolução Pernambucana de 1817 (9).

Outros fatos, não de ordem histórica, porém, estruturados em pequeninas mas significativas realidades, foram apontados por Afrânio Peixoto quando mostrou "porque não descobrimos a América", observando que, se pela formação intelectual e pelas instituições monárquicas dependíamos da Europa, a simpatia declarada era pelos Estados Unidos: "Os nossos patriotas sonhavam com Washington e liam *The Federalist*. O *Almanaque do bom homem Ricardo*, de Benjamim Franklin, foi a cartilha em que os nossos maiores aprenderam a ler; ainda o alcancei no sertão da Baía há mais de meio século. Nossos pais punham nos filhos nomes americanos; ainda conhecemos velhos desse tempo chamados Lafayette e Washington Rodrigues Pereira, ainda há Benjamin Franklin Ramiz Galvão e Washington Luiz Pereira de Souza... Hamiltons e Jacksons, houve-os, até conhecidos" (10).

As interessantes observações do autor de uma história das Américas em novo estilo, poderemos acrescentar outra que não nos parece menos significativa: encontramos há tempos, numa casa de livros usados, a tradução de *The Strenuous Life*, de Teodoro Roosevelt, lançado na cidade paulista de São João da Bôa Vista, no ano de 1909, trabalho, que, ao que tudo indica, foi obra de um entusiasmo capaz não só da tradução, como da compo-

sição e impressão de um livro no interior, há quarenta anos passados...

Só a paixão, só a crítica menos avisada poderia fazer a afirmação gratuita de que a resolução de mudar o eixo de nossas relações exteriores não consultava a imposição das circunstâncias, não se baseava no ensinamento da história e nem na admiração da nossa gente... Também não havia o mais leve motivo de temor, porque a nova política estava entregue a dois homens cujo passado era a mais clara prova de dedicação e simpatia por toda a América, ambos a serviço do Itamarati, símbolo da tradição diplomática do Brasil, de uma sucessão de acontecimentos que nos beneficiaram porque foram enfrentados com tino e clarividência, através de uma série dignificante de exemplos: o tratado de 1828, tornando o Uruguai independente, a política pacificadora do Prata, a defesa contra Lopes, sem a menor vantagem de ordem material, a demarcação de fronteiras nos limites do Direito, a defesa da igualdade jurídica dos Estados.

Também essa definição de sentido americano, em que Nabuco, com o calor do seu entusiasmo, via uma "nova causa", não tinha o mais leve sinal de comodidade, de desejo de se colocar sob proteção de uma grande potência, pois, o princípio de Monroe ainda não se firmara, ainda não funcionava como seria de desejar, exigindo, ao contrário, uma ajuda pertinaz e constante. "Porque isto não se verificava em 1903-1905 — escreve Alvaro Lins no seu livro sobre "o Barão" — a deliberação de Rio Branco não era um gesto cômodo, mas uma atitude corajosa, avançada e consciente. Ela tanto servia ao Brasil, como à idéia pan-americana. Tornava-se mais sólido o princípio de Monroe ao ser sustentado, em íntima colaboração e solidarie-

dade, pelo maior país da América do Norte e pelo maior país da América do Sul. Dava-lhe o Brasil o caráter latino de que necessitava para ser representativo da América. Rio Branco não vinha colocar o Brasil como caudatário de uma doutrina de política externa de uma grande nação, mas oferecer a essa doutrina, como aliado em situação de igualdade, um apôio que a ela daria mais vitalidade e condições de exequibilidade” (11).

Assim, “arrumando as malas” para partir, de Londres para Washington, Joaquim Nabuco vinha andar em chão firme, realizando também uma aspiração nascida com vagar, na base da longa meditação de que saíram os seus estudos sôbre a América. Era o pan-americanista que dissera *Ustedes me entienden...* e que, depois de estudar anos a fio o continente, vinha fazer política pan-americana no país maravilhoso onde ela não poderia deixar de ter o seu centro de irradiação, onde ele mesmo veria “a vast neutral zone of peace and free human competition”.

(1) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — Vol. II. cit. — pag. 132.

(2) Joaquim Nabuco — cit. por Carolina Nabuco — Vol. cit. pag. 406.

(3) Joaquim Nabuco — “Escritos e Discursos Literarios” vol. cit. — pag. 191.

(4) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. II, cit. Trechos de cartas de 1905.

(5) Joaquim Nabuco — cit. por Carolina Nabuco — vol. cit. pag. 408.

(6) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. II, cit. pag. 202.

(7) J. Penn — “O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo” — Transcr. em “Pensamento da América” Supl. cit. Ano II — vol. 7, pag. 81.

(8) Aluizio Napoleão — “Rio Branco e as Relações entre o Brasil e os Estados Unidos” — Ministério das Relações Exteriores, 1947 — pag. 27 — O autor observa ainda, à pag. 31: “Thomaz Jefferson, representante da primeira nação americana a libertar-se da Europa, recebia, na mesma época, a visita de um mexicano, que ia falar-lhe sôbre a situação no seu país. As outras nações americanas, ainda colonias sob o jugo das metrópoles, procuravam amparo no irmão mais velho”.

(9) Aluizio Napoleão — vol. cit. — pags. 25, 32, 35, 42.

(10) Afranio Peixoto — Estudo inserto em “Aspectos da Cultura Norte Americana” — Cia. Editora Nacional, S. Paulo — 1937 — pag. 344.

(11) Alvaro Lins — “Rio Branco” — Livraria José Olimpio Editora — Rio, 1945 — vol. II, pags. 496-7.

NA ZONA NEUTRA DE PAZ E LIVRE COMPETIÇÃO HUMANA

AS RELAÇÕES ENTRE A AMÉRICA Latina e a América Inglesa constituem o segrêdo do inter-americanismo, e, da sua solução, da sua interpretação, nascerá o seu êxito ou o seu fracasso, escreveu o autor de uma recente interpretação das Américas (1). E é lícito dizer que ao cabo de muitos anos de estudo, durante os quais o interêsse de Joaquim Nabuco pelos assuntos americanos se alternou com suas atividades de escritor e historiador, já ele estava convencido de que aos Estados Unidos cabia, de maneira natural e inevitável, posição de destaque na evolução do pan-americanismo, e que, das relações entre as duas Américas dependia tudo no futuro. A esse respeito merecem muita atenção as opiniões expendidas no "post-scripto" de "Balmaceda" em 1895, negando, depois do livro de Eduardo Prado, a existência de um "imperialismo americano", assim como na carta de 1902 a Rio Branco, sugerindo atenção para o "observatório de Washington".

O seu plano, si é que ao abandonar a política interna tinha um plano, o de voltar-se para a externa, estava sendo executado... Não foi, portanto, sem outras fortes razões que, nas proximidades de 15 de novembro de 89, o futuro autor de "Um Estadista do Imperio", começara a manobrar na direção dos

assuntos americanos, focalizados em todas as oportunidades, através de livros, artigos de jornal, discursos e conferências.

Depois desse longo trabalho de sondagem que lhe dera a sólida formação americanista, ele se entregava à segunda fase do seu pan-americanismo consciente, sempre de acôrdo com a opinião de que convicções consciadas da pureza de suas origens não se mudam num dia.

E, ao pisar o solo americano, com o título de Primeiro Embaixador do Brasil em Washington, onde prestigiaria o pan-americanismo, onde conheceria a outra face da realidade, ora serena, ora revôlta, da idéia em marcha, ele o fazia não só com a credencial do oficialismo, mas também com a de pan-americanista convicto, autor de obras que eram títulos para o diplomata que servia ao seu país, trabalhando por êle e pela união de todas as nações do continente.

A chegada a Washington deu-se a 22 de maio de 1905, quando logo telegrafara ao Secretário de Estado, enviando os primeiros "compliments from American soil". O seu porte magestoso, de rara beleza e elegância masculinas, a sua agilidade mental saliente no calor dos primeiros encontros, a vivacidade e o entusiasmo do seu espírito sempre jovem, em suma, a sua irradiante simpatia, eram um desmentido à idade do homem encanecido aos 56 anos, do homem que trazia consigo um passado de lutas intensas e contínuas como diplomata, como orador popular, como jornalista, como parlamentar, como escritor, como advogado, e que, em qualquer

atividade conseguira chegar à quase perfeição, já que a perfeição absoluta é inatingível.

Com a chegada a Washington um novo capítulo de sua vida começava. Começava, é certo, para ser interrompido em meio pela morte, mas assim mesmo, para servir de fêcho a uma vida bem vivida, intensamente vivida, plenamente vivida, no meio do povo, na gritaria dos aplausos, na tribuna da imprensa, nos debates do parlamento, no silêncio da biblioteca, nas sutilezas da diplomacia...

E não parecia cansado o diplomata que não ia ver, mas rever, o país que o acolhia. Três dias depois da chegada, apresentou ao Presidente Teodoro Roosevelt a sua carta credencial, documento saído do próprio punho de Rio Branco, e que, fugindo às praxes diplomáticas, realçava o fato, demonstrando ao govêrno americano que a transformação da Legação em Embaixada era muito mais que um mero ato diplomático, assim como a nomeação do Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, sôbre cujos dotes excepcionais dizia: "As raras qualidades que nele concorrem, os seus distintos talentos e o brilho com que desde muito se tem assinalado na história política do seu país, no serviço diplomático e na república das letras, me dão a certeza de que nesta nova e elevada missão ele concorrerá para manter e tornar ainda mais cordiais, se é possível, as relações de boa e antiga amizade que felizmente existem entre os nossos respectivos países e de que fará tudo quanto de sí depende para poder merecer a honra de vossa estima e as simpatias do Povo Americano" (2).

Durante a cerimonia Nabuco apertou pela primeira vez a mão de um homem que muito o interessava, e que não só pela sua posição de Presidente dos Estados Unidos pela segunda vez, como também pelas suas excepcionais qualidades pessoais, ganhara fama no mundo inteiro. Teodoro Roosevelt, homem loquaz, amante das emoções fortes, teatralizador, incrível solucionador de problemas, era um quasi heroi do seu povo, sabendo, sem nenhuma austera impenetrabilidade, zelar pela dignidade presidencial como sabia nadar, andar a pé ou a cavallo, com a maior naturalidade. Dotado de raro discernimento, sabendo como ninguem conhecer e descobrir homens, Roosevelt viu logo em Joaquim Nabuco um espírito superior, as superiores e difíceis qualidades da sociabilidade e da intelligencia.

Esta circumstancia feliz da simpatia recíproca que salta logo à vista atravez dos mínimos detalhes, aliada à do gesto de aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, contribuiu decisivamente para que a cerimonia de entrega de credenciais fosse coroada do mais absoluto êxito, figurando como uma das mais felizes e completas no seu gênero.

Com efeito, dirigindo-se ao Presidente naquele seu "inglês de Macaulay", depois de falar nas cartas que o acreditavam, no firme desejo de maior aproximação entre os dois paises, e de apresentar os votos de felicidade pessoal do presidente brasileiro ao presidente norte americano, Nabuco voltou-se diretamente para Teodoro Roosevelt, dizendo:

"No seu cargo há horas que se tornam épocas, gestos que ficam sendo atitudes nacionais imutáveis. Essa é a perpetuidade da

administração Monroe, como das de Washington e de Lincoln. A notavel popularidade que o elevou ao poder supremo pareceu ao mundo presagio duma dessas decisões que balisam, como as deles, a estrada do nosso Continente. O fato é que a posição deste país no mundo lhe faculta grandes iniciativas ainda nessa direção do nosso comum ideal americano

“Pela nossa parte o veremos sempre toma-las com o mesmo interesse continental e a mesma seguridade nacional que até hoje. Todos os votos do Brasil são, com efeito, pelo aumento da imensa influencia moral que os Estados Unidos exercem sôbre a marcha da civilização e que se traduz pela existencia no mundo, pela primeira vez na historia, de uma vasta zona neutra de paz e de livre competição humana.

Nós imaginamos esta influencia ainda mais largamente bemfaseja no futuro, não só para as duas Américas como para o mundo inteiro. Com estes sentimentos, senhor Presidente, felicito-me dúplamente de observar por toda parte que esta poderosa nação se revê neste momento, inteira, com o mesmo orgulho em um Chefe talhado ao seu molde e à sua estatura.”

Impossivel negar a perfeição da pequena, mas clara e penetrante peça oratoria, sob qualquer aspecto. Sem o menor deslize, indo certo e seguro aos pontos do seu assunto, unindo-os com muita

pericia; sabendo falar sinceramente à vaidade de Roosevelt, sem ser enfático e nem claudicante; expressando-se na lingua do país que o recebia e que para ele não tinha muitos segredos; ressaltando a existencia de todo continente; definindo com aquela felicidade muito sua os Estados Unidos como “vasta zona neutra de paz e de livre competição humana”; enfim, dizendo tudo tão bem em tão poucas palavras, Nabuco saiu-se a contento neste seu primeiro encontro com o grande Presidente que o ouvira e que lhe respondera de modo a deixar claro a ótima impressão que tivera do primeiro embaixador do Brasil. Roosevelt, visivelmente satisfeito, chegou ao ponto de, ao findar a leitura do seu discurso da pragmática, dobrar o papel e proseguir dizendo que não era do seu costume acrescentar alguma coisa ao que já lera, mas que, naquele momento desejava fazê-lo, reafirmando o que dissera, esperando que a Nação Brasileira continuasse guarda da doutrina de Monroe, dizendo mesmo que levava ótima impressão daquele momento que excedera à sua melhor expectativa. (13)

O discurso de Nabuco, vasado na belesa de forma e de pensamento, não só levou o Presidente àquele gesto, mas também passou a ser comentado, fazendo o Embaixador explicar, em carta ao Secretario Hay, a feliz alusão a “a vast neutral zone of peace and free human competition”:

“In the course of it (da conversação que tivera) I happened to remark that the beneficent influence of the United States in history is proved by the existence, for the

first time, of a large neutral zone, as is the whole of independent America, bent on peace, by the side of the other mass (Europe forming now, by control, alliances, etc, a whole with Africa and Asia) bent on war, either actual or impeding. I then added that it would be a great loss for civilization if no neutral zone existed by the side of the Belligerent one". (4)

A vitória inicial fôra em termos sóbrios comunicada ao governo brasileiro. Tempos depois fallecia o Secretario de Estado John Hay, e o presidente Roosevelt chamava para substitui-lo um homem de quem Nabuco se tornaria amigo, dada a profunda afinidade entre ambos, Elihu Root, dono de extensa e profunda cultura, um dos mais procurados e acatados juristas da América do Norte. Mais uma vez os bons fados presidiam as atividades iniciais de Joaquim Nabuco nos Estados Unidos.

Root não seria apenas um executor das idéias do Presidente, relativamente a uma política pan-americana, mas um homem sinceramente animado do desejo de continuar a tradição de Blaine, inexplicavelmente abandonada por muitos de seus sucessores. Do contacto entre ambos, disse Graça Aranha, "uma atividade pan-americana surgiu fervente nos círculos diplomáticos da América Latina e logo se alastrou por todo o continente" (5).

Era o que Nabuco desejava nessa fase de realizações que succedeu à outra, à da americanisação de seu espírito, durante a qual formara a base em

que agora se apoiava para as desejadas atividades pan-americanistas.

O seu velho entusiasmo contava, então, com o apôio decisivo de uma tríade poderosa: Rio Branco, que tornara realidade um velho anseio seu, o Presidente Roosevelt, que já na Exposição PanAmericana de Bufalo, em 1901, confessara-se crente de todo o coração na doutrina de Monroe, e Elihu Root, que ele observara estar "tanto quanto o Presidente, convencido de que os Estados Unidos assumiram com a doutrina de Monroe menos direitos do que deveres".

Ademais, estava o Embaixador em outro meio, muito mais aberto aos seus movimentos de que o da Inglaterra, muito mais flexível e muito mais dado, possibilitando, atravez da imprensa que sempre lhe foi simpática, contacto mais direto com o povo americano. Tais contactos Nabuco procurou aumentar por todos os meios possíveis, fazendo novas amizades, recebendo os jornalistas que o procuravam, comparecendo a solenidades, viajando, discursando em reuniões grandes e pequenas, podendo observar com satisfação que o mínimo que havia nas notas introdutorias das noticiais dos jornais sôbre atividades suas eram expressões positivas, umas vezes bem achadas, outras vezes insuficientes, mas sempre equivalentes a "esplêndida presença". O "Literary Digest" chegou a achar que "he is ranked with the great construtive statesmen of the world". (6)

Mas a satisfação com que era recebido não estava patente apenas aí, como na sugestão do Presidente aos demais membros do corpo diplomático, para que procurassem conhecer o Embaixador do

Brasil, a seu ver um dos homens mais interessantes de Washington, e nem nos cumprimentos afetuosos de simples condutores de veículos. Seus discursos e conferências, feitos para o público americano, não exigente em matéria de pensamento e de expressão, formam, eles só, um capítulo muito interessante das suas atividades americanistas nos Estados Unidos.

Percebendo logo que a oração concisa, prática, convincente, entrecortada de bom humor, era coisa muito importante para a conquista da simpatia dos americanos, ele, profundo conhecedor da língua inglesa, e dono da voz perfeita de grande orador, verdadeira "música de Orfeu", no dizer de João Neves da Fontoura (7), seguiu o consêlho da própria observação, entrando na brecha do desinteresse de seus colegas que, pela dificuldade da língua ou desamor à oratória, não falavam. E, assim, seguindo as exceções, que também observara em Bryce, embaixador inglês, e Jusserand, embaixador da França, começou a falar sôbre pan-americanismo, quebrando incompreensões que nunca supusera tão fundas.

Participava da vida americana, era realmente fator de esclarecimento junto àquele povo que adora a palavra falada e o contacto direto, como observou Carolina Nabuco, num dos mais interessantes capítulos do seu livro admirável, no qual um grande crítico viu "o maior monumento que a pura piedade filial já erigiu na história do nosso pensamento" (8).

E foi como fator de esclarecimento que agiu de maneira incansável no descampado das relações interamericanas, procurando a todo transe eliminar as duas barreiras que se interpunham entre as nações

do Novo Mundo, vedando a passagem à bandeira da interpenetração de idéias e sentimentos: a da *indiferença*, nos Estados Unidos, e a da *desconfiança* nos demais países americanos.

Ao pan-americanismo dava espontâneamente tudo o que tinha de suas últimas e desinteressadas fôrças, como se ainda fôsse o enérgico e invencível demolidor da escravidão.

(1) Bento Munhoz da Rocha Neto. — “Uma Interpretação das Américas” — Livraria José Olimpio Editora, Rio — 1948 — pag. 207.

(2) Aluizio Napoleão — vol. cit. pag. 161.

(3) Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 414.

(4) Aluizio Napoleão — vol. cit. — pag. 166.

(5) Graça Aranha — vol. cit. — pag. 79.

(6) Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 418.

(7) João Neves da Fontoura — “Dois Perfis”. — transcr. em “Autores e Livros” — vol. IV — nº. 13 — pag. 206.

(8) Tristão de Ataíde — “Estudos” — 4ª. serie — Ed. Centro D. Vital — Rio, 1931 — pag. 150.

SIMPATIA E CONFIANÇA PARA O AMERICANISMO DO BRASIL

NESTA VIDA DE AÇÃO A QUE Nabuco se entregava com incontido entusiasmo, Graça Aranha viu o pensador político sob o céu nublado, prevendo a eclosão da primeira Grande Guerra dez anos antes, mostrando ao seu país e à América que o caminho certo e seguro estava numa política de aproximação com os Estados Unidos. Sim ou não, de qualquer maneira, naquela atividade que parecia impulsionada por inexgotável fonte de energia, estava o pan-americanista crente afirmando numa carta ainda à Graça Aranha que na obra de união, era preciso “construir *in perpetuum*”.

Era o que ele sentia e procurava fazer, era o que estava no seu temperamento. Era, sem dúvida, o romântico, o sentimental que inegavelmente havia nele que acordava outra vez com a mesma fôrça e o mesmo ímpeto da mocidade. Já não vinha bater-se pela causa de uma província, de um país ou de uma raça. Vinha, porém, defender “a causa da civilização do futuro”...

Todavia, o seu romantismo, ou aquilo que Machado de Assis talvez denominasse o seu “fato interior”, saliente em certas expressões, em certas maneiras de ver as coisas, está assente na base de um realismo notável, como o que o preocupava desde há muito, ao observar que era um êrro que o futuro

não perdoaria aquele de nos ligarmos exclusivamente à velha Europa, dispersando fôrças de um continente disperso... Muito mais romântico, e romântico que não teve tempo de corrigir-se, fôra, talvez, o grande amigo Eduardo Prado, a cujo livro, que tantas dores de cabeça lhe dera, ele se referia sempre em cartas, tendo uma vez ocasião de escrever: "Não creio que você leia pela *Ilusão Americana*", paradoxo do nosso querido Eduardo que, vivo, estaria hoje indicado para escrever uma Apologia Contra a Ilusão Americana, o que de certo faria" (1).

Entre os extremos, entretanto, colocava-se serena e vigilante a atenção formidável de Rio Branco que, em virtude de estar sempre assoberbado pelos inúmeros afazeres de todo um Ministério, ou porque não fôsse mesmo do seu feitio expressões só feitas de crença e entusiasmo, ou ainda porque às vêzes silenciava por ter confiança no Embaixador, era, não raro, alvo do descontentamento passageiro daquela fogueira de fé total, absoluta, que era Joaquim Nabuco em todas as questões a que se dedicasse. Ele queria do Ministro idêntico e acalorado entusiasmo...

Disto são provas inúmeras cartas trocadas entre o Embaixador em Washington e amigos confidentes, dentre os quais, o próprio Ministro do Exterior, porém provas sem outra fôrça que aquela definidora de gestos meramente pessoais, porque ambos viam com ânimo decidido a política que inauguraram. É certa a observação de Alvaro Lins sôbre as duas maneiras de ver o pan-americanismo: "as diferenças estavam apenas nas nuances, nos pormenores, talvez, nas palavras, tudo se explicando, aliás,

pelo que havia de diverso nas personalidades do Ministro e do Embaixador” (2).

E Nabuco prosseguia na sua tarefa de afastar, dos representantes do Sul, o preconceito da “ilusão americana”, e de fazer ver aos americanos do Norte a resistência e a maneira de ser do Brasil e dos demais povos do continente. Desta época são, por exemplo, encontradas no seu diário anotações assim: “Procurando modificar as disposições anti-americanas que encontrei em x” (3).

Tudo era feito de permeio com os trabalhos de organização da Embaixada, acerca dos quais escrevia relatórios de despesas a que teria de atender, para sustentar na altura devida o alto título pelo qual tinha de zelar, em benefício do próprio país, salientando que só permaneceria em Washington, “1.º podendo viver; 2.º podendo ser útil” (4). Plenamente atendido, e já devidamente instalado no mesmo prédio onde residira Elihu Root, ao lado da Casa Branca, prosseguia no afã de dar às relações interamericanas sentido mais dinâmico, mais vivo, mais consentâneo com os próprios interesses da América, chegando ao momento em que uma nova iniciativa viria a ser ponto central da sua animação, da sua agitação, do vai-vem constante do pan-americanista esclarecido e convicto.

Eram as demarches iniciais para a realização da Terceira Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro.

Por esse tempo a confiança dos americanos em Joaquim Nabuco só encontraria paralelo na sua sinceridade em relação a eles, como se observa neste trecho de carta de 2 de dezembro de 1905, ao seu amigo Afonso Pena, presidente eleito da República:

“Você me encontrará neste pôsto, e eu não sei se lhe devo pedir que me deixe nêle. Isto dependerá da sua política. Se esta fôr francamente americana, no sentido de uma *inteligência perfeita* com êste país eu terei grande prazer em ser seu colaborador nêle. Se você, porém, não se resolver por esta escolha, talvez fôsse melhor não ter aqui um monroista tão pronunciado como eu porque não convém iludir os americanos. Então você poderia mandar-me para algum pôsto onde eu não trabalhasse em vão” (5).

Com igual fôrça de expressão o Embaixador Nabuco dirigia-se também logo em seguida, a 19, ao Barão do Rio Branco, sob pretexto de falar no desembarque de marinheiros da canhoneira alemã *Panther* em Santa Catarina, criador de um caso de suma gravidade que o tino do Ministro do Exterior resolveu satisfatòriamente para o Brasil. Então, entrando no assunto referente à provável vinda de Elihu Root ao Rio, por ocasião da Conferência Pan-Americana, dava azas à sua quase irritação contra o silêncio perfeitamente justificável de Rio Branco, reafirmando-se “forte monroista”, verberando qualquer outra política que não fôsse a que inauguraram, ainda que viesse a ser a política do solitário (6).

Evidentemente, nessa fase de capital interêsse, nessa época de trabalhos para a Conferência do Rio, de perfeita unidade de vistas entre os dois governos, tais exteriorisações só poderiam ser atribuídas à ação subterrânea de prováveis envenenadores, de possíveis interessados num desentendimento entre Rio Branco e Nabuco que ia de vento em pôpa na sua política de união.

Um pequeno fato revela o quanto já era grande o prestígio de Joaquim Nabuco nos Estados Unidos. Conseguiu marcar a reunião da Terceira Conferência Pan-Americana na cidade do Rio de Janeiro, apesar do enorme trabalho desenvolvido pela Venezuela, que desejava fôsse Caracas a séde do importante conclave internacional (7). Apesar do mau humor do país vizinho, Root não vacilou, deixando certo que a Conferência se realisaria na capital brasileira e — outra vitória de Nabuco — com a sua presença, na qualidade de Secretário de Estado.

As discussões preparatórias entre os representantes diplomáticos das vinte e uma nações americanas realisaram-se em Washington. Mas Nabuco não parava. Este era agora o grande centro de interêsse em tôrno do qual se movimentava, esclarecendo, somando fôrças. Falando em Filadelfia em fevereiro de 1906, começava a despertar entusiasmo:

A consciência americana é o sentimento de nossa órbita especial, inteiramente separada da européa, com a qual se movem a Asia e a Africa, sem falar da Australia. Com toda nossa simpatia e interêsse pela Europa, conscios do que devemos ao influxo europeu, produtos que somos do transbordamento das raças européas, duvidando mesmo que em nosso sólo as hastes da cultura européa possam produzir os mesmos frutos ou as mesmas flores que em seu próprio sólo, somos todavia um sistema político inteiramente desligado da órbita da Europa.

... é necessário que as Repúblicas Americanas não julguem o papel que os Estados Unidos tiveram e têm que representar para

defender a doutrina de Monroe, como ofensivo de modo algum, ao orgulho e dignidade de qualquer delas, mas, ao contrário, como um privilégio que todas devem apoiar, ainda que seja só com sua simpatia e gratidão. Isso será, sem dúvida, o resultado final da Conferência Pan-Americana... (8)

Não se cançava. Tudo quanto se referisse à Conferência o interessava de modo muito especial. Não só questões mais importantes como a do desacôrdo a respeito da inclusão da doutrina Drago no programa da Conferência (9) mas até artigos e notas de jornais brasileiros comentando a realização da grande reunião pan-americana, e que ele próprio traduzia e remetia com comentários ao Secretário de Estado, aplaudindo depois o gesto do autor ou suposto autor da nota, como o fez numa carta de fevereiro a Graça Aranha, a propósito de "esplêndido" comentário no "Jornal do Comércio". E tão voltado estava para o Congresso que se aborrecia enormemente com os menores gestos que supuzesse virem a comprometer a realização com que sonhava. É o caso do esfriamento das suas velhas relações com Oliveira Lima, até à ruptura, em virtude dos ataques frontais que o autor de "D. João VI no Brasil" fazia à sua firme decisão de elevar ao máximo possível o calor das convicções pan-americanistas na base de íntima colaboração com a América do Norte. Então, pedia constantemente a Graça Aranha que "vigiasse" o que o Ministro do Brasil em Caracas escrevia n'"O Estado de São Paulo" sôbre a vinda de Elihu Root ao Brasil, ou comunicava ter localizado o ministro em artigos de jornais do Pará,

contra o monroísmo, quando não se dirigia ao próprio Oliveira Lima, em Caracas, expondo-lhe casos como o da escolha do Rio de Janeiro para sede da Conferência Pan-Americana, e outros, procurando acalmá-lo no seu furor (10).

Vendo que tudo era inútil, Nabuco, tipo do lutador que não amava a luta por si mesma, mas pelo objetivo que visasse, começou a mostrar o perigo que representavam as exteriorizações de Oliveira Lima, vendo nêle a “doença da incontinência da pena”, sugerindo para ele “o uso das águas da Europa durante a Conferência”, até que escreveu ao próprio amigo em quem via “um torpedo diplomático”, a carta elegante de março de 1906 rompendo relações: “Desde que o snr. estabelece como condição para me continuar a sua amizade ouvir eu “as verdades” que me queira dizer, não me é lícito insistir por aquele privilégio. Não haveria reciprocidade na cláusula, pois, eu já agora não poderia contrair o mesmo hábito” (11).

Já estava assentada a vinda de Root ao Brasil, e Nabuco vendo neste gesto único em toda história americana, “um acontecimento” o comunicava satisfeito aos amigos influentes, solicitando a melhor e mais franca acolhida para o Secretário de Estado, acrescentando: “A idéia de Root foi expontânea dêle, mas essa expontaneidade resultou da simpatia e confiança que lhe inspirei no americanismo do Brasil” (12).

Todo o trabalho, entretanto, não impediu que anuisse ao desejo de alguns amigos americanos, dispondo-se a viajar três mil léguas ininterruptas para conhecer o interior do país, de Nova York a São Francisco e de São Francisco ao Canadá, no “pullman private car” de Richard Cutts Shannon,

juntamente com amigos dentre os quais, um cubano, um chileno, um nicaraguano. Durante essa viagem que foi para ele um derivativo dos trabalhos intensos, escrevia à espôsa e aos amigos com uma regularidade assombrosa, transmitindo impressões, fazendo cotejos com coisas da pátria, como é o caso das laranjeiras da California, “de um verde mais vivo e mais lavado do que o das nossas da estrada de Maricá”. E atravessando Chicago, Kansas, o Colorado, a California, o mestre na arte delicada da adaptação ia dando e recebendo notícias, correspondendo-se até com o amigo Elihu Root. Dessa correspondência, Aluizio Napoleão, que consultou exaustivamente a parte dos arquivos do Departamento de Estado referente ao Brasil, nos dá um trecho de Nabuco, procurando convencer Root de que deveria conhecer a terra onde nasceu . . . , um trecho cheio de amor por Pernambuco e de sabor todo especial na própria língua em que foi escrito:

“I have been thinking that it would perhaps be better if you could arrange to stop for a few hours in your way to Rio, first at Pernambuco, then at Bahia, as in that way the exact time of your arrival in Rio could be telegraphed and the details of the reception (and time table) fixed with greater certainty. In both cities the Governadores would do their best to show you worthy hospitality during your short passage there. Being myself a native of Pernambuco. I would rejoice if you first were to touch there Brazilian soil. I am sure your sea trip would be made more pleasant for you

all if you decided to go to Rio with scales'
(13).

Á medida em que o "private car" engulia as distâncias surgiam em ponto grande, bailando na imaginação do viajante, as recordações simples do Rio, de Pernambuco, da Bahia, tudo denotando que o diplomata fôra momentaneamente vencido pela saudade...

Durante a viagem pronunciara, além de um discurso sôbre "Lincoln's World Influence", muitos outros a respeito da amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, regressando com o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Columbia, e cuidando logo em seguida dos últimos preparativos para a viagem ao Brasil. Do seu programa constava a visita de despedida ao Presidente Roosevelt, cujas expressões a respeito das magníficas atividades a que se entregava de todo o coração, o Embaixador deixou uma página discreta do diário, de 11 de junho. Assim:

Audiência de despedida do Presidente — repete-me as mais lisonjeiras coisas que me havia dito antes — a saber que minha escolha marca uma época nas relações de nossos dois países... não só nas relações entre os Estados Unidos e o Brasil, como entre os Estados Unidos e as nações todas do Continente. Quiz dizer com isso que eu muito concorri para fazer a América Latina adotar outra atitude para com os Estados Uni-

dos: o exemplo do Brasil foi decisivo, não forçou somente, convenceu (14).

Tal julgamento, não deixou, por certo, de aumentar o calor do entusiasmo que presidia às atividades daquele a que já se poderia denominar Embaixador do Pan-Americanismo.

-
- (1) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. cit. — pag. 238.
- (2) Alvaro Lins — vol. cit. — pag. 503.
- (3) Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 422.
- (4) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. cit. — pag. 219.
- (5) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. cit. pag. 230.
- (6) Joaquim Nabuco — Idem, pag. 238.
- (7) Graça Aranha — Entrev. a A NOITE — 28/1/1928. Transcr. em “Pensamento da América”, Supl. cit. — Ano II — n.º 11 — pag. 150.
- (8) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 421.
- (9) Joaquim Nabuco “Cartas a Amigos” — vol. II, cit. — pag. 251.
- (10) Joaquim Nabuco — Idem, pag. 241.
- (11) Joaquim Nabuco — Idem, pag. 250.
- (12) Joaquim Nabuco — cit. Aluizio Napoleão — vol. cit. pag. 170.
- (13) Joaquim Nabuco — Idem, Idem — pag. 174.
- (14) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. pag. 422.

UM PARÊNTESES NECESSARIO

O EMBAIXADOR QUE EM 1906 embarcava nos Estados Unidos para participar da Terceira Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro, por cuja realização trabalhara com toda a força do seu entusiasmo, o autor da análise segura e penetrante da revolução chilena de 1891, que dera origem ao livro "Balmaceda", em cujo apêndice mostrara-se conhecedor da realidade americana, sabia que a idéia pan-americanista, desde as suas remotas origens não tinha uma história lisa, amena, polida, mas, ao contrário, apresentava um passado tumultuário, irregular, cheio de pontas e arestas.

Observar em largos traços esse passado faz-se necessário para conhecer o espírito que presidiu à realização da Conferência do Rio de Janeiro, continuação do "americanismo perseverante" do Brasil, manifestado oficialmente antes de Monroe, na expressão de José Bonifácio em 1822, de "justa e firme repulsão contra as imperiosas pretensões da Europa"; e até baseado no Tratado de Madrid, de 1750, em que brilhara o brasileiro Alexandre Gusmão, recomendando às nações do Novo Mundo uma política "de perpétua paz e bôa vizinhanca" (1), inteiramente à margem das questões políticas das metrópoles, únicas culpadas dos "casos" que entre si surdissem.

Apesar de tudo, apesar da idéia maravilhosa de que os povos americanos tinham um destino só, de

que riscos e garantias deveriam estar distribuídos igualmente para todas as nações americanas, apesar das significativas atividades em quase todas elas para descobrir, em documentos comprobatórios da prioridade da idéia, uma glória nacional, como bem mostra Munhoz da Rocha (2), havia, no fundo de tudo, indisfarçável queda para a discordância, para os desajustamentos, para a pura agitação, para amontoar problemas e prevenções que poderíamos dizer, como Eça de Queiroz em relação a Portugal, eram em sua maioria simplesmente “traduzidos do francês”... Isto é da história toda das conferências pan-americanas, tendentes a quebrar incompatibilidades num continente vasto, de população extremamente rarefeita, de colonização presa a certos vícios de origem, o que dera em resultado o conjunto multifario que André Siegfried tentou observar com acêrto, através de três zonas distintas: “une zone où le fond de teinte est indien, une autre où il est blanc, une troisième où le blanc s’assombrit de noir”... (3)

Com uma realidade assim vasta e complexa, onde não imperava a desejável harmonia entre o concreto da realidade e o abstrato da formação intelectual de escassas classes dirigentes, é que os congressos e conferências pan-americanos se envolviam, procurando ponto de apôio para a necessária “armonia de los elementos discordantes”, mas errando nos meios usados, aumentando o extenso “rosário de desilusões e mal entendidos” em que se fechavam, a começar pelo Congresso do Panamá, em 1826, acêrca do qual a inexperiência de Bolívar prevíra maravilhas ao afirmar que “quando decorridos séculos, a posteridade procurar a origem do nosso Direito Público e recordar os pactos que consolidaram seu des-

tino, registrar-se-ão respeitosa-mente os protocolos do istmo" (4).

Nem esta primeira reunião do istmo do Panamá, sacrificada pelas conhecidas idéias bolivarianas de "unidade" e não de "união", nem as seguintes, em Lima, no ano de 1847, em Santiago no de 1856, em Lima novamente dezessete anos depois, assim como em 1874, nem a de Montevidéo, em 1888 — conjunto em que ainda se poderia encaixar a tentativa frustrada de James Blaine, em 1881 — nenhuma dessas reuniões logrou êxito, mas, pelo contrário, todas inhâbilmente conduzidas, salientaram os desencontros perfeitamente explicáveis que irmanaram no infortúnio Miranda, Hidalgo, Rivadavia, Belgrano, O'Higgins, San Martin e Sucre, levando-os à história com o legenda desalentada do genial Libertador: *he arado en el mar!*

É que tais conferências se faziam entre duas normas igualmente erradas: a de natureza política envôlta em questões apaixonantes, e a de discussão em tórno de um pacifismo retórico, insincero. É que a doutrina nascida do gesto do Presidente Monroe que, por sugestão de Canning em 1823, respondera à coligação anti-americana da Santa Aliança que as terras americanas "não se podem doravante considerar objeto de futura colonisação por parte de nenhuma potência européia" (5), é que esta doutrina ainda não fôra submetida ao processo de "purificação das interpretações estreitas" (6), o que só se verificou a partir da Conferência de 1889 em Washington, sob a inspiração desta vez vitoriosa de Blaine e que se desenvolvia quando foi proclamada a República no Brasil.

Então, a doutrina de Monroe, de que Bolivar lançara mão contra a reconquista espanhola; que

Lincoln manejara contra Napoleão III, não tolerando a ocupação do México; que foi utilizada com espanto da própria Inglaterra, que a inspirara, quando Cleveland impediu que a Venezuela perdesse parte da Guiana; então esta doutrina cujo valôr real não escaparia anos depois a Rio Branco no caso das Guianas e do "Bolivian Syndicate", começava a planar sôbre as desconfianças filhas de insinuações malévolas, de ressentimentos injustificados, ou simplesmente de lamentáveis ignorâncias da realidade.

O tema e as respectivas variações da "Ilusão Americana", que ia sendo recalcado, começou como que a passar por um processo de sublimação, uma vez que já se enxergava que o pretense imperialismo do irmão do norte não passava de simples êrros da política americana na zona do *Canal*, cuja conservação "é questão de vida ou de morte para a paz dos Estados Unidos" (7), nada tendo a ver, portanto, com a doutrina do Monroe.

Um escritor de elevadíssima estatura mental, Euclides da Cunha, insuspeito no caso, porque foi partidário do "esplêndido isolamento", assim observou uma época cheia de "temores vãos": "De fato, atentando-se para a maior destas ameaças, a da absorção *yankee*, põe-se de manifesto que o imperialismo nos últimos tempos dominante na política norte americana não significa o fato material de uma conquista de territórios, ou a expansão geográfica à custa do esmagamento das nacionalidades fracas — senão, numa esfera superior, o triunfo das atividades, o curso irresistível de um movimento industrial incomparável, e a expansão naturalíssima de um país onde um individualismo esclarecido, su-

plantando a iniciativa oficial, sempre emperrada ou tardia, permitiu o desdobramento desafogado de todas as energias garantidas por um senso prático incomparável, por um largo sentimento de justiça e até por uma idealização maravilhosa dos mais elevados destinos da existência” (8).

Homem público dos mais responsáveis agora pelo novo rumo que dava à política exterior de sua pátria, Joaquim Nabuco, velho estudioso dos assuntos americanos, já em 1895 abordara a mesma questão, negando a tese de Eduardo Prado e acentuando:

“A nação americana está convencida de que todo acréscimo de população, hábitos, crenças, e índole inteiramente outras, causaria um profundo desequilíbrio em seu sistema de govêrno e uma incalculável deterioração de sua raça” (9).

Quanto à natureza do pan-americanismo que o animava, também era velha da mesma época e poderia ser encontrada não só em outros escritos seus, mas ainda no mesmo documento de 1895, onde afirmara que a solução da questão da América Latina tinha que ser “procurada dentro de cada um dos nossos países, sob a direção de uma opinião geral interessada em seu resgate” (10). A afirmativa resume clara doutrina pan-americana, esposada por eminentes sociólogos em dia com os problemas do nosso tempo, como Gilberto Freire que, tomando os valores urbanísticos como símbolos, observou ser possível falar em pan-americanismo” como um plano de vida em comum, semelhante aos de urbanismo, apenas em dimensões ou proporções gigantescamente

continentais, e no qual, como nos planos verdadeiramente científicos e artísticos de urbanismo, os interesses de uma área não fôsem sacrificados arbitrariamente aos de outra; nem as igrejas velhas sumariamente arrasadas com todas as suas sugestões sentimentais, históricas, ou de beleza, para fácil e imediata solução de um simples problema de tráfego; nem devastado quando fôsse mato ainda denso, para solução igualmente simplista do problema do des congestionamento de rua ou de desafôgo de área para instalação de fábricas ou indústrias, mas conciliados os vários interesses sem sacrifício de nenhum dos essenciais; equilibrados e não destruídos os antagonismos; harmonizadas, e não eliminadas para vantagem de um interesse único ou exclusivo, as divergências, e, quanto possível, as originalidades, as diferenças, as singularidades” (11).

O desenvolvimento da Terceira Conferência Internacional Pan-Americana iria mostrar que por outra linha não se pautavam os atos sem exclusivismos, procurando afastar as divergências, com o que mais ou menos se conseguia o recuo das oposições, o retraimento das desconfianças, em benefício da final e comum conclusão de que a idéia pan-americana progredia em conferências como aquela, evitando-se as questões candentes, não se cogitando de ligas e alianças suscetíveis de limitar a liberdade de ação, vendo, enfim, a doutrina de Monroe, como a viam tanto a diplomacia do Brasil, como a dos Estados Unidos: como um princípio “flexível e plástico, sem outra obrigação absoluta que não fosse a defesa da independência e da integridade territorial dos países americanos” (12).

Joaquim Nabuco, com Elihu Root e o Barão do Rio Branco, era figura de primeira plana no con-

clave continental, era o seu animador. Continuava ajustando, unindo, irmanando, consolidando posições para o pan-americanismo.

(1) Alfredo Gomes — “O Pan-Americanismo: Vocaçãõ continental da América e Tradição Americanista do Brasil” — *Jornal, do Comercio-Rio*, 17/7/49 — pag. 5.

(2) Bento Munhoz da Rocha Neto — vol. cit. pag. 189.

(3) André Siegfred — “Amérique Latine” — Paris, 1934 — pag. 20.

(4) Simon Bolivar — Trecho em “Ideário Político de Simon Bolivar” — Editora Vecchi — Rio, s/d. pag. 88/.

(5) Helio Lobo — vol. cit. — pag. 4.

(6) Pedro Calmon — “Brasil e América” — Livraria José Olimpio Editora — Rio, 1944 — pag. 77.

(7) Pedro Calmon — volt. cit. — pag. 95.

(8) Euclides da Cunha — “Contrastes e Confrontos” Livraria Chardron Editora — Porto, 1926 pag. 182.

(9) Joaquim Nabuco — “Balmaceda” — volt. cit. pag. 185.

(10) Joaquim Nabuco — Idem, pag. 186.

11() Gilberto Freire — “Continente e Ilha” — Edição C.E.B. — Rio, 1943 — pag. 34-5.

(12) Alvaro Lins — vol. cit. — pag. 505.

TERCEIRA CONFERENCIA PAN-AMERICANA

A 13 DE JULHO DE 1906 estava Nabuco outra vez no Recife, depois de sete anos de ausência do Brasil, durante os quais descansara a vista sôbre belos panoramas, os quais, entretanto, desde há muito não tinham mais para ele os encantos do Brasil e particularmente de Pernambuco, onde a parada de Root e dos representantes das nações americanas fôra resultado de insistente argumentação sua, comovedora atitude de puro amor à terra que o viu nascer, finalisada com mais este trecho de carta encontrado nos arquivos do Departamento de Estado:

“They (os pernambucanos) would not forgive me the “failure”. I therefore was doubly glad when you made sure this morning that you would not make Pernambuco jealous of Pará and of Bahia. But, as you are studying South America. I had better say that Pernambuco played always a most important part in Brazilian history, having in the XVII century thrown out the Dutch power from the North of Brazil with her own resources, when Portugal had almost surrendered to the pressure of Holland and given her up. And not only that. A portuguese authority told me, when I took him to

see the old covent of Olinda, the old seat of the "Capitania" before the Dutch occupation, that he found more of the Portuguese art in Olinda than in the rest of Brazil" (1).

O homem de físico minado por decênios de trabalhos sem tréguas adentrava novamente o Teatro Santa Isabel animado pelo mesmo espírito de luta que levara à vitória a campanha abolicionista, mas desta vez como figura de primeira plana entre expoentes credenciados para falar em nome de nações americanas, e que ele fizera questão fechada de levar ao Recife.

A recepção que teve, tanto alí como na Bahia, o comoveu enormemente. O entusiasmo que ia pelas ruas, a atitude do comércio, cerrando suas portas, a recepção oficial, o Teatro Santa Izabel outra vez cheio para ouví-lo, como nos comícios da abolição, tudo deixou funda lembrança, levando-o a escrever, de bordo do "Thames" à espôsa:

"Não esperava nada disso que me surpreende... Quizera não ter vindo com os delegados porque eles tiveram que ser meros espectadores das festas em minha honra... Eu procuro converter as festas em festas pan-americanas." (2)

Isto define bem a força que impelia Joaquim Nabuco para o que mais de uma vez chamara a "causa da civilização do futuro": estava ele proprio convertendo tão sómente em festas pan-americanas aquelas que o povo do norte realisava em tórno de sua pessoa, em tórno do seu passado de lutas e

sacrifícios, de que resultou a linda e imperecível vitória de sua carreira de homem público.

A preocupação de transformar em festas pan-americanas aquelas que na verdade também o eram, diante das delegações de 21 países em visita ao Brasil, não o abandonou um só instante:

“Eu reconheço a popularidade comigo como com os outros, assim como reconheceria a impopularidade ou a indiferença. É um fato. Mas um fato que é um sintoma; que revela esperança e resolução por parte do país, pois, é a minha política americana que se aclama.” (3)

Nabuco transmitia assim, a D. Evelina, suas impressões sobre a estrondosa aclamação que recebera do povo do Rio de Janeiro, num momento em que se encontrava à margem e acima dos partidos políticos, num momento em que não era mais de norte a sul o facho incendiário, “o elemento novo” de que fala o historiador e que “havia surgido e agia como fermento no ambiente facilmente vibrátil”. (4) Era, isto sim, um Nabuco unindo, como vira com felicidade Constancio Alves. As manifestações que pessoalmente recebia, decorrentes, como é fácil compreender, também das atividades desenvolvidas nas ruas e nas praças públicas, quando “magnificamente estendia as suas finas mãos de patricio e de poeta às mãos calosas do povo” (5), ele as creditava na totalidade absoluta às suas últimas atividades em benefício da união continental, e da política de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, que, na verdade, a parte atuante da nação sentia como um fato auspicioso.

Porque era o insubstituível embaixador, porque entregava-se totalmente à política pan-americana, não titubeava em ver em todas as manifestações o beneplácito público, aliaz nunca negado, à política que levava avante com outro brasileiro popularíssimo no seu tempo, o Barão do Rio Branco.

As manifestações que recebera na capital brasileira depois de longa ausencia, foram, notáveis, levando-o a dizer que “nunca tiveram carater de unanimidade assim as manifestações que recebi antes”.

O Rio de 1906, cidade modernizada, com novas avenidas e novos edificios, de fisionomia inteiramente diversa daquela a que Nabuco se acostumara antes, o Rio sacudido pelas intervenções drásticas de Orvaldo Cruz e Pereira Passos, era uma cidade capaz de impressionar bem os delegados das nações estrangeiras que a visitavam como participantes da III Conferencia Internacional Americana. Por outro lado, a felicidade da escolha daquela época para a realização da Conferencia estava patente no fato de a República apresentar em toda a sua força o resultado da sua consolidação, atravez de inegavel progresso material, com a realização de substanciais obras de saneamento, construção de portos, grandes edificios, obras hydraulicas, drenagem, pavimentação, organização comercial, assim como no fato de se encontrar no apogeu a política americanista de Rio Branco, solucionador pacifico de velhas questões fronteiriças.

Depois de sete anos o seu primeiro contacto com o Rio de Janeiro fez-se entre singulares manifestações no cais, e no trajeto pelas ruas e avenidas repletas, magnificamente bem retratado por Levi Carneiro um dos que o conheciam apenas pelo éco

de suas campanhas, pelo relato de suas atividades: "... logo deslumbrou a todos os que o conheciamos apenas de tradição. Por impulso incontível, o acompanhamos a pé através da cidade, até à praça José de Alencar. Ali parou o seu carro à porta do Hotel dos Estrangeiros, e de pé no estribo, Joaquim Nabuco relanceou o alto e nobre olhar sôbre o grupo que não chegava a ser multidão. Então proferiu algumas simples palavras de agradecimento. Sua figura apareceu, a meus olhos ressurgida por um toque de magia, tal como o teria visto na campanha formidável de que triunfara, e levou-me de súbito ao seio da agitação abolicionista. A voz, a tonalidade rara, com vibrações de clarim que toca à vitória, sem nenhum esforço ou artifício aparente, volumosa e cheia, conduzindo uma palavra aprimorada e imaginosa, ressoa ainda em meu íntimo". (6)

Tambem Olavo Bilac, que já o conhecia, observava atentamente as transformações que sofrera durante os anos de ausência: "Não é o mesmo orador, é melhor. O estilo é um modelo de concisão e clareza; e o talento, amadurecido, em pleno outono, está dando os seus melhores frutos — frutos ótimos de sabia política e diplomacia providente e providente que a Patria colhe e agradece com carinho." (7)

Outro contemporâneo daquele vibrante triunfo de Joaquim Nabuco foi Oliveira Viana, que o apanhou assim no patamar da escadaria do Palácio Monroe, num momento em que se colocava, "como se quizesse legar à posteridade o modelo ideal de sua própria estátua": "Nós, os estudantes, passávamos, vibrantes, numa ruidosa *marche aux flambeaux* em homenagem ao estadista americano. No patamar da escadaria central enfileiravam-se o

corpo diplomático, os embaixadores Pan-Americanos, as altas autoridades civís e militares. Embaixo, sôbre a multidão sussurrante, milhares de balões venezianos, oscilando aos boléos, nas pontas das bengalas, agitavam fantásticamente os seus globos policrômicos.

Houve um momento em que, lá em cima, acendêram um facho de fogos cambiantes; e dentro do seu repentino e azulado clarão, no alto, no primeiro lance da escada, Nabuco, de casaca, destacou, nitidamente, na noite iluminada a sua silhueta imponente, alteiando-se sobranceiro, entre Root e Rio Branco. Tinha o busto um pouco reclinado para a direita, em atitude de quem descansa. Estava sereno e calmo. No meio daqueles dois homens de estatura comum, magro um, gordo outro, a sua alta e elegante figura, sobressaia com um relevo inconfundível. Sôbre ele centralizaram-se, desde logo, todos os olhares. Nabuco pareceu ter compreendido aquela admiração." (8)

As observações de Bilac e Oliveira Viana, ressaltando o aspecto da atividade pan-americanista, agora absorvente em Joaquim Nabuco, são significativas e retratam o alto gráo de compreensão do povo, da imprensa, da mocidade das escolas, e das classes dirigentes em tórno do pan-americanismo. No Rio, um dos primeiros afazeres do Embaixador que via tudo com satisfação e procurava o apôio dos amigos de destaque, foi secundar a insistencia com que Rio Branco vinha apelando junto a Rui Barbosa, para que associasse seu nome à Terceira Conferencia Pan-Americana, saudando Elihu Root — gesto a que Rui só se dispôs no ultimo momento, como mostra Américo Jacobina Lacombe (9). Do Hotel dos Estrangeiros, onde se hospedara, recusando,

para maior liberdade de ação, todos os convites que lhe abriam residencias de amigos no Rio, Nabuco escrevia ao antigo companheiro de Academia pedindo “o apôio mágico da sua palavra” para a grande política de união do Brasil e dos Estados Unidos, contando quem era Root e acentuando que tudo seria feito “não por mim, mas pelo Brasil e por você” (10)

Antes da abertura da Conferencia, ao ser homenageado por seus amigos destacados nas finanças, na política e nas letras com um grande banquete no Casino Fluminense, o incansavel lutador exprimiu a sua gratidão por tudo o que estava recebendo, evocando os anos de ausencia, declarando-se cheio de fé nos destinos da República, dizendo:

“Quando o Barão do Rio Branco foi nomeado ministro dos Estrangeiros eu disse-lhe que se algum dia quizesse fazer uma política verdadeiramente americana me mandasse para Washington. A nossa aproximação dos Estados Unidos é uma política que tem uma vantagem, a maior de todas as vantagens que possa ter qualquer política — a de não ter alternativas, a de não haver nada que se possa dar em lugar dela, nada que se lhe possa substituir porque a política do isolamento não é uma alternativa e não bastaria para os imensos problemas que espera o Futuro deste país.” (11)

Iniciada a Conferencia Pan-Americana, da qual Nabuco foi eleito presidente, estavam representados no recinto todos os países da América e esquecidos os diminutos atritos com a Venezuela, o

trabalho desenvolvido para a adesão da Argentina, pequenos contratempos à feição dos outros a que nos referimos, ao observar o fluxo e o refluxo da maré pan-americanista, no capítulo anterior.

O espírito que deveria animar a realização do programa estabelecido destinava-se a tirar do conclave o caráter de assembléia deliberante, uma vez que nenhum país queria deixar de decidir por si mesmo. De acôrdo com o pensamento de Rio Branco, a grande reunião teve assim, caráter mais plástico e mais livre, embora menos prático, de uma assembléia cordial de nações americanas interessadas em se conhecerem melhor, indo, atravez da cordialidade nos assuntos gerais, ao plano de resoluções mais concretas e efficientes. (12)

Efetivamente, foi este o espírito que presidiu a realização proveitosa da conferencia iniciada a 23 de julho e encerrada a 27 de agosto, uma assembléia de estadistas, juriconsultos e diplomatas dos mais illustres do continente. O conclave, não decorreu, é certo, sem pequenas discordancias e ensinou que a América precisava passar de umas conferencias para outras certas questões candentes” (13) que, tentadas, não conseguiram entrar pará a perenidade dos anais, enterrando-se na parte oculta dos trabalhos, como, por exemplo, a de uma declaração formal a favor do monroismo, que Rio Branco desejava apoiar “sem rebuços nem evasivas” (14).

Abrindo a grande reunião, que funcionou sob a presidencia honoraria de Rio Branco e efetiva de Joaquim Nabuco, o Ministro do Exterior do Brasil proferiu um discurso em que, além de indicações sôbre a faculdade da conferencia, e da comparação bem apanhada entre os antigos congressos de guerra e aquele que era de paz, existia a definição

precisa do caráter da política americana, sem nenhuma hostilidade contra a Europa: “Ela nos criou, ela nos ensinou, dela recebemos incessantemente apóio e exemplo, a claridade da ciência e da arte, as comodidades de sua industria, e a lição mais proveitosa do progresso. O que, em troca desse inapreciavel contingente moral e material, lhe pudermos dar, crescendo e prosperando, será, certamente, um campo mais importante para o emprêgo da sua atividade comercial e industrial.” (15) Elihu Root, que comparecera a uma das sessões solenes da Conferencia, falara de maneira a quebrar desconfianças em torno da atuação norte americana no continente, dizendo, dentre outras cousas: “Desejamos aumentar a nossa prosperidade, expandir o nosso comercio, crescer em riquezas, em saber e em espírito; porém a nossa concepção do verdadeiro caminho para isso conseguir, não é derrubar os outros e aproveitar-nos da sua ruina, mas sim auxiliar todos os amigos a alcançar a prosperidade geral e a riqueza comum, afim de que, juntos possamos tornar-nos maiores e mais fortes.” (16)

Nabuco, nessa mesma sessão solene, dirigiu-se a Root, saudando-o como autor destacado da grande obra que era aquela Conferencia, observando que ele era o primeiro americano da sua posição que visitava uma nação estrangeira. Reafirmando pontos de vistas externados por Rio Branco, que eram tambem os seus, relativamente à Europa, cujo interesse estava em ter um campo seguro na América unida, passou a dizer:

“Um ponto será de grande importância para vós, que tanto desejais o bom êxito desta conferencia. Ela está convencida de

que a sua missão não é forçar nenhum dos Estados que a compõem a aceitar nada que que não estivéssemos prontos a fazer por sua propria iniciativa; ela reconhece que toda a sua função é sòmente dar uma sanção coletiva ao que já se tenha tornado unânime na opinião de todo o Continente.” (17)

Numa conferencia pan-americana as palavras de Nabuco e Rio Branco sôbre a Europa constituiram fatos sem duvida dignos de destaque, porque se no fundo traduziam algum sentimentalismo, algum resquício de simpatia pessoal, como querem os melhores biógrafos de ambos, não há duvida de que traziam prova tambem do bom senso, da inteligencia com que observavam a América, uma parte do mundo, do mundo complexo, difficil, interdependente, onde a nenhum país ou continente é possível ou recomendavel a difficil tentativa do isolamento...

Se a definição era dos dois, ambos muito presos por índole e educação ao panorama do velho mundo, devia, porém, ser muito mais de Rio Branco — Ministro comedido em suas expressões e obrigado a encaminhar suas idéias de acôrdo com interesses rigorosamente políticos — do que de Nabuco — desde há muito tempo comprometido com a América, compromisso acentuado paulatinamente, conforme o atestam a carta de 1900 em que, da Europa, confessava-se devoto de “Notre Dame du Bon Retour”; a outra a Rio Branco, sugerindo a mudança do eixo de política exterior para a América; a indisfarçavel desconfiança no espírito de equidade dos europeus, resultante do inesperado desfêcho da questão da Guiana Inglesa; a sua política americana...

Apesar de tudo, Nabuco reafirmava perante os delegados à Terceira Conferencia Pan-Americana, os pontos de vista de Rio Branco sôbre a Europa, que eram tambem os seus, os do escritor que sabia pertencermos “à América pelo sedimento novo, fluctuante do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas” (18) e que, embora americanista, não compreenderia, por exemplo, o desejo encrespado de Tomas Jeferson, que no dizer de um seu biógrafo (19), “para manter a América separada da Europa, quasi desejava, como Silas Deane, que houvesse um oceano de fogo entre o Velho e o Novo Mundo”.

A sessão solene a que comparecera Root decorrera magnificamente, e tivera com êxito a intenção de desfazer apreensões causadas em alguns paizes americanos por certas atitudes de Teodoro Roosevelt, conhecidas como as da política do *big stick*. Encerrando-a, Rio Branco propuzera que ao Palacio em que se realisava fosse dado o nome de Monroe, o que a Assembléia aprovara sob aplausos. Root saíra fortemente bem impressionado com tudo, sobretudo com mais uma prova da extraordinaria capacidade de Joaquim Nabuco, que gosava de absoluta confiança do Ministro do Exterior, outra figura de que não se esqueceria e sôbre a qual já o embaixador Lloyd Griscon havia informado: “is Baron Rio Branco a strong, popular, and universally respected man” (20).

O conclave fôra, num sentido geral, “sereno e profícuo”. Com uma referencia ao academismo de muitos discursos ali proferidos, Álvaro Lins observa que “a Conferencia, sem grandes resultados práticos, procurou, contudo, atingir o fim que lhe antevira Rio Branco no discurso de abertura: o de

“promover relações políticas mais intimas, evitar conflitos e regular a solução amigavel de divergencias internacionais, harmonizando as leis do comercio entre os povos, facilitando, simplificando, estreitando os contactos entre eles”. (21) Outra opinião, esta de um historiador do pan-americanismo, mostrou que “a Conferencia do Rio de Janeiro foi um marco no movimento inter-americano “porque” até então ele subia entre restrições e polêmicas; depois, embora dissentindo sempre, tomou caminho mais seguro”. (22)

Se a Rio Branco coube, no encerramento, reafirmar suas idéias de confraternisação, acentuando que “o patriotismo brasileiro nada tem de agressivo” e que “nem população densa, nem dureza de vida material podem tornar o Brasil suspeito aos povos que ocupam este nosso continente da América,” a Joaquim Nabuco foi atribuido o grande papel de fazer a resenha dos resultados conseguidos na reunião pela qual ele batalhara sem medir esforços e cuja vitoria era tambem uma vitoria muito sua.

“Não terá sido esteril a vossa reunião aqui, disse ele, dirigindo-se aos delegados. O observador político que ler os acontecimentos à mesma luz que o futuro lançará sobre eles, verá no que fizestes uma grande sementeira de idéias e de creações; porém, verá sobretudo a manifestação de um novo espírito, de cuja formação dependia a utilidade real destes Congressos e a obra que eles empreendiam, de solidariedade americana. A impressão geral que todos levamos é a da harmonia, da unanimidade de sentimentos

que sempre reinou entre nós. Alguns temores que precederam a nossa reunião, dissiparam-se por encanto com ela, e assim se pode ver que tinham sido meros *mal entendus*. As nossas discussões versaram sôbre o modo ou o meio de alcançar o fim desejado e não sôbre o objetivo mesmo."

A seguir Nabuco depois de outras considerações, felicitou os colegas por terem sido "os primeiros a fixar o verdadeiro traço destas reuniões periódicas", passando a recordar o que fôra feito, mencionando dentre outras resoluções as seguintes: louvor ao ajuste da paz entre Guatemala, Honduras e Salvador; ratificação da adesão americana ao principio do arbitramento; reorganisação do Bureau Internacional das Repúblicas Americanas em Washington; regulamentação dos direitos de naturalisação; creação de uma dependencia para estudar a legislação aduaneira do continente, assim como de uma comissão de jurisconsultos para elaborar um Codigo do Direito Internacional Público e outro de Direito Internacional Privado que regulassem as relações entre os países americanos; recomendação à Conferencia de Haia, para que estudasse a quèstão da cobrança de dívidas pela força, e uma serie de outras deliberações e gestos capazes de contribuir para a melhor compreensão entre os países americanos.

Por fim, assinalando a honra que deram ao Brasil atravez de varias iniciativas, reafirmou perante os delegados:

"A principal função destas conferencias será por muito tempo ainda, durante

toda a fase da aclimação, a de reunirem-se periódicamente, e o mais favorável sintoma dessa aclimação será a boa vontade e a harmonia que eu assinaei. Nesse sentido, a Terceira Conferencia já indica um crescimento muito mais saudável; é, porém, preciso dar tempo para crescer à árvore que tem que viver séculos; não se deve esperar que ela dê sombra antes de crear raizes. Por ora ela ainda depende de cada um; o tempo virá em que todos dependerão dela.” (23)

Estava terminada a Terceira Conferencia Internacional Americana. Nabuco a encerrara com uma oração feliz, embora sem poder apresentar nada de concreto, se tivermos este concreto como sinônimo de material. Mas isto não estava mesmo no cálculo de ninguém. A conferencia viera precisamente com o objetivo claro de irmanar, de consolidar posições pouco firmes do pan-americanismo, de crear entusiasmos de que a América necessitava e necessita para levar avante a sua maior obra: a da União num mundo dividido e divisor. Nesse sentido, o êxito fôra absoluto. Quanto ao outro, ninguém melhor o definira do que o nosso embaixador e seu presidente efetivo: “Não se deve esperar que a árvore dê sombra antes de crear raizes”.

(1) Aluizio Napoleão — vol. cit. — pag. 175.

(2) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 428.

(3) Joaquim Nabuco — Idem, Idem, pag. 429.

(4) Pandiá Calógeras — vol. cit. — pag. 332.

- (5) Tristão de Ataíde — 'Artigo "Folha da Manhã" S. Paulo — 21/8/49.
- (6) Leví Carneiro — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. pag. 430.
- (7) Olavo Bilac — Idem, Idem, — pag. 428.
- (8) Oliveira Viana — Idem, Idem, — pag. 432.
- (9) Américo Jacobina Lacombe — "Rio Branco e Rui Barbosa" — Ministério das Relações Exteriores — 1948 — pag. 68.
- (10) Joaquim Nabuco — "Cartas a Amigos" — vol. cit. pag. 255.
- (11) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit., pag. 431.
- (12) Alvaro Lins — vol. cit. — pag. 522.
- (13) Helio Lobo — vol. cit. — pag. 65.
- (14) Pedro Calmon — vol. cit. — pag. 90.
- (15) Barão do Rio Branco — cit. Helio Lobo — vol. cit. — pag. 71.
- (16) Elihu Root — Idem, Idem — pag. 70.
- (17) Joaquim Nabuco — Idem, idem — pag. 72.
- (18) Joaquim Nabuco — "Minha Formação" — vol. cit., pag. 33.
- (19) Francis W. Hirst — "A Vida de Tomaz Jefferson" — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1944 — pag. 294.
- (20) Aluizio Napoleão — vol. cit., pag. 181.
- (21) Alvaro Lins — vol. cit. — pag. 525.
- (22) Helio Lobo — vol. cit. — pag. 69.
- (23) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 433-5.

O PASSADO E O PRESENTE NA VIAGEM A SÃO PAULO E MINAS

AO FIM DA CONFERENCIA, NABUCO que se achava muito doente, encontrava-se terrivelmente cansado, como diria em carta à espôsa E iria ainda, antes do regresso a Washington, revêr São Paulo, de onde passaria a Belo Horizonte, com a idéia principal de atender a um convite do presidente eleito da República, seu amigo Afonso Pena, mas aproveitando as duas visitas para prègar pan-americanismo com o comum entusiasmo que não denotava certa intranquilidade referida por Graça Aranha. (1)

“A conferencia — comunicava a D. Evelina — foi um grande successo e sai-me dela com muita felicidade. Estou, porém, terrivelmente cansado e ainda me resta a peor ou mais forte fadiga que é a das viagens, pois tenho que ir a São Paulo, a Belo Horizonte, ao Pilar” (2)

Nessas viagens Nabuco mostraria que ainda era não só o campeão da resistencia, como tambem o crente fervoroso na sua política pan-americana, sendo capaz de abrir mão de todas as manifestações à gloria passada, em beneficio da nova.

As manifestações que recebera na Baía, no Recife, no Rio, iriam prosseguir. São Paulo, deslocador da fronteira geográfica e deslocador da fronteira econômica, estava em pleno início de marcha acelerada e o recebeu a 13 de setembro, festejando a sua chegada de maneira toda especial, com a espontânea participação do povo.

A consulta levada a efeito nas páginas de um jornal discreto e sóbrio como "O Estado de São Paulo" daquele tempo, que vira em Nabuco "o símbolo das aspirações sociais de uma época", deixa larga margem à conclusão de que, na verdade, seria "impossível descrever o entusiasmo que se apoderou da mocidade e da multidão" à chegada do Embaixador e sua comitiva, fato anunciado desde há alguns dias antes, através de notas de redação nas mesmas edições portadoras de destacado anúncio que convidava o povo para receber Bernardino de Campos, vindo da Europa. Nabuco, que tinha em sua companhia Assís Brasil, então Ministro em Buenos Aires, o prof. Rowe, lente da Universidade de Pennsylvania, o Secretario da Embaixada Brasileira em Washington e outras pessoas, fôra cumprimentado em Mogi das Cruzes por uma comissão de acadêmicos, sendo alvo ao chegar de verdadeira consagração popular, e recebendo (nota obrigatória...) "artístico ramalhete de flores oferecido pelo "Clube 13 de Maio dos Homens Pretos".

Respondendo à saudação de um acadêmico que vira nele o grande abolicionista e o trabalhador pela união dos povos da América, disse, segundo a síntese do mencionado jornal do dia 14, que voltava quarenta anos atrás, ao tempo em que idênticas homenagens eram prestadas aos heróis do Paraguai, a

Castro Alves, entusiasta da abolição e do americanismo, a José Bonifácio “ e tantos patriotas ligados pelos seus méritos ao coração da mocidade”, observando que se ele fôra também um batalhador da Abolição, era agora um batalhador pela união das duas Américas.

Assís Brasil, que no dia seguinte partiria para uma caçada numa fazenda em Araraquara, falou rapidamente, depois do que Nabuco seguiu para a Chácara do Carvalho, de Antonio Prado, onde se hospedou e de onde sairia para retribuir visitas oficiais, para abraçar D. Veridiana Prado, para ver o túmulo do amigo Eduardo Prado, rever a cidade e ir a Santos. No dia seguinte, foi recebido na Faculdade de Direito, onde o prof. Rowe fez uma conferencia, e onde, respondendo à saudação que lhe foi dirigida, Joaquim Nabuco, que ali estudara, recordou ter ouvido, sob as Arcadas, Castro Alves dizer as “Vozes da Africa”, lembrou os velhos mestres como Brotero e Crispiniano, passando a falar sôbre os Estados Unidos, mostrando à mocidade o aprêço em que Elihu Root a tinha. A síntese do noticiarista do “Estado” daquele começo de século, com suas dez colunas estreitas de dois furos no máximo, é interessante e deve ser lembrada:

“Ninguém adere às instituições de seu país — continuou dizendo — mas aos destinos de sua Pátria, não sendo de bom aviso, portanto, esperar o impossível, como os Stuarts, de que falara Macauley. Assim, servira como advogado na questão de limites, depois na Legação de Londres e, finalmente em Washington, tendo a felicidade de ver

realizado um pedido que fizera a Rio Branco no sentido de que, se desejasse fazer uma política verdadeiramente americana o mandasse para lá. Era esta a sua historia, queria contar. Quanto à política americana, não precisava justifica-la perante os acadêmicos. Se ainda houvesse adversarios da doutrina de Monroe, brasileiros ou hispano-americanos, poderia fazer com que se calassem com esta única pergunta: “Há alguém que de-seje ver o presidente dos Estados Unidos dizer que seu país não se interessa pela doutrina de Monroe?” (3)

Não poderia ter sido mais entusiástica a recepção dispensada ao Embaixador, ainda homenageado pelos acadêmicos com uma “marche aux flambeaux” que no segundo dia de São Paulo o tirara da mesa de jantar da casa de Antonio Prado. Mais entusiástica e também mais proveitosa, uma vez que, sem deixar de sentir-se satisfeito com as manifestações ao abolicionista, tivera ocasião de mostrar-se ainda o homem que não queria enclausurar-se no passado, o homem que não era o da barca de Gleyre, o homem que outra vez enriquecia a historia de seu país e a sua propria, liderando a sadia e proveitosa política pan-americanista. E’ o que ele fazia — como no Recife, como na Baía, como no Rio — questão de deixar claro, ao observar que a sua política pan-americana é que se aclamava.

Afinal, ao mesmo tempo em que Root era recepcionado na capital do Perú, um dos muitos países que visitava em sua volta, como fôra sugerido por Nabuco e Rio Branco, o Embaixador desvencilhava-se das manifestações em São Paulo, partindo para Belo Horizonte entre aclamações, “dentro — diria — de verdadeiro entusiasmo que me faz sentir que morro jovem” (4).

A ida a Minas, para atender ao convite de Afonso Pena, que deveria tomar posse da Presidência da República, e ao qual havia escrito antes de deixar Washington, reafirmando o seu desejo de ali só permanecer se pudesse prosseguir na orientação que vinha seguindo, foi também uma consagração para ele que via sempre renovados, em toda parte, os entusiasmos em tôrno da sua figura simpática de abolicionista e de Embaixador do Pan-Americanismo.

Relativamente a tais manifestações que se sucediam até nas pequenas estações onde parasse o trem, Rodrigo Otavio refere uma passagem muito divertida, cuja principal figura foi o camareiro Mengoli, um velho italiano que Nabuco trouxera de Roma, homem que pelo seu aspecto, pelos bastos cabelos e bigodes brancos, pelo fato de vestir roupas usadas do Embaixador, lembrava perfeitamente a figura do patrão. Eis que num daqueles lugarejos em que o trem parava, um grupo entusiasta ovacionou o nome de Nabuco. Porque o Embaixador dor-

mia e, sendo meio surdo, não ouvia o chamado, os secretários fizeram o Mengoli mostrar-se à janela, agradecido. Rodrigo Otavio não diz, mas pensamos que tudo correu bem, pois o Mengoli era de confiança e, em hipótese alguma faria um discurso... (5).

Na capital mineira, Nabuco tivera outra vez ocasião de falar à mocidade, sobressaindo como um integrador do Brasil na União Americana, numa época em que o país ainda estava “separado na América por barreiras seculares de incompreensão e desconhecimento” (6). Nessa oração, ainda hoje pouco conhecida, começou batendo na tecla de todos os oradores que o saudaram, a campanha abolicionista, notando que “é preciso voltar muitos anos atrás para ver-me falando ao povo, recebendo aclamações como esta, a céu descoberto”, para prosseguir tentando tornar menor, como sempre o fez, o seu mérito de demolidor da escravidão. Mas continuou traçando o roteiro de suas atitudes: “Eu disse em São Paulo que tinha vindo fazer agora o meu ato de fé nos destinos do Brasil; o meu ato de esperança na evolução da República, o meu ato de amor a esse ideal republicano que, apesar de tudo, sempre fôra o meu, mas que eu não fazia um ato de contrição”.

Passando a explicar a sua atitude na monarquia, a falar nos anos de abstenção política, a mostrar o que deixara claro em outras oportunidades, a coerencia do seu gesto republicano depois de haver “cedido à prova dos fatos, e sobretudo à convicção maior de que a fôrça republicana tinha por si, no Brasil, a finalidade continental”, acentuou então, que, apoz a abolição, sentia novamente a necessidade

de fazer algo pelo país, mas alguma coisa tão grande como a campanha abolicionista, uma coisa capaz de preencher o vazio que ela havia deixado na sua vida. E chegou onde queria, num belíssimo apanhado:

“Para preencher esse vazio profundo era preciso uma causa tão grande do ponto de vista nacional, como tinha sido a causa da abolição. Felizmente uma outra causa, de reconstrução nacional, não só de demolição do antigo edificio imprestavel, mas de construção de alicerces sôbre os quais o futuro da nossa pátria pudesse assentar para sempre, apelou para os meus sentimentos de brasileiro e a ela estou dedicando o resto das minhas forças que, vêdes, estão exauridas, com a mesma abnegação, o mesmo desinteresse, a mesma intensidade de convicção com que eu servi à causa dos escravos. Não preciso dizer-vos que se trata da aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos; que se trata de procurar entre as duas maiores Repúblicas deste hemisferio uma intelligencia e um acôrdo que as faça marchar sempre juntas e que aproxime, cada vez mais, o Brasil •dessa civilização a que se referiu o primeiro orador e que, como bem nos disse, está destinada a ser a civilização do futuro”. (7).

Carolina Nabuco, que nos dá um relato sumario dessas viagens de seu pai, não diz se o motivo da ida a São Paulo e Minas trazia em si outro objetivo que aquele que parece estar claro: tomar contactos,

reafirmar suas idéias republicanas e pan-americanas. Entretanto, é licito conjecturar que, em face das notícias que Nabuco recebera ao chegar ao Brasil — de que seria convidado para dirigir o Ministério das Relações Exteriores — ele teria aceito a sugestão da visita a Afonso Pena, presidente eleito da República, indo a Belo Horizonte afim de se eximir daquela responsabilidade. Sobre este assunto diz em uma das cartas que constantemente escrevia à espôsa: “Não se recusa colaborar sem desgostar. Todavia, ninguém deve ser obrigado ao sacrificio da propria vida, e eu sinto que não resistiria ao Ministerio.”

O motivo, porém da recusa, não era apenas este da saúde, que ele via, dia a dia, tornar-se menos resistente. Havia a considerar que dedicava um grande amor ao seu trabalho, apenas começado, em Washington. As suas atividades pan-americanistas, às quais se referira com o velho entusiasmo em São Paulo e Minas, ele as considerava tanto, a ponto de haver dito a D. Evelina:

“a questão magna hoje para mim é fixar a minha estada aí por uns anos mais. . . Já achei a fórmula que é esta: Se eu fosse ministro, o meu primeiro ato seria nomear-me para Washington”. (8).

Afonso Pena compreendeu a resistencia de Nabuco, chegando a escrever-lhe acentuando que não dispensaria a sua colaboração no posto em que ele julgasse melhor poder servir ao Brasil e, abrindo um precedente em favor de Rio Branco, conservara-o no Ministerio.

Na segunda metade de outubro Nabuco retornou ao seu "observatorio de Washington", depois de haver passado dias com seu sogro, o Barão de Inohan, numa fazenda de Maricá, Estado do Rio. Outros trechos de cartas, entretanto, mostrariam bem o gráo de intensidade de seu desejo de voltar em definitivo para a pátria, sentindo, como estava, muito forte o "arrôcho do berço", o que só não fazia porque enxergava ao norte o dever da missão ainda não concluída.

(1) Graça Aranha — vol. cit. — pag. 84.

(2) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 436.

(3) "O Estado de São Paulo" — dias 11, 12, 13, 14 e 15 de setembro de 1906 — Noticiário e sínteses de discursos de Nabuco na capital paulista.

(4) Joaquim Nabuco, — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 436.

(5) Rodrigo Otavio — Cit. Carolina Nabuco — Nota de pé de página em "Cartas a Amigos" — vol. II, pags. 246-7.

(6) Tristão de Ataíde — "Atualidade de Nabuco" — art. 21/8/49, cit.

(7) Joaquim Nabuco — "Discurso em Belo Horizonte" — Transcr. "Autores e Livros" — supl. cit. — vol. II, pag. 74.

(8) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 436.

OS BASTIDORES DE HAIA E O EDIFÍCIO DA UNIÃO PAN-AMERICANA

DECIDIDAMENTE JOAQUIM

Nabuco retornava ao posto para prosseguir na luta. Tal decisão, porém, representava esforço quasi impossível porque a tristeza com que deixara a Fazenda de Maricá, assim como um certo estado de espírito em que se achava, eram sinais evidentes de que o cansaço e a doença entravam de rijo no seu organismo combalido; de que a morte vagarosamente se aproximava; de que voltava empurrado pelo dever, pelo desejo ardente de deixar no ponto que julgava bom a sua política de aproximação entre as duas Américas, a causa tão grande que fosse capaz de preencher o enorme vazio que a vitória da abolição deixara em sua vida.

Esse estado de espírito que se apagaria como por encanto assim que mergulhasse outra vez na atividade, teria outro ponto alto na ocasião em que se despedia do Recife, sentindo que o fazia “talvez para sempre”...

Nenhum aborrecimento, porém, adveio do magnífico desenvolvimento da Terceira Conferencia Internacional Pan-Americana, resultado da extraordinária política de inteligencia e sociabilidade nos Estados Unidos, onde a sua ação pessoal foi destacada por Rio Branco na homenagem que, após a Confe-

rencia, recebeu dos militares brasileiros, assim como por Elihu Root no discurso pronunciado em Kansas City. Por essa época, agradecendo ao "Barão" as palavras a seu respeito, Nabuco já falava no estado precário da saúde, que poderia obriga-lo a deixar o posto que tanto amava, chamando a atenção do amigo para que também tivesse cuidado com a sua. (1)

O texto do discurso de Root tivera enorme repercussão em todos os países da América, cujos principais órgãos de opinião destacavam o fato significativo de haver sido pronunciado após a realização da Conferencia do Rio e a sua viagem aos países latino americanos. Um destes jornais, o "Diário de Noticias", do Rio, comentava o bom início desta nova política de solidariedade americana, onde brilhava, ao lado dos nomes de Roosevelt e Root, os nomes de Rio Branco e Joaquim Nabuco, "que, entre os sul americanos, primeiro se aperceberam da conveniencia, do extraordinário alcance para nós desta parte do continente, daquela larga política, única que nos conduzirá a todos, mais rapidamente e mais seguramente, aos grandes destinos que nos traçou a providência." (2)

Tudo apontava o triunfo de Nabuco nesta nova política continental com ressonancias no mundo todo.

Tendo chegado a Washington em fins de 1906, iria se desdobrar ali, até meados de 1907, quando a saude abalada o levaria a fazer uso das águas no Velho Mundo.

Durante aqueles primeiros meses após o regresso do Brasil o Embaixador atirou-se aos trabalhos de reorganização, ou melhor, de quasi criação da "Secretaria das Repúblicas Americanas" em Washing-

ton, conforme fôra previsto e aprovado nã Conferencia do Rio. Essa Secretaria, creada por ocasião da Primeira Conferencia Pan-Americana de 1890, para servir de centro de informações e propaganda, tinha uma existencia precaria e não preenchia as finalidades do orgão de que necessitava o pan-americanismo que, para o Brasil, não se limitava à amizade com os Estados Unidos. Nabuco iria conseguir o seu objetivo, auxiliado pelo entusiasmo de Root que, vendo a instituição funcionar em modesta casa alugada, sugerira a Andrew Carnegie uma instalação digna da União Pan-Americana, no que foi atendido pelo grande homem que acabara de oferecer um verdadeiro palacio para o Congresso Mundial de Haia. Estava sendo a tal ponto vitorioso que, quando falou no Clube Liberal de Buffalo sôbre “Lições e Profecias da Terceira Conferencia”, poudo anunciar a valiosa dadiua de Carnegie, “permitindo levantar em Wastington um abrigo condigno para o Conselho Permanente das Nações Americanas”.

Em tôrno dessa obra ele fez prodigios, entrando até em detalhes que não lhe cabiam, a pedido de John Barret. Na discussão de um desses detalhes, se opôs a qualquer feição que pudesse dar indício de parcialismo, ou que pudesse agir como antagonisador, o que poderia acontecer no caso da escolha dos patronos do edificio. “Envio-lhe — dizia em resposta a uma carta de Barret — uma copia do meu discurso de Bufallo, com sugestões a respeito do nome para o nosso edificio e dos seus dois patronos. Não podemos ter mais que esses dois, porque eles, e só eles, representam um grande acontecimento comum a todo o Continente. Colombo é o pai e

Washington o padrinho político, pois todas as nossas instituições foram recebidas dele. Se Bolívar fosse proposto, os argentinos desejariam ter San Martín, os chilenos O'Higgins e nós mesmos, José Bonifácio ou Pedro I. Quanto ao edificio, minhas preferencias pendem para o Renascimento Italiano, estilo que melhor convém a um memorial de Colombo, como será o nosso". (3)

À margem dos afazeres que ele alargaria mais, apresentando-se perante os auditorios das Universidades Americanas para falar sobre o Brasil e a América, Nabuco dava o máximo destaque à representação do seu país, todo o brilho mundano que os recursos da Embaixada permitiam, mantendo sempre casa aberta, (4) como mandava a sua posição.

O leitor de suas cartas a amigos entre junho e setembro de 1907 poderia a esta altura ficar intrigado com o fato de só encontra-las datadas ora em Paris, ora em Vittel, ora em Frankfort ou outros lugares da Europa. É que Nabuco fôra ao Velho Mundo para tratamento da saúde, já definitivamente comprometida.

Lá, entretanto, o homem que não sabia descansar sinão mudando de trabalho, iria, num gesto belíssimo de desprendimento e de elevação, prestar inestimável auxílio a Rui Barbosa que, em virtude do imprevisto das circunstancias, fôra convidado para chefiar a delegação brasileira à Conferencia da Paz em Haia, quando ele, Nabuco, já era o escolhido para a alta e dignificante missão. Não aceitara, como não poderia mesmo aceitar, um alvitre de Rio Branco ao qual respondera que por mais que lhe custasse não acompanhar Rui, "não poderia ir a

Haia como segundo, e ele só poderia ir como primeiro...” (5)

“Em Joaquim Nabuco — escreve Álvaro Lins — não ficara nenhum traço de ressentimento do amigo, do antigo colega, que sem querer lhe ia retirar a gloria da representação brasileira em Haia. Viaja pela Europa com o fim de preparar o ambiente para a chegada e a atuação de Rui Barbosa; explica aos seus amigos europeus e americanos o valor, a significação da personalidade do delegado brasileiro, interessa-se pela missão do companheiro como se fôra sua. Para diminuir as possiveis dificuldades de Rui na vida diplomática, de que não tinha prática, redige para ele notas particulares, em que as informações se multiplicavam, desde as pequenas exigencias de etiqueta até a interpretação do carater de alguns delegados à Conferencia” (6).

Tais notas particulares, todas incertas no segundo volume de suas “Cartas a Amigos”, são realmente de natureza edificante para quem conheça os fatos que as originaram. Os mínimos detalhes de psicologia, de gostos e tendencias de homens que Nabuco conhecia bem, foram transmitidos ao amigo. Mas tendo-se em vista o temperamento muito altivo de Rui Barbosa, sempre cioso de seu saber, pode-se perceber atravez de expressões de cartas que Nabuco escrevia a Rio Branco, a Tobias, a Graça Aranha, que o delegado do Brasil em Haia não recebera com entusiasmo a sua enorme dedicação à missão que lhe estava afeta. Ou porque o trabalho do Embaixador em Washington punha de manifesto sua inexperiencia naquelas questões, ou porque houvesse, no fundo, entre os dois certas distancias, como no caso da luta pela Federação, e no da transplanta-

ção do eixo da política exterior para a América, tudo indicava que Rui não se sentia bem com a dedicação extrema de Nabuco. Na verdade, os gigantes não se entendiam bastante, apesar de reciprocamente se admirarem.

Nabuco, com o firme propósito de americanista convicto expunha cousas a Rui; de Vittel escrevia a este dizendo que esperava ouvir Mr. Root “falar do seu apôio como a melhor prova da sinceridade da nossa simpatia pelo povo americano” (7); escrevia a Barbosa Lima, que, para bem da propria política pan-americana, não poderíamos exitar entre os Estados Unidos e a América Latina em qualquer passageira necessidade (8); elogiava Rui, tomava a sua defesa em certos casos; e argumentava favoravelmente ao ponto de vista norte americano no caso da igualdade entre as nações, achando um desastre os possiveis desencontros entre as delegações brasileira e norte americana, em meio de tanta cousa “muito embrulhada” (9). Mas só podia comunicar que “o dr. Rui Barbosa disse-me que ia submeter a V. Ex. o que eu lhe expunha” ou então que escrevera a Rui cujas muitas occupações não permitiam pronta resposta...

Como vemos, era o americanista que, desta vez, na Europa, não se batia sinão pelos interesses do pan-americanismo, interesses que — pensava ele — só uma visão obliterada poderia ver fora da política de intelligencia com os Estados Unidos. E, numa das ultimas cartas da Europa, dizia a Graça Aranha:

“Em suma estou ansioso pelo fim de tudo isso, muito contente por não ter eu

mesmo ido à Haia, mas receioso de ter que recommençar a minha tarefa, se resultar da Conferência qualquer afastamento nosso dos Estados Unidos por causa da atitude da delegação americana. Diga-me para lá sua impressão. Mando-lhe o *New York Herald* para o sr. compreender bem a situação criada pela campanha dêle contra o Rui, que figura como inimigo da delegação americana e da política do govêrno de Washington. Ainda tenho esperança de que seja possível uma solução que eleve o Brasil, ainda que abandonemos um "princípio" que não podemos impor ao mundo, como seja o da igualdade absoluta de tôdas as nações, nas deliberações internacionais". (10)

Regressando a Washington, Nabuco iria ver que não havia muita razão no seu aborrecimento em tôrno dos desacôrds entre Rui e Mr. Choate, pois, falando a Root sôbre o fato, este o tranquilizou, vendo de maneira quasi desinteressada a Conferencia de Haia. . . Já em carta de outubro a Rio Branco, falava na Conferência sem nenhum aborrecimento, dava noticias de Root, "único da sua espécie no interesse pela América Latina", falava no caso das relações do Brasil com as grandes potencias, e encerrava com a noticia de que tencionava escrever "um livrinho" sôbre a questão da Guiana Ingleza, assunto sôbre o qual externou-se tambem a Graça Aranha, quando disse precisar por em ordem o seu arquivo da Abolição, o arquivo de seu pai e concluir outro livro de Pensamentos que escrevia (11).

Era o escritor que se sobrepunha ao homem público, que reivindicava os seus direitos no meio

de tanta atividade, de tanto vai-vem, de tanta agitação... Nabuco, de certa maneira, atenderia o apêlo; nunca mais, porém, teria ocasião de escrever com o vagar, a força e o amor que transcendem das páginas de "Minha Formação" e "Um Estadista do Imperio".

Entrando outra vez na sua grande reta, depois do desvio para tratamento da saúde e para servir Rui Barbosa em Haia, com o que ainda procurara servir o pan-americanismo, Nabuco iria em fins de 1907 e principios de 1908 escrever sempre ao autor de "Cartas de Inglaterra", num trabalho persistente e cauteloso, destinado a reconcilia-lo com a América do Norte, e faze-lo aceitar desvanecedor convite oficial da Universidade de Yale para que fosse aos Estados Unidos e, depois para que não deixasse de ser o autor da saudação à esquadra americana que, em cruzeiro pelo mundo, passaria em janeiro de 1908 pelo Rio. A este respeito Americo Jacobina Lacombe escreve: "Ainda com relação à posição adquirida pelo embaixador do Brasil na Conferência da Paz, ocorre uma tentativa de Rio Branco e Nabuco no sentido de fazer desaparecer qualquer má impressão por parte dos americanos em relação a quem tanto se lhes tinha oposto em Haia. A grande solução neste sentido teria sido uma viagem, aos Estados Unidos, a convite da Universidade de Yale, e que Rui recusou por motivo de saúde. Nova oportunidade abriu-se, porém, com a visita da esquadra americana ao Rio, em princípios de 1908. Rio Branco esforça-se então em repetir a tática de 1906, para conseguir que fôsse Rui o orador no banquete que o Govêrno devia oferecer à officialidade visitante." (12)

Novamente Rui manteve-se irredutível, para espanto de Nabuco, repetindo a negativa ao convite da Universidade de Yale, o que decepcionou os americanos e deu margem mesmo a uma carta de Root ao Embaixador brasileiro.

Por essa época, escrevendo também a Machado de Assís, que, apesar de ser o "budista desencantado" que sempre foi, acompanhava com interesse o vai-vem do amigo de Washington, dizia ao explicarlhe a razão do seu americanismo ardente: "Eu em diplomacia nunca perdi um só dia o sentido da proporção e da realidade". (13)

No seu vai-vem incessante, via os entendimentos em torno do edificio da União Pan-Americana progredir até àquele feliz 11 de maio de 1908, quando se procedeu ao lançamento da pedra fundamental do edificio, com a presença do cardeal Gibbons, do Bispo Episcopal de Washington, de Roosevelt, de Root, de Carnegie, do corpo diplomático, de enorme assistencia. Falando depois do Presidente Roosevelt, Nabuco pronunciou um discurso aplaudidíssimo, começando por lembrar as palavras carinhosas de Roosevelt para com a América Latina, para concluir com aquela felicidade muito sua: "Possam vossos augurios felizes encontrar vossa habitual boa estrêla!". Aplauda o gesto presidencial, conferindo a Elihu Root uma distinção, fazendo, após, uma alusão à obra gigantesca do canal do Panamá, para afirmar que "nenhum presidente dos Estados Unidos deixará na historia do pan-americanismo marca mais indelevel que aquela que, atualmente, cortais de um oceano a outro, alterando as vias maritimas do mundo e aproximando povos e cidades nas duas frentes do nosso Continente." Volta-se para

Carnegie, a quem, com a mesma felicidade, agradece a valiosa doação, para em seguida, entrar na parte substancial do discurso que mais simpatias lhe proporcionou:

“Senhores, jamais houve paralelo à cena que esta cerimonia nos apresenta, de vinte uma nações, de linguas diversas, construindo juntas uma casa para suas comuns deliberações. É tanto mais impressionante, quanto esses países, com todas as diferenças possiveis que existem entre eles, pelo tamanho e população, firmaram sua união na base da mais absoluta igualdade. Aqui o voto do menor contrabalança o voto do maior. Tantos Estados soberanos não poderiam ter-se atraído mutuamente e tão espontaneamente, como por uma força irresistivel, se não existisse, encimando cada consciencia nacional, o sentimento de um destino comum a toda a América. De fato, parece que um decreto da Providencia fez a costa ocidental do Atlantico surgir no entardecer da historia, como a terra eleita para uma grande renovação da humanidade. Desde os primeiros dias da sua colonização despontou nos corações de todos os seus filhos, o sentimento de que este é na verdade um Novo Mundo.” (14)

Com tal felicidade Nabuco encerrava a sua oração, voltando-se para o cardeal Gibbones que invocara as bençãos do Céu para aquela união.

Não paira a menor duvida sôbre as conclusões a que se tem que chegar: Joaquim Nabuco era um

vitorioso na sua política pan-americanista. Soubera captar simpatias para as idéias que levava; soubera calar pontos de atrito, que só deveriam ser lembrados quando não mais o fossem; soubera projetar nos Estados Unidos as idéias do sul sôbre o pan-americanismo e soubera revelar, na grande república do norte, a feição real da outra maior república da parte sul do continente.

Mas não pararia aí. Muito embora já não fosse mais o homem capaz dos grandes esforços de ontem, muito embora já não mais pudesse desenvolver com a mesma velocidade e aprumo a corrida para o melhor, ele se esquecia de tudo isso, não se lembrava de que a saúde não resistiria a muito esforço na propagação de suas idéias americanistas, e novamente se dirigia para o recesso das Universidades, com incontida vontade de falar aos moços, de revelar-lhes a grande responsabilidade que passaria a eles, relativamente ao ideal que devia ser levado avante por varias gerações: o da união das Américas, o da interpenetração de idéias e sentimentos entre os países americanos, o da consolidação das bases de união do continente que ele via eleito "para a grande renovação da humanidade" no tempo em que, como um precursor, já enxergava no horizonte um ameaçador "entardecer da História."

(1) Joaquim Nabuco — "Cartas a Amigos" — vol. II, cit. — pag. 260.

(2) Aluizio Napoleão — vol. cit. — pag. 186.

(3) Joaquim Nabuco — Cit. Carolina Nabuco — vol. cit. pag. 441.

(4) Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 462.

(5) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pags. 465-6.

- (6) Alvaro Lins, — vol. cit. — pag. 82-3.
- (7) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. II, cit. — pag. 274.
- (8) Joaquim Nabuco — Idem, pag. 277.
- (9) Joaquim Nabuco — Idem, Idem, pags. 281-6.
- (10) Joaquim Nabuco — Idem, Idem, pag. 288.
- (11) Joaquim Nabuco — Idem, Idem, pags. 272-2.
- (12) Americo Jacobina Lacombe — vol cit. — pag. 91.
- (13) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. II, cit. — pag. 305.
- (14) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit., pag. 442-3.

DOCTRINANDO NAS UNIVERSIDADES

DÊSSE ANO DE 1908 ATÉ O fim, as atividades a que Joaquim Nabuco se entregava como batalhador invencível pela união das duas Américas — atividades muito acima de suas exgotadas forças — fazem lembrar aquela idéia que ele mesmo deixara nos "Pensamentos Soltos": "A pulsação acelerada só se justifica nos poucos indivíduos destinados a serem precursores de sua raça ou de sua época. Estes devem, como o corredor de Marathon, morrer na carreira" (1).

Faltava falar à mocidade, faltava incorporar o entusiasmo dos jovens à obra que a eles caberia levar avante. Acalentava este sonho, diz Carolina Nabuco, pois, "falar à mocidade americana consolava-o de não poder neste fim de vida, dirigir-se à brasileira". E ele proprio, externando-se a uma amigo sôbre a serie de conferencias que iria proferir nas Universidades americanas disse: "Minha ambição neste final seria falar à mocidade, semear os sentimentos e as idéias com que já agora hei de partir da vida e que, portanto, para mim são eternos. Acredito que poderia fazer um testamento político que fosse uma carta dos recifes que temos pela prôa e do rumo que devemos seguir para evita-los. A maior gloria de todas é formar discípulos, isto é, reviver politicamente em outra geração, prestando ainda serviços ao país". (2)

A serie de conferencias que o levaria ao ambicionado contacto com os moços no fim que ele via próximo, era, além de dever, serviço diplomático, propaganda, uma evasão para o seu mundo interior que era o mundo do escritor, do pensador, do poeta que nunca deixara de ser e que estava redivivo no amplo anseio de escrever, além de outros livros, suas memórias, como deixou claro em carta a Hilario Gouvêa (3).

“Ele quizera convencer as Universidades americanas do gênio da nossa lingua, disse José Lins do Rêgo em interessante trabalho de jornal, e com Camões apresentou-se nos *meetings* universitarios, como se defendesse os escravos no Santa Isabel de Recife” (4). Efetivamente, tomando Camões como assunto de trez das seis conferencias que pode pronunciar entre 1908 e 1909 nas Universidades americanas, Nabuco, como confessou logo na primeira delas, pronunciada na Universidade de Yale em maio de 1908, desejou renovar a Camões a homenagem que lhe prestara na mocidade, com o primeiro livro escrito aos vinte anos, e desejou tambem mostrar aos americanos a originalidade do Brasil na América, a começar pela lingua. Nas outras conferencias sôbre a parte da América na civilização, sôbre a nacionalidade brasileira, sôbre a aproximação das duas Américas, iria prosseguir no mesmo objetivo que o levava aos Estados Unidos e que o fizera comparecer perante numerosos auditorios com “Os Luziadas” na mão: mostrar a alma da América Latina, revela-la atravez de observações definidoras; salientar que esta parte do mundo tem uma fôrça muito sua sobretudo em homens; chamar os americanos do norte à compreensão da realidade sul americana,

quebrando ignorancias, desfazendo incompreensões, apresentando fiadores. . .

Começando a referida conferencia de Yale lê Camões, em versos portuguezes e em prosa inglesa, e vai observando que o grande livro é, por excellencia, "o poema do oceano", que Adamastor é um "mito vivo, creação não superada", que só a Ilha dos Amores vale um poema completo, para encontrar identidade de sentimentos entre Camões, poeta da ação, e os americanos:

"Mas o verdadeiro evangelho de que é o espírito americano hoje denominado *strenuous life*, vida intensa, são os versos onde exalta o feito dos descobridores portuguezes alcançando a India. Neles conhecereis o vosso proprio ideal". (5)

Logo no dia seguinte prosseguiria na atividade a que chamou "minhas digressões de propagandista", abordando outro tema, a convite do "Spanish Club" da mesma Universidade: "O sentimento de nacionalidade na Historia do Brasil". Aí começou por observar que há uma sequencia natural em falar do Brasil depois de haver falado d'"Os Lusíadas", porque o Brasil e "os Lusíadas" são as duas maiores obras de Portugal.

Virando mais ou menos apressadamente as páginas da historia brasileira, pára aqui, observando o tamanho do país e a marcha acelerada dos bandeirantes, alí destacando a obra dos jesuitas, acolá contando as vitorias contra os invasores estrangeiros, sem deixar de fazer justiça ao "esclarecido governo de Nassau". E faz parada mais longa nas lutas pela independencia, observando que "foi cir-

cunsciancia única na Historia, a de um herdeiro da corôa preferir fundar um novo trono a suceder ao de seus antepassados”, pois isso evitou a resistencia generalisada das tropas portuguezas e uma consequente independencia sanguinolenta, com repercussões na vida americana, uma vez que “é possível que a Inglaterra, pela sua tradicional aliança com Portugal, auxiliasse a política da Santa Aliança de reprimir levantes na América Latina”. Também olha o periodo da Regencia, de “perigosa hipertensão de patriotismo” que, ocorrida dez anos antes, poderia ter quebrado a unidade nacional, e observa outra felicidade do seu país: a do carater de seus administradores desde o período colonial.

Depois situa a zona mais ou menos remançosa no panorama convulso da América:

“No Brasil, portanto, jamais a liberdade foi sacrificada à ordem; pelo contrario, aparece constantemente como seu fruto, fruto da mesma arvore da ordem em nossa Independencia. Bem sei que a ordem vem antes da liberdade e que não se pode ter a esta sem que primeiro aquela esteja garantida; por isso não deixaria nunca de render homenagens aos grandes chefes salvadores da sociedade, nos países onde a liberdade estremece, ameaçando seu sustentáculo indispensável que é a ordem. Quanto a nós, nunca tivemos necessidade desse tipo de chefe; no entanto, nossa maior felicidade foi a de nunca ter enveredado por um desses labirintos políticos em que nações irmãs estiveram tanto tempo envolvidas”. (6)

Tais trechos de interpretação da Historia do Brasil conjugada com a da América, são citados como a melhor documentação jamais inexistente de que o sentimento que animava Joaquim Nabuco era o do mais intenso americanismo, era o de se fazer porta-voz do límpido sentimento brasileiro para com toda a América, era o de quebrar supostas incompatibilidades, mostrando a maneira "sui generis" por que se formou politicamente o Brasil e que deveria resultar no governo também "sui generis" no panorama latino americano. Tudo evolução natural, sem interferencias humanas preconcebidas; em tudo a marca inflexível dos acontecimentos, sem a mais tênue base em que se firmaram as paixões que viam a "planta exótica" crescendo ameaçadora no chão da América...

Deste apanhado o conferencista vai reto ao ideal pan-americanista do Brasil, lembrando o fato de haver sua pátria apoiado a doutrina de Monroe sessenta dias depois de enunciada, chamando a atenção do auditorio para a simpatia com que, muito antes, Jefferson havia recebido os estudantes brasileiros na França.

Analisando, em prosseguimento, o característico nacional do Brasil, o idealismo, afirma que "somos e sempre fomos leais ao nosso continente", exemplificando com os dois imperadores, a princeza Isabel, Rui Barbosa, Rio Branco, passando a lamentar que os grandes valores da América Latina fossem desconhecidos nos Estados Unidos:

"Dom Pedro II do Brasil, o General Mitre da Argentina, e o General Porfirio Diaz do México foram as principais figuras da

América Latina no meu tempo. Dom Pedro visitou este país em 1876; foi amigo de Longfellow e de Agassiz, como de todo grande poeta ou naturalista de sua época. Muitas provas deram os Estados Unidos do apreço que tinham pelo seu carater, como por exemplo, quando os respectivos chefes da União e da Confederação recusaram uma proposta de mediação, no correr da guerra civil, dizendo, segundo consta, que, se chegasse a hora desse alvitre, o Imperador do Brasil seria o mediador natural; ou quando este país lhe pediu, com a Grã Bretanha, que nomeasse um dos árbitros no caso do *Alabama*.

O General Diaz é vosso vizinho. Vistes, por assim dizer, com os proprios olhos, o muito que ele fez para o México. O terceiro, porém, o General Mitre, é para vós um estranho. É triste, sob o ponto de vista continental, que um heroi nacional da América do Sul, com uma vida tão brilhante e tão nobre, pudesse viver e morrer sem que esta nação, em conjunto, tivesse consciencia dele. Não é necessario outra prova de quanto a América Latina é pouco conhecida entre vós. Muito, no entanto, podem fazer as Universidades para chamar a atenção da juventude norte-americana para o que é digno de notar-se nas suas irmãs do Sul. Lembrai-vos, como eu já disse ha dias, no lançamento da pedra fundamental da Casa das Repúblicas Americanas em Washington, que elas foram herdeiras com-

vosco na grande partilha de Colombo e que nossa associação é indissolúvel." (7)

Entre estas conferencias de 14 e 15 de maio e a seguinte, que fôra convidado a proferir na Universidade de Chicago a 28 de agosto, sôbre "A aproximação das duas Américas" ele mergulha outra vez na ação, na atividade, grande parte da qual, diz Carolina Nabuco, "era feita às abertas e precisava mesmo, para ser proveitosa, de uma larga propaganda, mas outra parte era naturalmente ignorada, ou por ser trabalho invisível de alicerces, ou por ser trabalho propriamente de diplomacia, com lugar nos arquivos reservados dos governos". (8) Sôbre este ponto é conhecido o episodio da carta deixada certo dia sôbre sua mesa por sua secretaria, Ema Smith, e na qual mostrava-se revoltada com uma aparente displicencia dos patricios do Embaixador pela grande, e até certo ponto silenciosa obra que construia em Washington.

O Nabuco doente e alquebrado e, portanto mais ou menos permeavel aos menores contratempores iria, nessa época, ficar outra vez aborrecido com Rio Branco, mas de maneira a fazer o seu elogio, como se observa neste trecho de diário: "Ele identifica-se tanto com as cousas que parece irreduzível em tudo. Não pede, impõe. Discute como um advogado nos telegramas. Mas que zêlo admiravel e que vigilância em tôrno das fortificações da sua diplomacia!"

Nabuco escreveu certa vez que não há um autor que, ao envelhecer, não acredite ter progredido sôbre sua mocidade. É difficil saber até que ponto este pensamento poderia ajustar-se ao seu caso pessoal. Inegavelmente seus grandes livros são todos

obras de idade madura lançando sombra fechada sôbre as vagas tentativas da mocidade. E a sua ação de abolicionista, de desabusado abridor de caminho, de autor, em suma, ele a colocava, em pé de igualdade com a outra, aquela que agora empreendia com toda a força que ainda lhe restava, buscando a aproximação das duas Américas.

Esta identidade de nível entre a obra de agora e aquela que lhe custou a mocidade heroica, cheia de "compaixão concreta pela sorte do povo" não poderia ser mais elogiosa para as atividades pan-americanistas, a que se entregava também inteiramente.

A 28 de agosto o Embaixador-conferencista foi novamente doutrinar, desta vez na Universidade de Chicago, onde falou sôbre "A aproximação das duas Américas". Tocou, então, pontos nevrálgicos da política interamericana, inclusive aquele do desconhecimento recíproco entre as duas secções do continente, devido ao "receio que muitos espíritos da América Latina nutriram longo tempo de ter um contacto mais próximo com os Estados Unidos" que, por sua vez, salientou, reagiu com a indiferença... A seguir observou que no Brasil os principais estadistas nunca receberam uma aproximação com a América do Norte, citando fatos para destruir o preconceito que correu veloz nas pernas de conhecida frase do seu amigo Eduardo Prado e dizendo: "O unico resultado certo que vejo de um intercambio constante e vivo entre a América Latina e a vossa pátria é que ficaríamos aos poucos "americanizados"; isto é, sofreríamos, em grãos diversos, a infiltração do vosso otimismo, da vossa confiança propria e da vossa energia. Seria um tratamento pela eletricidade. Não direi que atingiremos a vossa velocidade. Nem

o desejamos. Vós quebrastes o record da actividade humana sem romper o ritmo da vida. Traçaste-lhe um ritmo só para vós”.

Abordou também o que chamou “um ponto comum nos nossos destinos”, a imigração, que tantos e tão lúcidos discursos exigira dele quando deputado. “Todos somos países de imigração, disse, para acrescentar que é preciso que em todos os países exista uma força capaz de assimilar o que absorvem, força que não é a do patriotismo sómente, mas também a do espírito político, como o norte americano, feito de uma mescla do espírito de liberdade individual com o de igualdade perfeita.

Este assunto, o dos magníficos resultados da imigração nos Estados Unidos, ele o conhecia bem, uma vez que lhe dedicara muita atenção, desde o famoso discurso sobre o Orçamento da Agricultura em março de 1879, na Câmara dos Deputados, onde se batera contra a imigração Chinesa, apontando os efeitos magníficos da imigração de diferentes povos para a California, e os efeitos negativos dos chineses no Perú e outros países americanos. (9)

Mas passou a outro ponto de importancia capital para o objetivo com que se transformara em conferencista:

“Eu não terminaria si fosse enumerar todo o bem que a América Latina poderia colher de um contacto proximo com os Estados Unidos. O que talvez preferieis ouvir é o bem que a vós pode advir desse intercambio. Dir-vos-ei francamente que a principio o bem seria apenas aquele que é consequente de ganhar-se um novo amigo. Creio, porém, que não há bem mais subs-

tancial para um país que se acha à testa de um continente.” (10)

A seguir observa que a questão é saber si é ou não é vantagem a unidade americana, para perguntar qual o motivo que teria inspirado a doutrina de Monroe: receio da Europa ou intuição de que é uno o destino do Novo Mundo? Manifesta sua crença nesta última hipótese que acha estar sempre presente no esboço da política externa norte americana. E insiste:

“Tal constancia, tal continuidade é a melhor das provas de que vossa política americana obedece a um profundo instinto continental e não é apenas medida de precaução nacional e de defesa propria. A doutrina de Monroe vos manteve afastados do labirinto da política européa, no qual, sem ela, terieis provavelmente sido induzidos a entrar. É facil compreender a relutancia dos Estados Unidos em contrair alianças bélicas. Os aliados de hoje foram rivais da véspera, e o sistema de alianças será sempre o de alternações. Mas assim como existe uma política exterior passageira e perigosa, existe outra, que é permanente e garantida. A especie que não dura é a da política exterior feita para garantir-se um auxilio, buscando apenas o interesse da propria nação, isto é, usando outra nação como seu instrumento; a política exterior que se pode qualificar de permanente é aquella em que uma nação procura cons-

truir, ao lado de outra, um destino comum.” (11)

Joaquim Nabuco falava com franqueza. O Embaixador que admirava os Estados Unidos e que se entregava sem reservas a uma política pan-americana da qual via a América do Norte como guia natural, como condutora de honra, não deixava de apontar francamente a espécie de política exterior que não dura, que é passageira e perigosa. Queria — como o queria o Barão do Rio Branco, e como na verdade estava sendo feito — uma política desenvolvida em bases naturais, que evoluísse com segurança, sobre outro alicerce que não fosse o da existência efêmera dos pactos e das alianças, geradores de antagonismos e desprestigiados no mundo inteiro.

Fora dos recintos das conferencias era o homem escrevendo a Machado, a Graça Aranha, a Hilario Gouvêa, falando nos contactos com a mocidade Universitaria, entusiasmado com Emerson, confessando-se “cansado de falar inglês”, mostrando-se “encantado com umas vistas de Massangana” que um primo lhe mandara; e, já que para o Brasil não podia vir, almejando paz, descanso de espírito, em Roma ou no Vaticano, afim de dar um balanço na vida e escrever outros livros. . . (12) Mas era também, fora daqueles recintos, o bom conversador, o argumentador penetrante dos jantares e reuniões a que não podia deixar de comparecer.

Assim, nesse mesmo ano de 1908, em dezembro, teve ocasião de proferir outro discurso tão feliz como aquele da cerimonia de lançamento da pedra fundamental do edificio da União Pan-Americana, em

maio. Foi o discurso proferido na *Corcoran Gallery of Art* a 15 de dezembro, quando se festejava um nome pinacular na historia da arte americana, o do escultor Augustus Saint-Gaudens. Falando na mesma ocasião em que falaram Roosevelt, Root, Jusserand e Bryce, Nabuco apanhou com tamanha exatidão o seu assunto, entrecortado de conceitos ditos com tanta lógica e penetração que, dias depois recebia em sua residencia um cartão com os seguintes dizeres:

Meu caro Senhor Embaixador,

Quero mandar-lhe umas palavras de reconhecimento pessoal e de felicitações pelo seu discurso sobre Saint-Gaudens na outra noite. Muita gente me tem falado nele. Foi admiravel, quer pela elevação do pensamento e das palavras, quer pelo modo por que o pronunciastes. Creia, Sr. Embaixador, que entre os muitos homens que o admiram enquanto filosofo político, de vistas largas e acabado homem de letras, ninguém o admira mais do que seu amigo sincero

Theodoro Roosevelt.

Logo em principios de 1909 Nabuco veio a conhecer outro país americano, Cuba, onde esteve como Embaixador Especial do Brasil às cerimoniaes da restauração do govêrno nacional. "Na Havana cada dia foi uma delícia", comunica de lá à espôsa, escrevendo tambem a Hilario que a saúde, com os muitos trabalhos, não ia nada bem. De volta a Washington, detem-se em Miami, na Florida, de onde responde com muita satisfação a uma carta

de Rui, velho colega, um pouco distante dele no caso da política externa, no de Haia, mas que sinceramente admirava, como se pode ver na citação da ultima conferencia pronunciada nas Universidades, e em cartas escritas a amigos, como nesta endereçada ao proprio Rui, mostrando-se saudoso do Brasil, preocupado com a saúde, com a eventual necessidade de ter de abandonar o posto sem saber quem o substituiria, magoado por não ter conseguido aproximar melhor o velho amigo dos Estados Unidos da América do Norte:

“Completam-se dez anos de ausência do país e da vida mais artificial que eu podia ter tido. Estou cansado e não quisera acabar assim. A minha dúvida tôda é se tenho o direito de renunciar o posto sem saber por quem me substituiriam. Quizera que você tivesse visto a minha correspondência com o Rio Branco desde que aqui cheguei, como eu quizera ver a sua da Haia. Um dia talvez as possamos comparar. Estou cansado. Eu penso que você não apreciou bastante a honra que lhe fêz Yale. E’ a melhor que um latino-americano tenha recebido dêste país. Se você tivesse podido aceitar, teria sido um imenso serviço ao nosso país.” (14)

Mas, prossegue na luta, alimentando, porém, o desejo de morrer no Brasil: “Não quero acabar entre os estranhos, quero enraizar meus filhos em nossa terra”. De volta a Washington — escreve Carolina Nabuco — continuava, a despeito do organismo aba-

lado, sua vida ativa de viagens, de compromissos sociais, de labor intelectual. Essa vitória do espírito sobre o corpo continuou, com grande surpresa de seu médico assistente, até o fim. Conseguiu na última estação mundana de Washington, manter aparentemente a mesma vida, realizar as mesmas excursões sociais". (15)

Ao regressar de Cuba, esperava-o um fato desagradável: ameaça de desastre comercial para o Brasil, vinda no bôjo de uma emenda do Congresso americano, taxando a entrada do café brasileiro, com o que se procurava compensar o imposto de exportação cobrado pelos Estados cafeeiros. Nabuco não se intimida ante a ameaça, vinda por influencia secreta dos especuladores. Lança-se à luta, arregimenta amigos influentes, argumenta com fatos, vai ao Departamento de Estado, onde, gentil, mas firmemente, intimou que uma vez executado aquele programa, o Brasil seria obrigado a cancelar as concessões de que gosavam os exportadores americanos. Conseguiu a vitória, com uma emenda do Senado, cancelando a famosa taxa. (16)

Voltaria ainda a pronunciar duas conferencias sobre Camões, a primeira das quais a 21 de abril para as alunas do Colegio de Vassar sobre "Camões, poeta lírico", onde cometeria suave traição a si mesmo mostrando aos americanos o sentido da palavra *saudade*, traçando em tórno da "escala infinita da palavra" uma pagina singela, difficilmente sobrepujada em naturalidade e beleza.

A conferencia seguinte foi na Universidade de Cornell, logo no dia 23 sobre "Os Lusíadas, epopéa de amor". Aí, estudara Orville Derby que, através de nada menos de 145 substanciosas monogra-

fias deixara patente o seu amor pelo Brasil, a ponto de poder dizer com outro americano, Hartt, : “have made me love the land of the sabiá”. O fato passou despercebido a Nabuco que, entretanto, como nas outras conferencias, fôra feliz no seu objetivo de propagar o Brasil e o pan-americanismo, explicando novamente que “o idioma português é muito diverso do espanhol e, assim, era fatal que tivesse uma literatura distinta”. (17)

Mas a saúde prosseguia declinando tão rapidamente que os médicos proibiram-lhe de comparecer à Universidade de Wisconsin, onde deveria pronunciar outra conferencia e receber mais um gráu honorario. Falaria, então — detalhe muito significativo — sôbre “A Parte da América na Civilização.”

Nessa conferencia, escrita e inserta tambem em “Camões e Assuntos Americanos” começaria ainda pregando pan-americanismo:

“Permiti-me dizer que, para fixar no espírito desta grande nação o propósito da paz, acredito que nada poderia concorrer mais do que o Pan-americanismo. Se este constituir para vós resoluta política externa, como, pela doutrina de Monroe, já é um movimento reflexo da vossa política, então não só este país se identificaria com a paz, mas tambem ligaria a ela o resto do Continente, e essa tarefa encheria o tempo que ainda nos separa da epoca em que toda a humanidade venha a renegar a guerra. Para vós e para nós, as palavras Paz e Pan-americanismo são conversíveis. Como, porem, o

elemento que mais influe na vossa força em prol da paz é a imigração, eu classificaria a esta como a primeira entre as contribuições da América para a Civilização.” (18)

Entrara outra vez no assunto, no ponto que sempre salientara em quasi todas as conferencias desta serie pronunciada nas Universidades: o de que a América é o continente da imigração, o de que os Estados Unidos constituem o mais belo exemplo e o mais sólido exemplo de uma nação formada por inumeras outras por sua livre expontanea vontade, observando que a América é de fato a Nova Europa, muito diversa da velha, toda tomada por barreiras raciais, por patriotismos diferentes, por tradições nacionais distintas.

A imigração simbolisa mesmo a América do presente e do futuro e daí voltar-se para ela com insistencia nessa última conferencia onde deixou a idéia que lembra a síntese belíssima de Alberto Torres (19), assim como a do mexicano José Vasconcelos em “La Raza Cósmica” (20):

“Vou, pois, indicar-vos, como primeiro e principal fator da descoberta da América sobre a civilização, este, — o aparecimento, no mundo, de um imenso continente, fadado a ser a nova patria das velhas raças européas, e permitindo-lhes encontrar-se, confraternizar e falar o mesmo idioma, enquanto, na velha terra, seus respectivos troncos permaneciam separados e até hoje beligerantes. Um fato nunca antes visto nem imaginado, o de uma humanidade, pois esta é

uma humanidade nova, formada por seleção própria.” (21)

Estava tocando com insistencia naquele ponto que era do presente e do futuro e que o faria voltar ao ponto de partida, lembrando que “no final de contas, o que matou o tráfico dos escravos foi a imigração” e que “é esta, e não a escravatura, que representa a verdadeira seiva americana.” (22)

Passando a mencionar outras contribuições da América para a civilização, indica a Democracia, que na América resultou bem distinta da espécie européia, nascida, alias, afirma, de uma filosofia que foi do Novo Mundo, atravez de Jean-Jacques Rousseau e atravez de Montaigne nos “Ensaio”, acentuando que seria possivel até escrever um livro sôbre estas duas influencias, numa antecipação magnifica do que foi feito por Afonso Arinos de Melo Franco, assim como por Luiz da Câmara Cascudo, que traduziu e anotou o capitulo XXX dos “Ensaio”.

Mas a viva confiança do Embaixador conferencista na seiva do Novo Mundo não pararia aí:

“A quem me perguntasse, portanto, que beneficios trouxe a América á velha Europa, eu responderia que Christovam Colombo abriu largas portas e janelas do lado ocidental do velho solar europeu, cuja ventilação vinha toda do leste. A América começou no seculo XVI a regenerar o Velho Mundo, de modo tão completo quanto o influxo da Europa Central o regenerára na Idade Media. Pena foi que os meios de navegação não ti-

vessem permitido sua descoberta no tempo do Imperio Romano, quando ela poderia ter preservado a Civilização antiga.” (23)

Passando a observar a contribuição da economia norte americana para a Civilização, afirma que “a Era de Franklin não terminará como a de Midas”, ressalta a importancia das invenções americanas para o presente e o futuro do mundo, entrevendo a vastidão de uma realidade tão notavel que possibilitou a um historiador como Roger Burlingame tentar, em “Máquinas da Democracia,” uma reforma na técnica da historiografia, ao mostrar que a unificação dos Estados Unidos foi possível graças também ao auxilio do jornal, do arame farpado, da energia elétrica, do telefone, do automovel, do cinema, do rádio. . .

Os característicos do povo norte americano, ele os procurou sintetisar atravez do humor, da benevolencia, do otimismo, da integridade moral, da religião, da atividade comercial, do idealismo, da sociabilidade, apelando para a mocidade universitaria para que se interessasse pelo estudo do papel que a historia reserva à América Latina.

Nestas conferencias, de que só conhecemos as traduções, que foram escritas mais ou menos às pressas, umas após outras, Nabuco deu ao termo América sentido ora geral, ora restrito. Elas constituem precioso documentario das suas atividades pan-americanistas desenvolvidas com convicção, na base para ele única da amizade com os Estados Unidos, que sinceramente admirou e de cuja aproximação com o Brasil foi o mais destacado e esclarecido batalhador.

Ainda nesse ano de 1909 em que passou entre o descanço e as vãs tentativas de vencer as crises, nas quais viu “uma invasão brusca da velhice”, e começou a faltar a compromissos, reduzindo as suas atividades públicas, ainda nesse ano, em novembro, teve a grande, a ultima satisfação de sua brilhante carreira diplomática, com o final satisfatorio de um incidente entre o Chile e os Estados Unidos, a proposito da Questão Alsop. O caso tivera origem quando passara da jurisdição boliviana para a chilena o territorio em que a firma americana Alsop tinha concessões na exploração de minas. O Chile não reconhecera aquelas concessões. O governo americano apoiou Alsop, e, quando se pensou em arbitramento, os Estados Unidos fizeram ver que só o aceitariam se não fosse posto em dúvida o direito da firma americana, com o que não concordou o Chile. Sobreveio um *ultimatum* americano que, indubitavelmente, levaria ao rompimento de relações.

A questão estava ameaçadora e era capaz de abalar seriamente a paz continental, a idéia pan-americana, quando Nabuco entrou disposto a resolvê-la com o apôio da chancelaria brasileira. Outra vez o embaixador apelou para os fortes sentimentos pan-americanistas do amigo Elihu Root, então senador, conseguindo, depois das naturais marchas e contra-marchas, ver encerrada com grande felicidade a perigosa divergencia, submetida à decisão do rei da Inglaterra, com manifestações de jubilo por parte da imprensa chilena e agradecimentos dos dois governos aos bons officios do Brasil. (24)

Coroadada dessa maneira, em plena batalha da inteligência e da ação, a grande obra pan-americana de Joaquim Nabuco, ele, apesar dos magníficos esforços que vinha desenvolvendo, para sobrepor a vontade férrea ao iniludível exgotamento das forças, estava praticamente fôra da luta naquele fim de 1909. Escreveu então uma das últimas, sinão mesmo a última de suas cartas, não constante dos volumes editados em 1949, e endereçada a Martim Francisco, amigo desde a juventude, no Colegio Pedro II

“Estou agora absorvido em Platão, pelo qual comecei em 1871 e 1872. E’ curiosa essa rotação da intelligencia que volta ao ponto de partida. Vivo nesta pequena biblioteca: a Biblia, os Diálogos de Platão, a moral de Aristóteles, as obras filosóficas de Cícero, as obras de Plutarco, Marco Aurélio e alguns mais. E’ um retiro espiritual, como V. vê, à moda antiga”. (25)

Embora vendo no veloz declínio das forças apenas a chegada de outra crise que o obrigava ao “retiro espiritual” de que esperava sair outra vez para as atividades em tórno do pan-americanismo, o incansavel lutador, desde há muito periòdicamente afastado das atividades, denunciava o sentimento da morte, voltava-se para sí mesmo, desejando enraizar os filhos na propria terra que o viu nascer, ficava encantado com fotografias de Massangana, falava na Abolição, entregava-se à “curiosa rotação da intelligencia que volta ao ponto de partida”...

Não mais voltaria, porém, à luta tão cara ao seu coração, à qual se entregara com ardor até às proximidades de 17 de janeiro de 1910, quando a morte o colheu na cabine de comando da difícil e bela campanha pela união das Américas — a Embaixada Brasileira em Washington.

(1) Joaquim Nabuco — “Pensamentos Soltos” — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1937, pag. 46.

(2) Joaquim Nabuco — cit. Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 445.

(3) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. cit. — pag. 316.

(4) José Lins do Rêgo — “O Panamericanismo de Nabuco” — Art. em “A Manhã” — Rio 11/2/1942.

(5, 6, 7) Joaquim Nabuco — “Camões e Assuntos Americanos” — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1940 — pags. 23, 111, 115, respectiv.

(8) Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 463.

(9) Joaquim Nabuco — “Discursos Parlamentares” — Instituto Progresso Editorial — S. Paulo, 1949 — pags. 19, 58, 69, 73, 153...

(10, 11) Joaquim Nabuco — “Camões e Assuntos Americanos” — vol. cit. — pags. 145 e 146 respectiv.

(12) Joaquim Nabuco — “Cartas e Amigos” — vol. cit. — pags. 314, 16, 20, 21.

(13) Teodoro Roosevelt — cit. Carolina Nabuco — vol. cit., pag. 444.

(14) Joaquim Nabuco — “Cartas a Amigos” — vol. cit. — pag. 332.

(15, 16) Carolina Nabuco — vol. cit., pags. 472 e 473, respectiv.

(17, 18) Joaquim Nabuco — “Camões e Assuntos Americanos” — vol. cit. — pags. 72 e 124 respectiv.

(19) “A Civilização que deve florescer em nossa terra figurará o inverso do mito de Babel: o regresso dos povos dispersos pelo mundo ao solo de uma pátria formada sôbre a base generosa e prática do amor ao homem e do amor à vida.” — Alberto Torres — Trecho selecionado por Alcides

Gentil — “As Idéias de Alberto Torres”, Cia. Editora Nacional — 1938 — pag. 319.

(20) “En el suelo de América hallará término la dispersión, allí se consumará la unidad por el triunfo del amor fecundo, y la superación de todas las estirpes”. — José Vasconcelos — “La Raza Cósmica” Imprenta Helénica — Madrid — s/d — pag. 15.

(21, 22, 23) Joaquim Nabuco — “Camões e Assuntos Americanos” — vol. cit. — pags. 126-127-132, respectiv.

(24) Carolina Nabuco — vol. cit. — pags 203-5.

(25) Joaquim Nabuco — Carta divulg. por Martim Francisco — “Contribuindo” — Monteiro Lobato, Editores — S. Paulo, 1921 — pag. 39.

O AMERICANO E OS ASSUNTOS EUROPEUS

N O DECORRER DESTES ENSAIO sôbre Joaquim Nabuco e o Pan-Americanismo a transmutação operou-se por si mesma, naturalmente, gradativamente: o homem que era chamado *européu* por contemporaneos em opposição à campanha abolicionista, e que no primeiro capítulo foi mesmo apresentado como o "européu" que apenas começava a dedicar-se aos assuntos do Novo Mundo, passou a ser visto no fim da vida como pan-americanista vibrante, e a ser apresentado no último capítulo como o americano mais ou menos enfastiado dos assuntos atinentes à vida política e social da Europa que tanto amara...

A pujança da sua vida, a harmonia, a quasi plenitude de equilibrio que a caracterisava, o toque de beleza e elegancia de todos os seus gestos e de todas as suas páginas, aquella inspiração miraculosa que fez o aristocrata descer à realidade das ruas e das fazendas, batendo-se por ela, constituem fatos de brilho tão intenso que monopolisaram as atenções, em detrimento desta outra feição magnifica de sua forte e, de certa maneira, contrastante personalidade: a do americanista cujos traços indecisos, isolados e mais distantes, vimos no jovem que chamava a atenção de seu pai para a gloria de Lincoln e a atenção de seu rei para o exemplo norte-ameri-

cano. E' verdade que nestas duas manifestações havia o abolicionista que se insinuava nele, mas também é verdade que elas acusavam certa admiração que o tempo aumentaria e de que surgiria o inconfundível batalhador pela união sincera e indissolúvel das nações herdeiras da grande partilha de Colombo.

Foi o que aconteceu após o 13 de maio, quando vieram as desilusões da política interna, e, conseqüentemente a mudança de rumo, com a viagem ao Prata, os discursos no Senado paraguaio e à mocidade argentina; as páginas americanistas da "Resposta às Mensagens", nas quais pela primeira vez no Brasil usara a expressão "pan-americanismo"; as oportunidades que não perdia para falar sobre a América; a observação do fluxo e do refluxo das ondas revolucionárias latino-americanas em "Balmaceda"; o desejo unionista da carta a "El Diario"; a análise das lutas no Prata em páginas serenas e penetrantes de "Um Estadista do Império"; as cartas do "forte monroista" que de Londres sugeria a mudança do eixo da nossa diplomacia para a América porque "politicamente estávamos separados da Europa tão completamente como a lua da terra"... Completara-se o estupendo fenômeno da americanização em Joaquim Nabuco, que passou a se dedicar à "nova causa", a do pan-americanismo, por ele mesmo colocada em plano idêntico à da causa abolicionista, e levada a ponto que não deixa margem a dúvida, de que já impunha severa limitação às relações com a Europa. Não queria mais devotar-se a "um passado de ruínas sem grandesa", quando à

sua frente estava “a aurora dos novos destinos do mundo”...

Nessá belíssima luta nos Estados Unidos vimos sobejamente a prova insofismavel da sua intelligencia, da sua habilidade, do seu prestígio, do seu crédito pessoal postos em merecido destaque pela imprensa, pelas manifestações populares, pelas grandes figuras da política internacional que conheciam as suas atividades francas e decididas. Após a morte tais manifestações atingiram culminancias inesperadas, e as expressões de grande aprêço pelas suas atividades pan-americanistas sucederam-se no mesmo tom daquelas do conde Carl Moltke, jovem Ministro da Dinamarca, e de Root, o amigo de sentimentos afins.

Moltke, que vira em Nabuco a maior atração espiritual de sua vida, escreveu ao ter noticia do passamento do Embaixador uma bela e comprehensiva página em que dizia: “Joaquim Nabuco era mais do que um servidor do seu país. Abraçou com ardor, seguro do seu êxito, a causa do pan-americanismo e possuia para a consecução dessa tarefa delicada uma qualidade rara num latino, a de compreender maravilhosamente bem o povo americano, ao qual infelizmente não foi dado apreciar os dois elementos extraordinarios que tanto contribuíram para as relações que procurava estreitar: a generosidade cristã e a grandesa d’alma. Era verdadeiramente um *grand seigneur*.” (1)

Bryce, Embaixador da Inglaterra, que continuou vendo o Embaixador do Brasil com simpatia, apesar de ele haver sugerido maior atenção do seu país para a América, comunicou ao seu governo de ma-

neira muito simpática a morte de Nabuco, acentuando que “ninguém era mais querido pelos seus colegas e pela sociedade de Washington”, que “nenhum representante diplomático de país sul americano jamais atingira a posição que ele alcançou”. Jusserand, da França, disse que “nenhum país produz muitos homens como este”. E enquanto um editorial do “Washington Post” reconhecia que Joaquim Nabuco “atraía naturalmente, como o magneto chama o aço, a amizade de todos os estadistas de Washington”, Elihu Root, falando na cerimônia de inauguração do edificio da União Pan-Americana, para o qual o Embaixador do Brasil tanto trabalhara, assim se referia ao grande homem, no momento mesmo em que seu corpo entrava em águas brasileiras a bordo do cruzador “North Carolina” escoltado por outro vaso de guerra brasileiro, o “Minas Gerais”:

“Uma voz que está silenciosa deveria ter falado hoje, mas muitos dentre nós não podemos esquecer, nem deixar de honrar e de chorar o nosso querido e nobre amigo Joaquim Nabuco, Embaixador do Brasil e decano do corpo diplomático americano. Respeitado, admirado, amado, seguido por todos nós, possuindo nossa inteira confiança, ele foi, no movimento internacional do qual procede a construção deste edificio, figura dominante. A largueza de sua filosofia política, a nobreza do seu idealismo, a visão profética da sua imaginação de poeta, se aliavam à sabedoria prática do estadista e a um coração sensível e afetivo qual o de uma mulher. Ele acompanhou com o mais profundo interesse os planos e a construção deste edificio. Sua influencia bené-

fica imprimia-se em todos os nossos atos. Nenhuma benção que se pudesse pronunciar, sôbre esta grande instituição, seria tão rica de promessas para seu futuro quanto o desejo de que sua memoria enobrecedora perdure, de que seu espírito civilizador domine nos conselhos da União Internacional das Repúblicas Americanas." (2)

Vimos acompanhando as suas atividades, o seu otimismo crescente com relação à América, e devemos a esta altura retroceder a 1902, a um trecho de carta de Londres a Campos Sales, onde Nabuco dava ao Presidente a sua opinião sôbre a situação internacional naquela época:

"Minha impressão é que, para todos os países da Europa e da América, o problema externo tende cada dia mais a sobrepujar os problemas internos e que estamos caminhando para uma época em que a sorte de todos eles, sem exceção, tem que ser afectada pela solução que tiver o conflito de influencia e preponderancia entre os grandes sistemas de forças, como sejam a Triplice e a Dupla Aliança, o Imperio Britanico, a doutrina de Monroe, etc." (3)

Este trecho encaixado nas afirmações entusiásticas para com a América, e no desinteresse, na dúvida, na simples cordialidade para com a Europa, evidencia os lineamentos da sua "política sem alternativas", a do pan-americanismo com a liderança natural dos Estados Unidos, orientação que ele, julgava certa porque visava solidificar os laços de

união num "continente votado à paz", em um mundo que marchava lentamente para a guerra.

Era talvez uma tentativa de isolamento da América, conquanto fosse uma tentativa a seu modo, baseada em idéias muito mais brandas que aquela de Jeferson que quasi desejava um oceano de fogo entre o Velho e o Novo Mundo, mas, ainda assim, uma tentativa difficil, impossivel mesmo num mundo só, inter-dependente, de vizinhos tomados pelo virus da discordia que os levaria das simples escaramuças aos catastróficos choques armados, onde todos seriam obrigados a entrar, ainda que sem saber porque...

Nabuco não viu isso, não viu a primeira Grande Guerra, divisor de aguas de dois mundos diferentes, o seu, o do remanso, e o nosso, o da tormenta, que não se exgotou numa luta de proporções internacionais e que parece não ter-se exgotado em duas...

A previsão da luta que começou com o pretexto de Seravejo não lhe escapou, por certo, como acentuou Graça Aranha, mas uma simples previsão não contém os ensinamentos do fato, capaz de transformar pontos de vistas e modificar convicções como a de uma América tanto quanto possivel isolada do resto do mundo. Assim, o Nabuco realista da modificação da política exterior do Brasil, o Nabuco da bellissima batalha pela união das Américas, se não morresse antes da Grande Guerra, talvez deixasse de lado aquele seu otimismo que tudo purificava e se tornasse muito mais explícito no externar idéias sobre as relações do Novo com o Velho Mundo...

Tais suposições, autorisadas por certa plasticidade mental do homem sempre em dia com os acontecimentos capitais, do homem que até os antevia, do

homem de “personalidade complexa” como Joaquim Nabuco, nos levam a acreditar que — ante a guerra de proporções nunca vistas — ele deixaria de pensar que politicamente estivéssemos mesmo separados da Europa “tão completamente como a lua da terra”, para acompanhar mais de perto o ensinamento contido no senso de providencia de Rio Branco e até para curvar-se à evidencia, acompanhando Rui Barbosa em seu famoso discurso de 1916. Porque, na verdade, como dissera Rui naquele discurso lembrado pelo Presidente Truman, quando de sua visita ao Brasil, “os oceanos que nos circundam não nos insulam jurídica e politicamente do resto do mundo”; e daí a América não poder isolar-se, alheiar-se à conflagração mundial, porque o seu alheamento seria um golpe mortal não só para o seu proprio desenvolvimento mas também para o desenvolvimento europeu. (4)

É, portanto, lícito duvidar com o Embaixador Raul Fernandes em antigo e penetrante estudo, se Nabuco em 1914 conceberia do mesmo modo que vinha concebendo as relações da América, com a Europa. (5)

Nada de ocioso nesta digressão necessaria, destinada a salientar ainda uma vez não só a visão realista que Nabuco tinha dos assuntos internacionais, onde sempre desejou encaixar bem os interesses de toda a América, mas também destinada a mostrar a idéia pan-americanista evoluindo e adaptando-se, a ponto de originar uma declaração deste teor do Presidente Franklin Delano Roosevelt em 1939: “Relativamente aos assuntos pan-americanos, a geração passada interessou-se na construção dos princípios

e mecanismos pelos quais este hemisfério trabalharia junto. Mas a nova geração interessar-se-á pelos métodos por cujo intermédio o Novo Mundo poderá viver em contacto com o Velho Mundo.” (6)

Uma afirmação assim, feita no ano em que estourou a Segunda Grande Guerra, pelo Presidente dos Estados Unidos, um Roosevelt tão clarividente e popular como o dos tempos de Nabuco, veio mostrar à saciedade que o propalado teorismo de Rui não estava tão longe da realidade, e que o pan-americanismo passara a ser visto, não como um fim continental, mas como “um meio de atingir finalidades mais amplas porque universais”, como disse o Embaixador Oswaldo Aranha ao falar n, O Destino Universal da América”. (7)

Tambem é preciso observar no Nabuco levemente contraditório, que nunca se desgostou da paisagem cultural da “sagrada Europa”, que ele se tornou um nome de primeira plana da historia do pan-americanismo pelas suas inúmeras qualidades e não só pelo fato venenosamente visto por Oliveira Lima, de se fazer “too American” em Washington, como se fazia “too British” em Londres, “too Roman” na Italia, ou “too French” na França. . .

Si assim não fosse, si agisse de outra forma, sendo por exemplo “too Roman” na França ou “too British” em Washington, ele seria um péssimo diplomata e não teria realizado com o êxito invulgar que realizou, a sua maravilhosa e imperecível atividade unionista na América, atividade baseada em convicções vindas de muito longe, vagarosamente reforçadas pela experiencia e realizadas com aten-

ções distribuídas tanto para o norte como para o sul do continente.

Fôra o americanista convicto, o pan-americanista esclarecido que, como o Presidente Wilson, desejava preservar a América das lutas sangrentas que se antepunham ao progresso do Velho Mundo, onde o Eça dos "Écos de Paris" vira "um verdadeiro hospício com o ar viciado pelas teorias". Vivera numa época que lhe autorisava almejar a realização deste sonho de uma América à margem das guerras e morrera muito antes da eclosão daquela que teve carater universal, a que nenhuma nação organizada poudesse ser indiferente.

O seu exemplo frutificou, contribuindo para a união de uma América antes ressabiada com as variantes da "Ilusão Americana", criando o clima que possibilitou enfrentar as incertezas do futuro, em 1914 e até em 1939.

Abrira uma clareira imensa no emaranhado das incompreensões. A sua última bandeira de luta, a do Pan-Americanismo, está incorporada às suas realizações imperecíveis. Também o pan-americanista convicto reviverá politicamente em outras gerações, como ardentemente desejara. De outra maneira não teria determinado as expressões felizes de um grande yankee sóbrio como Elihu Root, na cerimônia de inauguração do edificio da União Pan-Americana em Washington:

— "Respeitado, admirado, amado, seguido por todos nós, possuindo nossa inteira confiança, ele foi, no movimento internacional do qual procede a construção deste edificio, figura dominante. Sua influencia benéfica imprimia-se em todos os nossos atos.

Nenhuma benção que se pudesse pronunciar, sôbre esta grande instituição, seria tão rica de promessas para seu futuro quanto o desejo de que sua memoria enobrecedora perdure, de que seu espirito civilizador domine nos conselhos da União Internacional das Repúblicas Americanas.”

(1) Conde Carl Moltke — cit Carolina Nabuco — vol. cit. — pag. 482.

(2) Elihu Root — Idem, Idem, — pag. 486.

(3) Joaquim Nabuco — Idem, Idem, — pag. 409

(4) Rui Barbosa — “A. América não pode isolar-se” transcr. em “Pensamento da América” — 7-9-47, — pag. 117.

(5) Raul Fernandes — conf. cit. — Acentuando que os Estados Unidos foram obrigados em 1914 a sair da órbita separada para entrar na comum, onde, na sua ausencia, se jogavam os seus destinos, mostrando que só o pan-americanismo seria impotente para nos preservar da calamidade de uma guerra mundial, o autor alinha estes dados impressionantes com relação à influencia da primeira grande guerra na economia brasileira: “As rendas da União caíram, em consequência da diminuição das importações, e fomos forçados a suprir a falta aumentando a divida pública em mais de um milhão de contos sob forma de papel moeda e emissão de apólices. Quinhentos mil imigrantes deixaram de entrar no Brasil, e muitos já estabelecidos, tiveram de se repatriar. Por motivo do encarecimento das mercadorias estrangeiras, dispendemos a mais, em pura perda, cem milhões de libras esterlinas, ao mesmo tempo que perdiamos pelo menos outro tanto pela cessação do afluxo do capital europeu, que antes da guerra era importado em escala crescente. O custo da vida, que era de 100 em 1912, subia a 222 em 1920.”

(6) Franklin D. Roosevelt — “Nossa Democracia em Ação” Ed. Livraria do Globo — Porto Alegre, 1942 — pag. 58.

(7) Oswaldo Aranha — “O Destino Universal da América” Transcr. em “Pensamento da América” — Supl. cit. — Ano III — pag. 53.

★
ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A
RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SAO
PAULO, PARA A COMPANHIA EDITORA
NACIONAL, SAO PAULO, EM 1950.

★